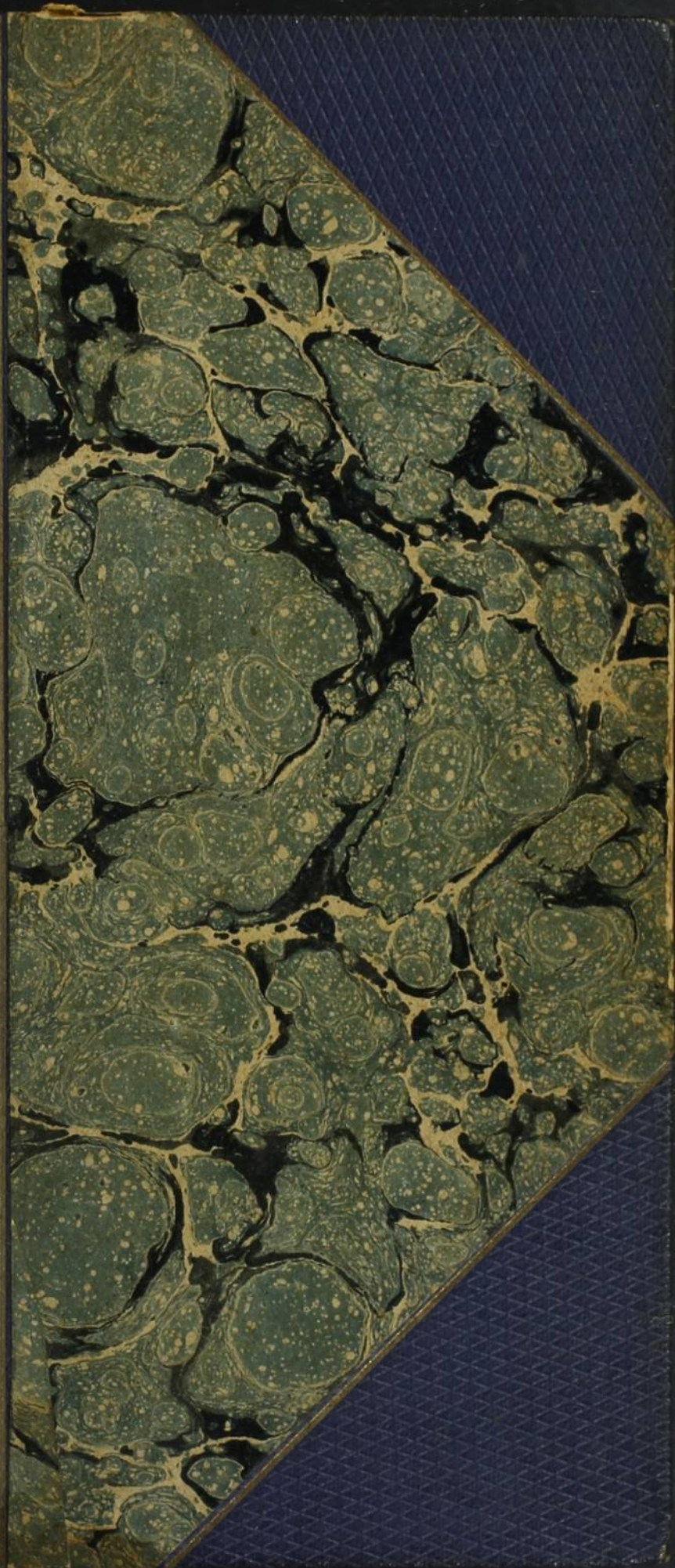
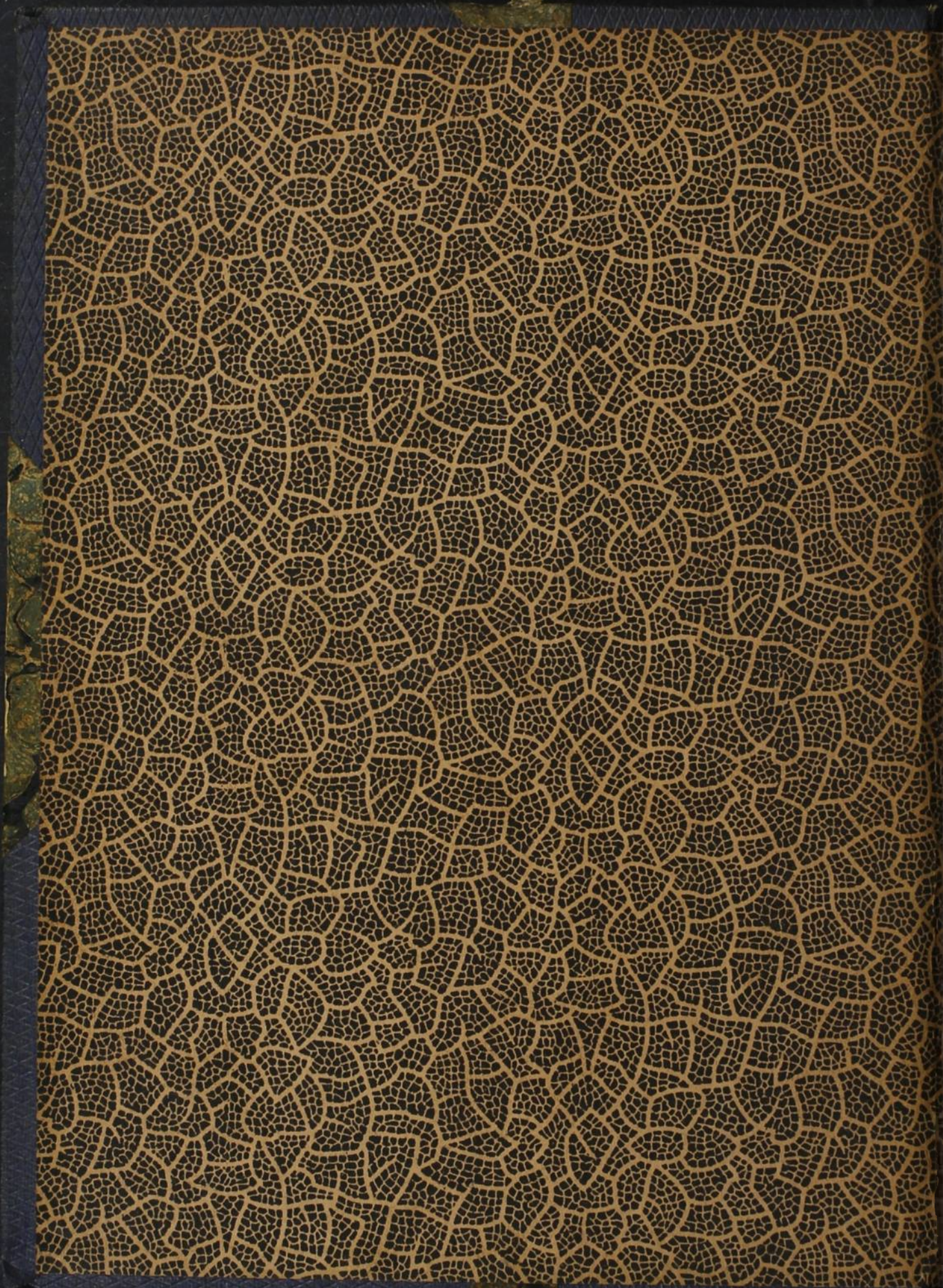


MACEDO

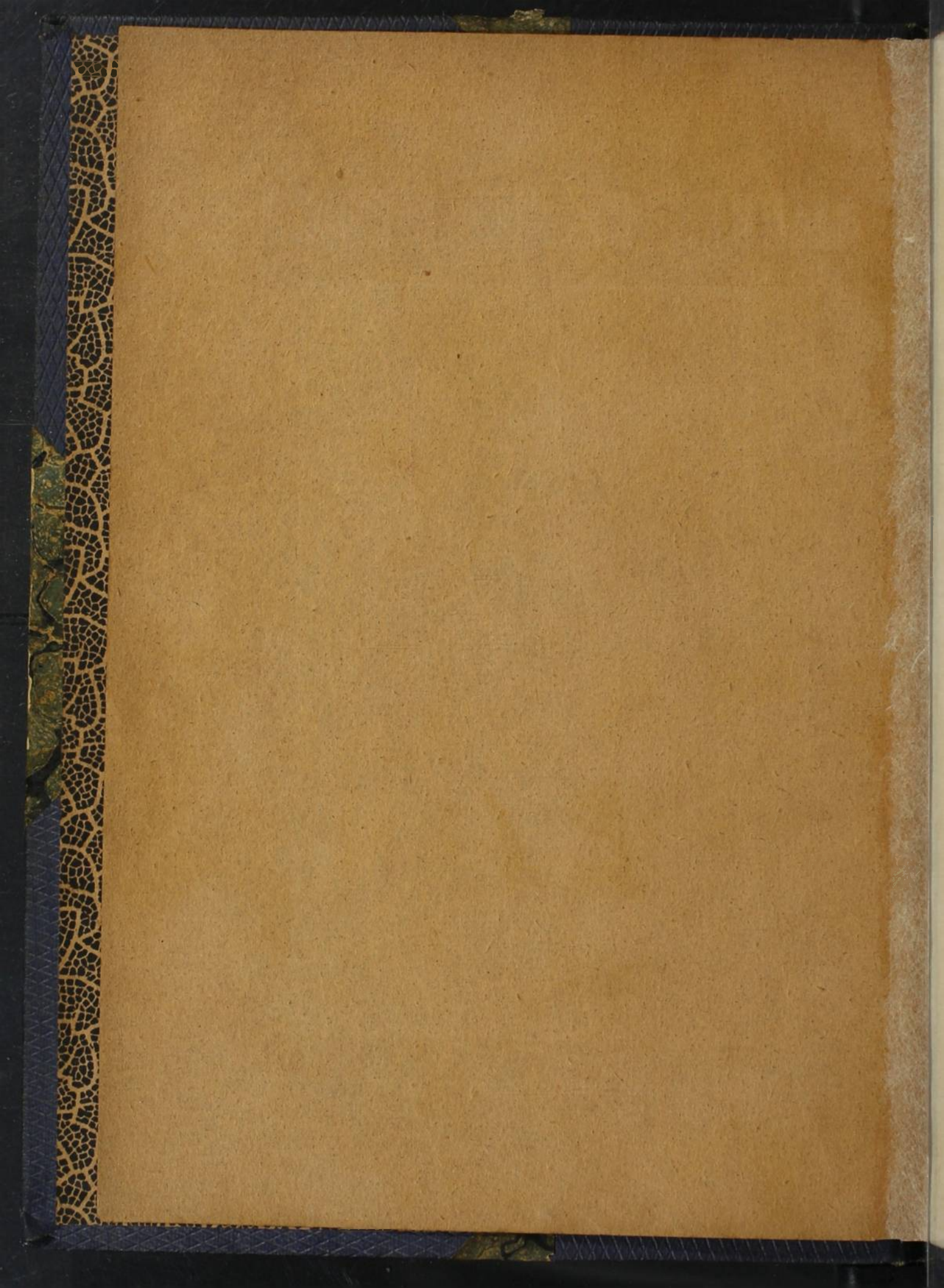
AMORES
DE UM MEDICO

LIVRARIA TEIXEIRA
Rua S. João, 8 - São Paulo



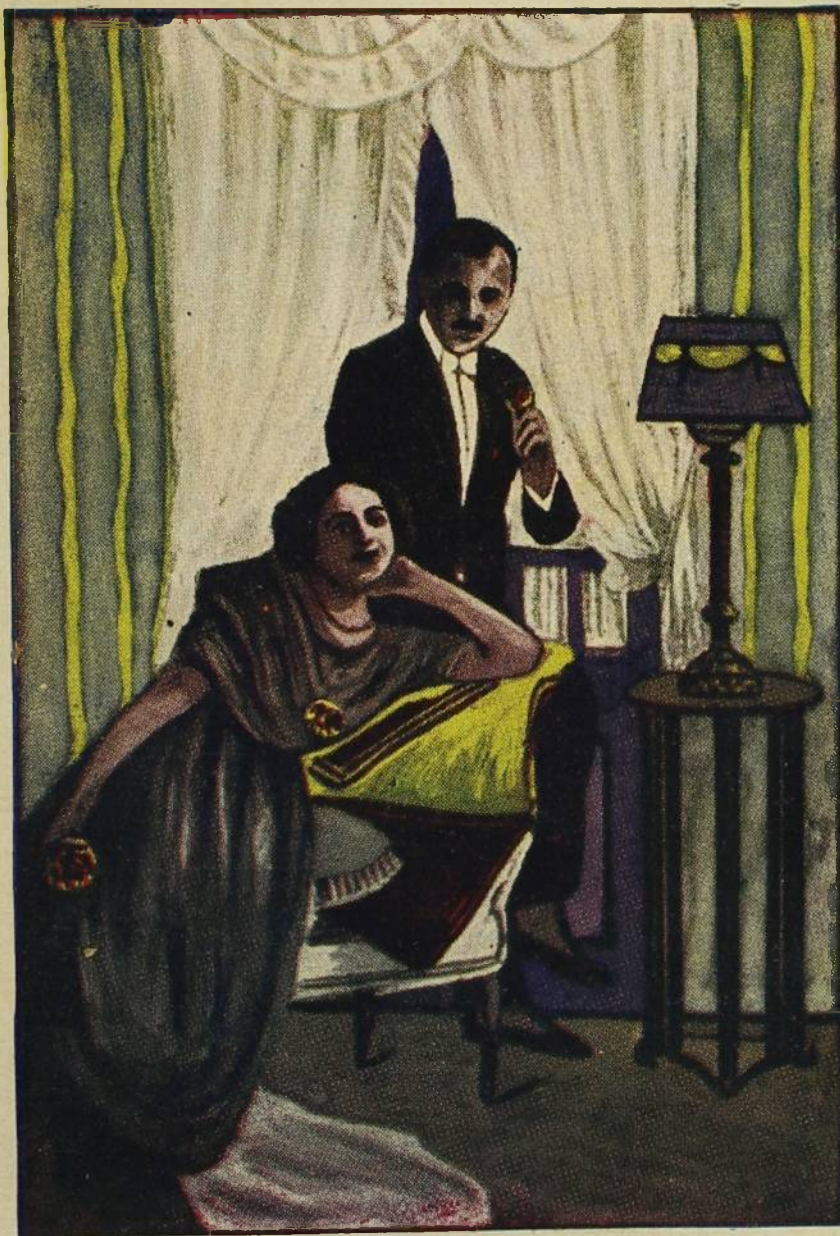






JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

AMORES DE UM MEDICO



LIVRARIA TEIXEIRA
RUA SÃO JOÃO, 8

SÃO PAULO

AMORES DE UM MEDICO

TYP. CONDOR
Rua do Carmo, 23
S. PAULO

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

AMORÉS DE UM MEDICO

(OBRAS POSTHUMAS)

NOVA EDIÇÃO



S. PAULO
C. TEIXEIRA & CIA. - Editores
8 - Rua de S. João - 8
1927

O MONTE DE SANTA THEREZA

Cheguei á cidade do Rio de Janeiro no dia 13 de novembro de 187...

Não gostei.

Tenho em desprezo os prejuizos do vulgo; ainda assim, porém, ou erro de educação de familia, ou contagio de fraqueza de espirito e da absurda prevenção a que não são estranhos até alguns homens illustrados, não posso vencer minha tola ogeriza ao numero 13.

Cheguei, pois, no dia 13 de novembro.

O calor já era intenso.

Partindo de Goyaz com destino á França para formar-me em medicina na Escola de Paris, eu tinha passado apenas oito dias na cidade do Rio de Janeiro, embarcando logo para a Europa.

Não aclimado ainda na capital do imperio e como estrangeiro recém-chegado, fui muito prevenido pelo correspondente de meu pae dos perigos que corria, e que eu avaliava bem, se em dezembro ou janeiro proximos rompesse a epidemia da febre amarella.

Orgulho, ou mesmo vaidade, afigurou-se-me indigno de um medico fugir medroso á peste, indo passar o verão além da Serra do Mar, ou em alguma das suas alturas, a que não chega o flagello terrivel; mas, acci-

tando prudente conselho, deixei o hotel, onde no centro da cidade me hospedára, e tomei modesta e agradável casa no monte de Santa Thereza, que me recommendaram como de optima salubridade.

Embora fosse provisoria, a minha residencia em Santa Thereza era nociva á estreia da clinica medica de quem, por novo e desconhecido, tantos embaraços tinha já a vencer.

Era-me porém facil esperar. Não me preocupavam apprehensões de apuros economicos. Graças á minha segunda providencia na terra, graças a meu bom e estremecido pae, eu tinha na casa commercial do seu correspondente credito aberto de quantia excedente ao que eu poderia despender em dois ou tres annos, ainda mesmo que em tres annos de todo me falhasse a clinica.

Aos vinte e cinco annos de idade e filho de homem muito rico, eu jurára a mim proprio não abusar do santo amor e da liberalidade de meu pae, limitando-me a viver abastado e muito decentemente.

Além disso meu pae me escrevera prevenindo-me de que no anno seguinte viria á côrte para abraçar-me, recommendando-me muito que trabalhasse por acreditar-me na capital, onde me queria estabelecido.

Assim pois povoei o meu retiro campestre com um creado e com um cozinheiro, a quem não via senão em casos de serviço. Era tudo quanto se me fazia necessario: até com os meus habitos da vida de Paris durante sete annos, o cozinheiro me pareceu de mais e me foi incommodo; mas então o hotel que havia em Santa Thereza não me satisfazia.

O monte de Santa Thereza é um dos mais ricos e preciosos thesouros, como os não tem igual, nem de pouco somenos a igualá-lo, nenhuma das capitaes da Europa.

Nessa grandiosa e pittoresca projecção da Serra do Mar — opulencia d'agua optimas, vegetação beneficiadora, ar atmospherico purissimo, e enfim o que é menos, e ainda é muito, throno da natureza em majestade admiravel, recebendo a vassallagem de panoramas enlevadores e sublimes tanto nas vertentes maritimas, como nas oppostas que olham para o interior, desvendando o immenso amphitheatro cercado pelas altas e grandiosas muralhas da serra dos Orgãos, e a baixa planicie semeada de espigões e de outeiros, e a cidade a estender-se e a alargar-se por entre elles, a subir por alguns e a encobrir-se além de montes destacados.

Informaram-me que ainda no correr do terceiro decennio do seculo actual só havia uma rua ou antes estreita estrada no monte de Santa Thereza; era a que passava e passa ainda hoje diante do convento de freiras da regra daquella Santa, e que logo em seguida acompanhava o extenso aqueducto chamado da Carioca, até então denominado da Caixa d'Agua. Raras eram as casas e as chacaras, quasi todas separadas por sensivel, distancia, e em pequeno numero os habitantes.

Hoje o quadro é outro: abriram-se ruas, alinharam-se casas, das quaes ha muitas de elegancia e de luxo e com bonitos jardins: a civilização da cidade subiu o monte de Santa Thereza e a população é nelle numerosa e cheia de vida.

A rua principal é a do Aqueducto, que de todas a mais recta por vezes comtudo se encurva, obedecendo aos accidentes da montanha; as outras, como a de Mont'Alegre, a de mais arte e mais bella, sobem serpenteando por curvas de facil declive, ou rompem de caminhos ingremes; algumas, parallelas e de curta extensão, seguem dominadas a cavalleiro as mais baixas pelas mais altas.

O que, porém, torna verdadeiramente pittoresco esse bairro da cidade encerrado nella e como della independente, é, a par e ao perto de casas de campo elegantes e de luxo e de muitas de gracioso aspecto, a situação variada de outras ou grandes ou pequenas iminentes sobre a rua do Aqueducto, umas a poucos metros de maior altura, outras acima dessas e para as quaes se sobe aqui por avenida ladeada de arvores e de arbustos floridos, ali por estreito e rude carreiro, mais além até por escadas regulares ou grosseiras, e abaixo da mesma rua, na aba mais alcantilada do monte, a espelhar-se em fundos precipicios, casas modestas e pobres destacando-se isoladas no alcantil e á beira de medonhos despenhadeiros, como desesperos humanos assentados á bocca de abysmos, onde para cair só esperam o impeto das aguas em alluvião ou o violento furor dos furacões da borrasca.

E', um ao pé do outro, o bello e o sublime!

II

A MINHA CASA

Minha casa era... que importa onde?... basta que o saiba e que o lembre muito o meu coração.

Era em uma das alturas da vertente de terra um pouco distante e a cima da rua; solitaria porque estava isolada a uns vinte metros do mais chegado vizinho; porta de entrada ao lado direito, três janellas á frente com vidraças que se abriam em par e venezianas; um só pavimento; pintada toda de branco, dir-se-hia uma cabra dessa côr mostrando-se em pé naquelle ponto de aba-alcantilada do monte.

Duas acacias e algumas roseiras abaixo das janellas, pecegueiros, laranjeiras e arvores de pão de mistura e sem ordem, seguindo aos lados e até meia des-

cida o caminho ingreme e curvo que ia abrir-se á rua, e para mim o melhor que tudo mais á esquerda da casa terreiro muito pouco extenso, perfeitamente plano pelo trabalho do homem, com taboleiro de relva, gradil de madeira na frente, e tendo em sua extrema a sombreamento o ponto terminal do gradil, frondosa mangueira que ainda nas horas de mais rigor do sol offerecia fresco e deleitoso abrigo.

Ainda sem relações amigas, tendo em meu temperamento inclinações para aquella doce melancolia que parece embalar o homem na solidão, a mangueira era o meu conforto e minha suave consolação.

Eu a preferia ao meu gabinete de estudo. Levava uma cadeira para junto do seu tronco e passava alli horas esquecidas, contemplando o quadro que se abria ante meus olhos, ou muitas vezes lendo.

Deante de mim eu tinha de um lado o monte; era o lado mais rico de casas de campo, mais variado e pittoresco a inclinar-se, a debruçar-se, e como a descambar, descendo por entre jardins, vergeis e cortado de ruas a figurar fitas brancas.

De outro lado e fechando por detraz a minha casa elevava-se ainda mais o monte solitario e coberto de vegetação natural e um pouco mesquinha, e abaixo de minhas janellas desenrolava-se o espectaculo da cidade e de boa parte do interior da esplendida bahia de Nictheroy, que não tem egual no mundo e em cujas maravilhas eu admirava e louvava a majestade e o poder infinito de Deus. O quadro sublime absorvia-me sempre; mas no fim de mais ou menos tempo abria o meu livro, que era outra absorpção.

Havia perto de tres semanas que eu me achava residindo em Santa Thereza, raro descia á cidade, onde aliás não tinha ainda rompido a epidemia; começava a reatar doces relações com alguns medicos novos, como eu, que tinham sido meus contemporaneos

na Escola de Paris e com outros brasileiros distintos a quem conhecera e frequentara naquella capital; já mesmo me felicitava, recebendo a jantar no meu retiro do monte um ou outro desses alegres companheiros da Europa.

Era por certo muito agradável! Passavamos uma ou duas horas, antes de nos pormos á mesa, lembrando Paris, a Escola de Medicina, o travesso Bairro Latino, a Grande Opera, Victor Hugo e outras personagens, notabilidades da epocha, e emfim nossas perdoaveis doidices de moços estudantes. Depois do jantar saíamos a passeio... um encantamento sob todos os pontos de vista.

Eu porém nem um só dia deixava em esquecimento a minha querida mangueira. Já tinha mandado preparar e fixar junto de seu tronco banco de assento commodo e macio e ao pé deste pequena mesa para auxilio de minhas leituras, que muitas vezes me convidavam a escrever, tomando apontamentos de ideias para mim novas, ou de reflexões que me eram suscitadas.

Eu lia de preferencia quasi absoluta obras de sciencia medica ou philosophicas; ás vezes suavizava-me com a alta litteratura, lia Homero, Eschylo, Virgilio, Plutarcho, Shakspeare, Dante, Byron, Victor Hugo e Lamartine; mas apenas procurando nelles episodios, trechos, inspirações mais sublimadas, sem estudo severo e apenas como enlevado e utilissimo recreio de espirito.

Em geral tenho em pouquissimo apreço, quasi em menoscabo, o romance; ha porém alguns que me avassallam e ha um que de todo e a pesar meu me domina e arrebatá: é esse o mais simples dentre todos

— Paulo e Virginia — de Bernardin de Saint Pierre.

Já o reli dez vezes e uma manhã, como se nunca o tivesse lido, levei-o comigo para a sombra da minha mangueira tão predilecta.

Não me lembra agora o que em **Paulo e Virginia** estava lendo; sei que em viva commoção me sentia, quando de subito fui distrahido por argentinas risadinhas infantis proximas e que soavam abaixo da minha mangueira.

Não sou curioso indiscreto, mas todo o homem cede a impulso de natural curiosidade.

Levantei-me do banco... aproximei-me do gradil, debrucei-me sobre este, e vi...

Sem precedencia de exame, sem tê-lo feito ainda mesmo de relance alguma vez, eu tinha a certeza de que minha casa necessariamente senhoreava pela sua posição os lados e os fundos de outra que abaixo lhe ficava, abrindo janellas e porta immediatamente para a rua; mas por isso mesmo abstivera-me de procurar vê-la, em respeito ou á familia ou á pessoa que alli morava.

Então eu vi.

O fundo da casa era defendido e encoberto por filas de bambús e arvores fructiferas; mas os lados ficavam de todo á mercê das vistas do morador de cima: o lado direito limitava-se a pequeno pateo com portão de ferro para a rua, o da esquerda representava um quadrilongo de superficie plana, cavado na montanha, talvez uns quinze metros sobre dez de largo, todo relva e flores, acabando exactamente em **baixo da minha mangueira** em caramanchão, o qual era aberto menos do lado que olhava para a rua, e o tecto, que eram fechados por um tecido de jasmíns.

Tudo isto só depois distingui e apreciei; porque então eu não tive olhos senão para ver e contemplar uma santa e um anjo.

III

O ANJO E A SANTA

O anjo era um menino, provavelmente de cinco ou seis annos de idade: tinha os cabellos louros, o rosto branco e lindo, mas de brancura que me pareceu morbida, os labios descorados, e o corpo emmagrecido; brincava, correndo por entre os arbustos com um cãozinho preto que, provocado, o perseguia saltando e rosnando como embravecido, sendo porém na realidade o amigo e companheiro de travessuras do menino, que o chamava Pollux, e que nos ataques de Pollux soltava risadas de alegria infantil.

A santa era joven senhora que se revelava mãe do menino ao simples olhar com que o envolvia em enlevos de embevecida.

Eu devia ter logo recuado, deixando livres da minha indiscreta observação a mãe e o filho, mas confesso: nem tive ideia de o fazer. Sentia-me como preso.

A senhora estava sentada no banco do caramanchão, com o rosto voltado para a casa.

Provavelmente já segura da plena liberdade com que a aditava o morador de cima, ou por tributo de merecido respeito ou por melancolico recolhimento de excentrico solitario, não levantava os olhos para ver se era observada.

Sete horas da manhã. Ella vestia penteador ou roupão branco, fino, amplo: seus cabellos castanho-escuros denunciando opulencia de ondas crespas, isentos ainda de penteado regular, eram sustidos por fita azul clara que os prendia mal enrolados e como suspensos, caindo-lhe sobre as espaldas alguns caracoés de envolta com as pontas da fita.

Eu via-a apenas de perfil; depois, quando um pouco mais tarde se levantou e recolheu-se, pude vê-la de face: era ainda muito moça, de tez branca, e com suave nuance do moreno das judias; tinha a fronte alta e lisa, os olhos pretos e docemente oblongos, sobrance-lhas em mimoso arco, finas, mas accentuadas na côr, angulo facial perfeito, nariz nascendo de branda curva e a ir com elevação ainda mais completar-se admiravelmente proporcionado; labios roseos, humidos, o superior arqueando-se subtilmente, o inferior obedecendo harmonico á ondulação daquelle a formar a bocca mais mimosa que é possível imaginar; collo cuja majestade se combinára com a graça; mãos de brancura e de delicadeza inexcediveis, pés (eu cheguei a ver-lhe os pés, quando ella descia do caramanchão) pequeninos, como suas mãos. Certamente o corpo era de fórmãs admiráveis, que se adivinhavam no segredo immenso da amplitude do penteador ou do finíssimo mas muito largo e desapertado roupão, sob o qual submerso apenas em movimentos passageiros que o agitavam, deixava imaginar estheticas bellezas.

Mas o que não é possível explicar é a graça indizível que enchia como de prestigio essa bella senhora, que se diria mergulhada em uma atmospherã de encantos inexplicaveis e de attractivos irresistiveis.

Oh! era muito formosa!...

Mas essa joven senhora, eu o senti logo, adivinhei-o, não era feliz.

Havia nella indizível encantamento a contemplar, a seguir com olhos longos o menino, seu estremecido filhinho, que jubiloso brincava com Pollux.

E todavia traquinando innocente e alegre o filho por entre as flores, ella ás vezes submergia-se em mais que melancolico, em triste e sombrio scismar.

Alguma dôr, algum tormento secreto feriu aquelle coração, obumbrava aquella alma de mulher joven e

bella, extremosa mãe que esquecia os olhos no filho, mas a quem o filho não bastava para vencer e extinguir funda melancolia.,

Adivinhava-se no parecer, nos modos, no quasi irresistível engolfar em tristes reflexões alguma infeliz martyr.

Essa, evidentemente, doce mãe adorada de seu filho, tinha nos olhos e no coração abysmos de amor e de cuidados, observando, acompanhando as travessuras, zelando o queridissimo menino; este porém desatava risadinhas de alegria a brincar com Polluz, corria, saltava, parecia aditar-se, ser feliz, gritava, dizendo conceitos insensatos, mas jubiloso de anjo pela infancia, e ella, a mãe ternissima, indiciava consolação, mas nunca ria.

Era esplendidamente bella, mas triste ave formosissima, ferida na asa, mulher infeliz.

Ao vê-la formosa, admirando-a honesta, pura na revelação eloquente de sua pessoa e de seus modos, dentro em mim eu a tinha chamado — santa —; observando-a, estudando sua melancolia indizível, não vendo-a rir nem uma vez ás travessuras do filho, eu senti que havia nella mais do que uma santa martyr.

Porque essa joven senhora tão linda e portanto devendo ser tão aditada pelos desvanecimentos de sua belleza, e mãe tão extremosa devendo sentir-se tão feliz pelas alegrias do filho, não ria nem uma vez sequer, festejando os sonhos vaidosos de mulher encantadora, e o brincar jubiloso do menino querido?...

E' no bello ceu dos labios da juventude que se abrem os mais francos, verdadeiros e perfeitos risos da vida, e no ceu da joventude dessa formosa senhora era a melancolia que se mostrava espargida e não era o riso da felicidade que radiava.

E todavia a tristura manifesta, mas temperada de dulçor de santa resignação, fazia ainda mais do que

podéra fazer o rir jucundo, exaltar o interesse, a sympathia, o enlevo d'alma, que a joven mãe, e de esplendida formosura excitava.

Eu me sentia absorvido pelo encanto da sua presença, a olhál-a, a admirál-a, porque o não direi?... a adorál-a com absoluta alheação de mim proprio, e prestando-lhe culto, como o que é devido a uma obra divina, a um portento de belleza humana.

Quanto tempo?... não sei; mas um raio de sol penetrou no caramanchão, e com a sua luz activa e immediata feriu já severo a violeta.

A joven bella e melancolica levantou-se e disse alto:

— Lulu, o sol começa a arder, e pode fazer-te mal; já traquinaste bastante, vamos recolher-nos e almoçar.

E depois fallando ao cão:

— Pollux! vem cá, Pollux!...

E o cãesinho obedeceu, como escravo fiel, acudindo á voz da senhora.

A joven saiu do caramanchão, beijou o filho muitas vezes, tomou-lhe depois a mão e o foi levando comsigo para a casa.

Pollux seguiu atraz, saltando, rosnando ainda, socio brincador do menino, e mordendo as fimbrias da saia do penteador, ou do roupão da senhora.

Conduzindo o menino, que com o rosto voltado para traz ralhava com Pollux para que não mordesse o vestido de sua mãe, a joven senhora desapareceu a meus olhos, recolhendo-se a casa, como sol entrando no occaso.

A' semelhança daquelle que suspira desconsolado ao esvaecer da poetica visão que lhe arroubára os sentidos, eu me deixei por minutos com os olhos no ponto onde perdera de vista aquella formosissima mulher.

Depois afastei-me do gradil, sentei-me, fechei os olhos, e sem dormir puz-me a sonhar... doidamente.

IV

DESCOBERTA DO OBSERVADOR
CHAMADO IMPREVISTO

A pesar meu lembrei durante o dia todo a linda vizinha: queria não pensar e pensava sempre nella.

Deixára-me impressão profunda. E' sem duvida assim que se principia a amar.

Amar?!!! e com que fim?

A joven senhora era mãe, adivinhava-se que o era, e portanto devia ser casada: se o não fosse, tanto peor.

Com que fim ama-la-ia eu?...

Sou bem moço ainda e não posso ter pretenções á santa virtude dos castos; nunca porém em minha vida, a que não faltam desvarios, usei e conto não ousar a perversa tentativa da seducção de uma senhora casada, para quem não ha reparação possivel do mal que uma fraqueza amorosa póde causar.

Não creio, não admitto em homem de bom socego da consciencia, felicidade do coração, firmando-se no mais seguro e impenetravel segredo do amor inconfessavel. A mulher victima, a senhora casada seduzida é, será sempre baixa e vil no ultimo juizo do amado algoz, e não levanta os olhos para elle sem corar, e o seductor, ainda na mais viva flamma do seu amor, sabe, e crê seu grande tormento de apaixonado, se o é, sabe que a mulher que adora, e cujos favores goza, é forçadamente abraçada e beijada por outro homem, e ainda novo tormento, sabe tambem, e sente nos proprios cuidados estremecidos do segredo do seu crime, que elle é incontestavelmente — **ladrão** do thesouro alheio.

Reconheço que estas ideias fazem rir, excitam as zombarias dos sensualistas e dos sapientes revolucionarios revogadores não só da familia, mas até de Deus.

Que elles riam e zombem.

Eu creio em Deus, e a Deus todo me entrego com o fogo vivo da minha fé.

Eu presto culto como religioso á honra, á santidade e á inexcedível, incomparavel dita dos gozos puros do amor da esposa e da familia.

Sem familia o homem é o egoista parasita da sociedade: a familia é o verdadeiro e unico paraíso da terra.

E a senhora casada é a summa sacerdotiza, sempre vestal pela virtude, no templo da familia.

Quem perturba, quem leva profanação ao seio da familia, quem consegue fazer apagar nesse sacrario o fogo de Vesta, é como se fosse ladrão e assassino.

Eu não o fui até hoje, não hei de sê-lo jámais,

E consequentemente eu devia esquecer; não podia porém esquecer a bella e joven mãe daquelle menino, que brincava com o seu amigo, o bonito cãesinho Pollux.

Tive força bastante e dominadora de meu animo exaltado para não procurar informar-me de quem era, e das condições em que se achava e vivia a minha formosa visinha.

Considerando-a senhora casada, e tendo quasi certeza de que era mãe do menino, jurei a mim mesmo tributar-lhe a veneração devida a esses dois titulos para mim sagrados: esposa e mãe.

E cada noite jurava tambem á minha razão e á minha consciencia esquivar-me a vê-la de novo; mas a adoração do bello podia mais que a minha estudada prudencia, e em cada manhã, aproveitando o descuido ou a confiança da bella senhora, eu, sem poder vencer-me, debruçava-me no gradil e rendia-lhe silencioso, secreto culto de admiração e de enlevo, adorando-a sentada no caramanchão, e enfim desaparecendo ennublada pelas arvores e pelos bambús, entre os quaes meus olhos a perdiam.

Não sei quantas, dez ou mais manhãs assim... Afóra a contemplação da sua belleza, e da impressão que me causava sua melancolia, impressionou-me não pouco o aspecto e ligeira observação da pessoa do menino, que embora brincão e travesso, ia-se como finando em magreza, e progressivamente desbotando na côr.

Ou me enganava muito, ou affecção de character grave se estava desenvolvendo e podia ameaçar a vida do filhinho, que era talvez a 'consolação unica da senhora tão melancolica.

Mas o menino brincava sempre alegre, era como um beija-flor ou uma borboleta a voar por entre as flores.

Na ultima das manhãs em que eu me collocava no indiscreto posto, elle correndo embarçou-se com o seu camarada Pollux, e caiu.

A mãe soltou um grito e lançou-se para elle.

O menino levantou-se a rir, gritando:

— Não foi nada... foi Pollux.

A mãe tomou-o nos braços, e a esse movimento o menino, tendo o rosto meio voltado para cima, viu-me e apontou-me com o dedo, fallando baixo.

Antes que eu pudesse ter fugido, a joven senhora deu com os olhos em mim no momento em que eu recuava.

Confundido e vexado, nem soube o que me cumpria fazer. A minha subita retirada indicava indiscrição confessa... eu devia talvez ter cumprimentado com respeito e simplicidade a minha vizinha, e deixado logo depois o gradil.

Arrepellido e ás tontas, voltei no fim de dois ou tres minutos ao ponto donde intempestivamente ou tarde de mais me afastára...

A senhora e o menino já se tinha recolhido.

Era o meu castigo.

Não tornei mais áquelle ponto do gradil; ardia porém não sei em que especie de curiosidade; almejei logo saber, observar, se a bella senhora, levando o menino a brincar no jardim na manhã seguinte, procurava assegurar-se de que era ou não vista ou contemplada pelo seu vizinho, indicando contrariedade e desgosto pelo receio da minha presença inconsiderada e impertinente.

O gradil estava condemnado; das janellas da minha casa não se descobria o jardim, que tão poetico e encantador me parecia...

Como satisfazer o que se chamava minha curiosidade?...

No mesmo dia infeliz em que eu fôra descoberto em acto de indiscrição, apenas acabei de almoçar, pobre de mim, a illudir-me sobre a natureza do sentimento que me impellia, saí em anciosa exploração.

Atraz da minha casa, e além do limitado terreno de cultivo havia intermediado de negros dorsos de rocha, bosque denso e accidentado de quebradas, e de alcantis modestos: como botanista eu já conhecia a matta, como **curioso** fui explorá-la.

Andei muito tempo, duas horas pelo menos; mas emfim fatigado, arranhado por espinhos, e quando já morria-me a esperança cheguei á beira de despenho fundo, sobre o qual arbustos cerrados deixavam no entanto por entre elles divisar o jardim que a minha curiosidade anhelava.

Respirei.

Na manhã do dia seguinte e do outro e ainda do outro esqueci a sombra da minha frondosa mangueira, e fui metter-me no meio dos arbustos de enfesada vegetação á bocca do despenho.

Tres manhãs de punição!...

Espantada por mim, a doce mãe privára seu querido filhinho do gozo hygienico e optimo do jardim, que eu imprudente fôra apanhado a devassar.

Três manhãs perdidas, sacrificadas ao medo da minha adoração, tomada em conta de grosseira espreitação.

Tive, senti arrependimento que me atormentava, como se fosse remorso a morder-me a consciencia.

Eu desejava ardentemente assegurar á bella senhora a mais plena, absoluta liberdade dos gozos do seu jardim, para sempre isempto dos meus criminosos olhos adoradores...

Uma inspiração: na manhã do quarto dia trabalhadores activos cerravam com três filas de bambus já fortemente desenvolvidos e transplantados com preceitos, a que presidi, toda a extensão do gradil, donde podia vêr-se o jardim, que eu profanava com indiscretas vistas.

Era tudo quanto eu podia fazer, honrando o decoro, a castidade e os escrupulos da minha formosa vizinha.

Ella comprehendeu a eloquencia daquella plantação de bambus, que me roubava o dominio de panoramas admiraveis e enlevadores, mas que lhe garantia plena liberdade de fruição do jardim, que era o eden do seu filhinho.

Na manhã do sexto dia a bella senhora voltou com o menino ao jardim.

Preciso dizê-lo?... eu a vi nessa, e nas seguintes manhãs quasi aditada entre o filhinho que adorava, e a melancolia exigente de solidão.

Oh! minha curiosidade estava satisfeita, e eu teimava sempre a ir todas as manhãs postar-me na bocca do despenho para vêr aquella mulher!...

Não havia mais illusão possivel: eu amava a bella joven — esposa e mãe —. Amava uma senhora casada!...

Amá-la?... e para quê?... e com' que fim?... eu tinha em mim, inabalaveis, meus principios de moral e de honra, meus sentimentos de culto religioso á familia, de veneração á santa majestade de esposa.

E todavia eu amava perdidamente aquella senhora casada.

O meu amor era indizivel martyrio.

E passou-se um mês, mais de um' mês assim...

E uma noite, muito tarde, duas horas talvez do novo dia, despertei, ouvindo baterem-me á porta com a vehemencia do desespero...

Era chamado de dôr suprema...

O menino, o filhinho querido da minha vizinha estava em transes da morte...

Vesti-me em dois minutos, e antes de cinco o medico novel chegou á casa da amargura, e foi conduzido até o anjinho supposto moribundo, que estava no collo da pobre martyr, sua mãe, em angustias e consternação.

V

UM CASO DE CONVULÇÕES

Era um caso de convulsões.

Aproveitei para as primeiras e urgentissimas applicações os recursos que havia á mão.

Logo depois receitei, mandando vir da pharmacia proxima o que me pareceu conveniente.

Na casa achavam-se apenas a mãe do menino, este, uma senhora idosa, muito surda e (que era tia daquella, como vim a saber, e dois servos, um homem, outro mulher.

A principio tudo foi confusões e afflicções.

Foi-me indispensavel ser o enfermeiro do doente, o que aliás muitas vezes acontece ao medico em taes circumstancias.

A pobre mãe tinha perdido a cabeça, e, com o filho ao collo a contorcer-se horriavelmente, chorava e clamava por entre soluços:

— Senhor doutor, não deixe morrer meu filho!... meu filho!... meu querido anjo!...

E tentava rezar; mas não acertava com oração alguma, repetindo em desordenada mistura as principaes da fé catholica.

Os accessos convulsivos repetiam-se de dez em dez minutos, duravam pouco, mas deixavam o menino immovel e em suspensão dos sentidos.

Em um dos terriveis accessos eu tive dó da mãe consternada, e quiz tomar-lhe o menino, ella porém resistindo com desespero, bradou-me:

— Não me arranque meu filho!...

Foi preciso obedecer-lhe.

A's quatro horas da madrugada as convulsões cessaram para reaparecerem em novo acesso meia hora depois pela ultima vez: o rosto do menino foi perdendo a lividez como da morte, e retomando a côr, embora morbida, que eu tinha já notado nelle. Da suspensão dos sentidos passou a somno que não me tranquillizou de todo, porque era ás vezes acompanhado de ligeiras contracções dos musculos, da face e dos dedos da mão direita do doente.

A's cinco horas enfim elle dormia um pouco mais socegado.

Medico novo e receando que as convulsões terminassem fatalmente, eu tinha em seguida ás minhas immediatas applicações, e á receita que mandára á pharmacia, pedido uma conferencia, mas debalde o fiz; as duas senhoras não me entenderam, nem me responderam.

Pouco depois das cinco horas da manhã, eu disse à extremosa mãe, que ainda conservava o menino no collo e que não arredava do rosto delle os olhos:

— Minha senhora, o maior perigo já passou...

— O maior?... então é que ainda ha perigo, senhor doutor?...

— Ah... creio que não... tudo vae bem... mas é que do futuro só Deus tem a luz; socegue, minha senhora, e é tempo de deitar seu bello filhinho no leito...

— E' preciso?...

— Convem a elle e a v. ex.^a

Ella se foi levantando com as precauções e delicadezas da ternura maternal para que o menino não sentisse o mais leve movimento, e o deitou no seu proprio leito e tão de manso e cuidadosamente, como uma doce esperança de amor que, saindo da alma, vae deslizar no leve sorriso dos labios.

O menino continuou a dormir como estivera dormindo.

Eu considerei-o, estudei solcito seu rosto, e sua mão direita, e notei que as contracções dos musculos e dos dedos não se repetiam mais.

Todavia a ideia de ser o medico daquelle menino me contrariava muito: eu sentia-me tomado de tristes apprehensões concebidas ao vê-lo de longe, e então de perto não dissipadas, de alteração profunda em algum dos orgãos de sua vitalidade.

— Minha senhora, disse, sómente a urgencia de immediato soccorro fez que eu tivesse a honra e creio que a felicidade de ser chamado...

— O senhor doutor foi a providencia que Deus me concedeu; mas confesso, eu não sabia, foi aquelle rapaz (e apontou para o servo) que me disse que v. s.^a era medico... oh! e ainda bem, pois que salvou meu filho.

— Em todo caso foi o recurso de afflictiva occasião; infelizmente porém em relação á saúde de seu querido filho, penso que depois de ganhar esta batalha que aliás não está de todo finda, será preciso entrar em campanha medica, que será longa e difficil.

— Que quer dizer?... meu filho...

— Tranquilize-se, minha senhora; quero simplesmente indicar que o seu medico de familia deve tomar conta do doente que lhẽ pertence, e que exige, eu o supponho, serio tratamento...

— Então v. s.^a despede-se?... acha meu pobre filhinho affectado mortalmente e não quer... 'oh meu Deus!

— Mas não é isso, minha senhora! e que me cumpre entregar o doente ao seu medico...

— Eu não tenho medico de familia... uma ou outra vez, quando se faz necessario, meu irmão, o padre Evangelino, ou meu marido, Adolpho Soares, chamavam medicos de sua amizade...

— E portanto é algum desses...

A senhora agitou-se em desconfiança.

— Não, senhor doutor! não!... V. s.^a é o medico de meu filho...

— Minha senhora, estou formando em medicina ha poucos mēses... falta-me a pratica... a experiencia...

— Senhor doutor, v. s.^a me eterra! eu tenho de perder meu filhinho... olhe... a minha consolação unica... a minha vida...

Que podia eu fazer?... como deixar em ancias e desespero aquella mãe?...

— Bem, minha senhora, mas ao menos eu peço o favor de dar-me hoje dois collegas que em conferencia me esclareçam.

— A que horas?...

— Ao meio dia ou a qualquer hora da tarde.

— Senhor doutor, vou escrever a meu irmão.

Hesitei, mas ameaçado de responsabilidade que se me afigurava muito grave, disse:

— Perdão, minha senhora, eu desejava também a presença do esposo de v. ex.^a

Ella córou fortemente... pareceu vexar-se, depois olhou-me como suspeitosa ou enleada e perguntou:

— E'... que... estimaria... conhecer meu marido?

— Será grande honra para mim; o meu empenho porém é que o pae escolha o medico do filho.

— Sou casada, senhor doutor, disse a senhora com os olhos no chão, mas meu marido raramente me apparece. Todavia meu irmão procurará encontrá-lo.

Sem intenção eu obrigava a confidencia de triste segredo.

Desculpei-me. Observei o menino que dormia docemente. Recommendei que, quando acordasse, o conservassem no leito e não lhe fizessem applicação alguma, e que, no caso de se repetirem as convulsões, eu fosse immediatamente chamado.

A joven senhora muito commovida e ainda agitada fez signal á tia para acompanhar-me, não querendo afastar-se do filho, mas offereceu-me agradecida e docemente a mão dizendo-me com voz suave:

— Senhor doutor, a mãe deste menino é sua dedicada amiga.

Beijei-lhe respeitosamente a mão e saí.

VI

PRIMEIRAS REFLEXÕES DO MEDICO

Era dia claro.

Eu tinha passado desde as duas horas até ás cinco e meia da manhã ao pé da mulher encantadora, que no fundo d'alma eu amava a pesar meu; mas então,

além da sua egide de senhora casada, eu era medico levado ao sacrario da sua familia, e tinha tido deante de mim um menino ameaçado de morte.

Não ousei nem uma vez olhá-la em admiração da sua belleza. Nas primeiras duas horas a afflicção, a dôr violentissima, naturalmente a tinham desfigurado; depois, aos poucos voltada a esperaaça, e mais cuidadosa a corrigir os abandonos de sua pessoa, deveria ter tornado ao que era, apenas ainda em eclipse dos seus encantos pelo temor e por apprehensões crueis.

Mas eu tenho apenas conhecimento de que a principio seus cabellos estavam desgrenhados e que ella os enrolou rapidamente e os prendeu com um pente, depois que deitára o menino no seu leito. Ao accaso e nos impetos de sua maior dôr, vi-lhe os pés nús e sem sapatos, que mais tarde e já meio socegada procurou e calçou com ligeiro disfarce. Tenho consciencia de que não perturbei-a com a curiosidade ainda a mais passageira dos meus olhos.

Senti, e como não senti, o setim de sua mão pequenina, quando ella apertou a minha. Beijeilhe a mão, mas era dever de cortezia, e tributo de respeito fazê-lo, e meus labios não levavam nem fogo, nem tremor de commoção a esse beijo innocente.

Falando-lhe sobre o estado do filho, annunciando-lhe molestia de que eu suspeitava e que reclamava prolongado, difficil tratamento, e pedindo que o medico da familia ou algum outro mais experiente me substituísse, vindo tomar conta do meu doente de occasião urgentissima, pareci talvez demasiada e impiedosamente franco ou mesmo cruel, accendendo no coração da pobre mãe lugubres receios; procedi porém assim com reflectido proposito.

Mesmo á distancia o simples aspecto do menino já tinha-me despertado suspeitas de padecimento serio. Durante os intervallos dos accessos convulsivos, e em se-

guida, vencidos estes, examinei tanto quanto me foi possível o doente, que em notavel magreza apresentava crescido e um pouco duro o ventre; interroguei a mãe com escrupulosa solicitude medica, e entre outras informações que me fizeram dissimular conjecturas muito desagradaveis, ella me confessou que o filho era muito **guloso**, comia relativamente **exagerado**, admirando-a; porque ainda assim ia emmagrecendo cada dia mais e já com indicações de **ligeiros** incommodos intestinaes.

Tive para mim como provavel, quasi certo, o desenvolvimento de tuberculos mesentericos no infeliz menino, e a medo desse meu juizo, o que mais almejava era que fosse outro o medico, que teria de acompanhar a pobre victima até sua entrada provavel para a sepultura.

Eu tinha uma esperança só, e essa mais que muito duvidosa. Para mim as convulsões do menino tinham sido determinadas por maligna influencia de vermes intestinaes. Se estes eram causa de supposta tísica mesenterica, ainda era possível salvar a vida do pobre doentinho; mas se não eram causa, e sómente concorriam para complicar e agravar a mesenterite, o caso tornava-se ainda mais ameaçador.

Oh! eu daria dez, vinte annos da minha vida, para não ser o medico attestador da molestia e do obito do filho queridissimo daquella senhora de belleza deslumbrante que me allucinava.

E era ella a mesma a querer, a impôr-me tão grande sacrificio.

Cheguei triste e pensativo a minha casa: cedi á fadiga, deitei-me e adormeci, tenho antes ordenado que me acordassem ao primeiro chamado.

Ao meio dia fui despertado. Sentei-me no leito e li um bilhete que acabava de chegar, bilhete sem involucro, provavelmente pela ignorancia do meu nome para o sobrescripto.

« Senhor doutor. — Meu marido aqui está deseioso de abraçar aquelle a quem, abaixo de Deus, seu filho deve ter sido salvo da morte. Dois medicos estarão ás duas horas da tarde nesta sua casa para satisfazer ás escrupulosas exigencias de v. s.^a O meu, ou antes o nosso Lulu, parece de todo restabelecido, e á força o contemos no leito.

Esperámo-lo com o coração aberto e agradecido. — Sua dedicada amiga

Angela Soares.»

Chamava-se Angela! a raiz do seu nome estava no ceu: Angela!

Como me custou a preparar! mas eu não devia preceder muito a hora que me fôra aprezada para a conferencia.

A' uma e meia hora da tarde fui...

VII

O MARIDO

O marido de Angela recebeu-me muito bem.

Adolpho Soares era homem alto e bem apessoado; falava correntemente, embora não correctamente: reconhecia-se logo nos modos e na conversação que era inferior á da esposa sua educação: deveria ter sido bonito de rosto, mas em castigo de costumes manifestamente irregulares, as vigalias e a syphilis tinham alterado seu semblante com estragos lamentaveis, que lhe davam aspecto quasi repugnante.

Angela não tardou em apparecer: estava vestida de branco. Apertou-me amigavelmente a mão, sorriu-me e disse:

— Achei-me em certo vexame ao escrever-lhe o meu bilhete... nas horas afflictivas que passei esta noite incorri em rude falta; nem lhe perguntei o seu nome...

— Mario da Silva, minha senhora...

— Senhor doutor Mario...

E voltando-se para o marido, começou a fazê-lo ouvir o elogio da minha supposta capacidade medica e dos cuidados com que eu tratára o menino.

Interrompi-a, pedindo licença para vêr e examinar o meu doente.

Angela entrou logo adiante, levando-me para a sua sala de dormitorio, onde estava o menino.

Adolpho Soares ficou na sala de entrada.

Causou-me impressão, a mais desagradavel, aquella indicação de fria indiferença para com o filho, e de incivildade para comigo.

Creio que Angela notou algum signal de desprazer em meu rosto; pois ao chegar ao quarto, disse-me:

— Peço-lhe que não repare... meu marido é... assim.

Eu curvei-me e não respondi.

O menino sorriu-me quando me cheguei a elle.

Depois de acariciá-lo, e de procurar ganhar-lhe a sympathia e a expansão que me eram necessarias, sujeitei-o a detido e serio exame geral, interroguei-o, e recolhi tambem todos os esclarecimentos que a mãe me podia dar.

Os dois medicos chegaram, quando eu tinha acabado o exame do doente, e a que elles tambem procederam depois que lhes fiz a exposição de quanto se passára na noite e madrugada tormentosas.

Fomos para a sala principal.

Os meus collegas tiveram a bondade de approvar quanto eu fizera, declarando que nenhum outro medico teria feito mais ou melhor.

Agradei, mas disse logo que o objecto da conferencia que eu pedira era essencialmente outro.

A presença de Angela incommodava-me. Voltei-me para ella e disse-lhe:

— Convém dar algumas colheres de caldo ao seu menino, minha senhora; elle m'o pediu.

A mãe estremecida ficou com os lábios lividos e apenas murmurou:

— Logo... mais...

O marido selvagem disse:

— Oh! ella tem coragem... podem fallar: então o pequeno está mal?...

Não lhe dei resposta.

Disse aos meus collegas o que pensava.

Concordaram comigo em que as convulsões tinham sido causadas por vermes intestinaes; um' delles porém propoz a applicação de antihelminticos energicos, sustentando que os symptomas que me faziam acreditar no desenvolvimento de tuberculos mesentericos o eram sómente de avultado numero e da influencia perniciosissima de vermes nos intestinos.

O outro medico apoiou-me vivamente, demonstrando muito melhor do que eu a triste realidade da molestia quasi sempre fatal e o tratamento baseado principalmente na hygiene e em alimentação apropriada, admittidos apenas os entihelminticos mais brandos.

Foi prolongada a conferencia, e tanto que impacientou o pae do doente.

— Mas por fim de contas?... perguntou elle um pouco rudemente.

Eu respondi grave:

— V. s.^a escolha medico para tratar de seu filho.

— Eu?... se eu não os entendo!... a senhora que escolha...

Semelhante pae já me inspirava não sei bem se horror, se tedio.

Dirigi-me a Angela.

— Sinto dizer, minha senhora, que não consegui o que esperava, pedindo a v. ex.^a que mandasse chamar o senhor seu marido para assistir a esta conferencia.

— Porque?... exclamou elle, perguntando.

— Porque v. s.^a e impaciente de mais comnosco, quando tratamos da saude e talvez da vida de seu filho.

O miseraveel encolheu os hombros, e foi debruçar-se a uma janella.

— Minha senhora, disse eu a Angela que estava desconsolada e abatidissima, aqui estão dois medicos mais illustrados e mais experientes do que eu, escolha e confie a um delles o tratamento de seu filho.

— Escolho, e quero, e peço pelo amor de Deus o sr. dr. Mario...

A confiança era immensamente atormentadora.

— Perfeitamente, minha senhora, perfeitamente! disse o medico que estava de accordo commigo.

Eu hesitava: tinha as mais tristes razões para hesitar, para negar-me.

Angela veio a mim debulhada em lagrimas:

— Nega esta esmola... suprema á infeliz mãe que lhe estende a mão?...

E ella estendia a mão, como desgraçada mendicante...

Meu Deus! que fazer?

— Não, minha senhora, eu me dedicarei todo a seu filho...

— E salva-lo-ha!... exclamou Angela.

Voltei-me para o medico, meu collega, que pensava como eu, e provoqueei-o a falar.

— Doutor, appello para o seu testemunho, e para a sua consciencia de medico illustrado e pratico. Eu declaro, e ousou annunciar a esta respeitavel e estreme-cida mãe que ella vae encarregar-me de seu filho, que,

em minha opinião, soffre molestia que é de ordinario fatal.

— Penso do mesmo modo, doutor.

— Digo que presumo o menino affectado de molestia raramente curavel.

— E' exactissimo, doutor!

— Desconfio das minhas habilitações para curá-lo porque são poucos os casos em que a sciencia medica tem conseguido triumphar de soffrimentos semelhantes.

— Confio plenamente nas habilitações provadas do collega, mas estou de inteiro accordo quanto á fraca confiança que deposita na sciencia medica na maior parte destes casos, respondeu o mais velho dos medicos interrogados.

— Quer-me ainda assim para medico assistente de seu querido, mas infelizmente muito ameaçado filho?...

— Quero-o.

— Minha senhora, se-lo-hei só por obediencia á vontade de v. ex.^a

Nesse momento Adolpho Soares deixou a janella, onde se debroçara, e perguntou:

— Já acabaram a historia?... em que ficaram por fim?...

Angela respondeu friamente:

— O sr. dr. Mario por dedicacão e verdadeira caridade se presta a encarregar-se do tratamento de meu filho affectado de enfermidade considerada mortal.

— Acho que foi acertada a resoluçãõ; quem principiou o tratamento, deve acabá-lo.

E isso dizendo, Adolpho Soares tomou o chapéu, e, dirigindo-se a mim, disse-me friamente.

— Veja se pode curar o pequeno.

E, despedindo-se sem cerimonia dos dois outros medicos, retirou-se sem dar attenção ás lagrimas que enchiam o rosto da esposa, e sem ao menos ir vêr o filho em despedida.

Os medicos olharam-se como espantados, e pouco depois os dois conferentes se retiraram, tendo antes, principalmente aquelle que estava de accordo comigo, approvado o tratamento que propuz para ser applicado ao menino doente.

VIII

O PADRE EVANGELINO. COMEÇO DO TRATAMENTO DO MENINO

Fiquei só com Angela que, notando o meu ar grave e um pouco triste, disse-me:

— Doutor, porque esse parecer abatido e melancolico, que vejo estampado em seu rosto? não lhe resta pois nenhuma esperanza?...

— Tranquillize-se, minha senhora, ao medico só falta a esperanza em caso desesperado, e eu, que receio ter pouco a esperar, ainda comtudo não desesperei. O que observa em minha physionomia é o grande desgosto que me causou, devo confessá-lo, o modo por que fomos tratados por aquelle que mais interesse deve ter na saude e na vida de seu interessante filho.

— Tem razão, doutor, mas cumpre dizer-lhe que isso lhe causou reparo porque ainda ignora as condições da minha vida infeliz. Mais tarde saberá tudo, e por ora basta-lhe saber que, no tratamento do menino, só terá de haver-se comigo.

— Bem, minha senhora, vamos tratar do nosso doentinho.

E recommendando que deixasse o menino em repouso nesse dia, dispunha-me a sair, quando chegou o irmão de Angela, o padre Evangelino.

Era um padre ainda muito moço e bonito, que apresentava notavel semelhança com a irmã; tinha os ca-

bellos um pouco longos, caídos para traz, era magro e de physionomia agradabilissima. Era emfim um bello homem.

Logo que me foi apresentado por Angela, elle agradeceu-me docemente os cuidados que eu gastara com o sobrinho e, sabendo da situação perigosa em que este se achava, approvou muito a escolha do medico para tratá-lo e acompanhado por mim e pela irmã foi vêr o menino, a quem acariciou com agrado e mimo paternaes.

De volta para a sala, ficando Angela com o filho, o padre Evangelino demorou-se cerca de uma hora a conversar comigo amigavelmente, manifestando em sua conversação seria, mas agradável, evidentes dotes de espirito.

Sabendo quem eu era e o motivo que me fizera vir habitar temporariamente no monte de Santa Theresza, disse-me que agradecia a Deus a boa fortuna de sua irmã e de seu sobrinho, que lhes deparára soccorro tão prompto e tão feliz.

Desculpou-se por haver demorado tanto a sua chegada e procurou desculpar tambem o procedimento do cunhado, contra quem não fez ouvir a mais leve queixa, limitando-se a mudar logo o assumpto da conversação.

Discorreu um pouco sobre a molestia do menino, mostrando-se intelligentemente convencido de sua extrema gravidade, e confiando entretanto na minha proficiencia medica.

Por ultimo deixou-me sair, e eu confesso que me retirei um pouco captivo do excellente padre, que se soubera recommendar por seus modos e por ligeiras indicações de instrucção superior manifestadas sem pretenção.

Voltei para minha casa, escolhido contra meus desejos para ser o medico assistente do interessante e

mal aventurado Lulu, que assim era tratado familiarmente o menino.

Quaesquer que sejam os meus erros futuros, devo dizer em meu abono, que saí da casa do meu doente com a mais perfeita tranquillidade da minha consciencia de homem de bem. Vi em Angela uma joven formosissima, a despeito de sua natural commoção, mas com certeza ella não poderia queixar-se da impressão que deixára em meu espirito, e que já tinha antes produzido em mim.

Pelo contrario, a lembrança da surpresa em que eu fôra apanhado a observá-la no seu jardim e mais do que isso o meu dever de medico, me tinham imposto a mais severa reserva e o respeito mais profundo.

Mas, em summa, eu era o medico de seu filho, e cumpria-me voltar a sua casa.

No dia seguinte lá fui.

As convulsões tinham abatido um pouco o meu doente. Achei prudente deixá-lo descansar quatro dias.

No entanto prescrevi-lhe dieta progressivamente substancial e tres calices de agua de coco verde da Bahía (cocotier fr.) diariamente, o que bastou para determinar a expulsão de vermes, cujo numero avultou no fim de uma semana.

Passados os quatro dias comecei o tratamento regular e insistente: passeios moderados a horas apropriadas, boa e escolhida alimentação, colheres de vinho generoso, e quanto a medicamentos, muita parcimonia e só em obediencia á indicação dos symptomas.

E' claro que não farei aqui uma **observação de clinica de pathologia interna**, expondo como acompanhei a molestia do menino, empenhando-me em combatê-la.

Eu visitava o pobre Lulu regularmente de três em três dias, a menos que não fosse chamado para observar qualquer alteração sobrevinda.

Frequentando porém assim e obrigadamente a casa de Angela, eu mantinha-me em procedimento reservado para com ella, indicando apenas veneração escrupulosa correspondida por innocente agrado.

IX

O PASSADO DE ANGELA

Como era de prever, á expulsão de quantidade de vermes saindo aos poucos e não sob a violenta acção de substancias medicamentosas irritantes, o menino apresentou indicios de melhora muito sensivel, que alegraram a joven mãe, e a velha tia, mas não illudiram o medico.

Angela dizia-me jubilosa:

— O nosso Lulu recupera a saude a olhos vistos... O doutor salva-o, estou certa disso.

E eu lhe respondia:

— Peça-o a Deus, minha senhora. O medico vê mais longe e mais claro do que a dôce mãe. A cura do nosso doentinho pôde ser possível, mas continúa duvidosa.

Ella, coitada, protestava, dizia que eu era o melhor e mais sabio dos medicos, com' o enorme defeito porém de muito medroso e desconsolador por isso.

Salvando minha responsabilidade relativamente ao futuro, que se me antolhava funesto, eu deixava-a protestar, e me curvava, sorrindo, ás censuras com que ella castigava o meu enorme defeito.

Ao cabo de um mês, o menino foi perdendo a côr não rosada, mas de animado branco, e seu rosto voltou á desmaiada e morbida brancura, o volume do ventre retomou suas proporções exageradas, e os symptomas concomitantes reapareceram, mas sem aggravação.

A joven mãe e a tia velha perderam suas lisonjeiras esperanças, e chegára a vez de Angela dizer-me triste e desconsolada:

— Tinha razão, doutor! não me enganou; viu infelizmente longe e claro!... o meu pobre Lulu vae caminhando para a morte!...

E então era também a minha vez de responder-lhe:

— Para mim não ha novidade a abalar-me, estou observando o que contava por certo. O seu Lulu não experimenta aggravação de molestia, e eu apenas prosigo na campanha que encetei...

— E confia?

— Confiar, não, minha senhora, digo sómente o que dizia, a cura é possível, mas muito duvidosa.

E a pobre mãe agradecia-me, chorando, a esperança, embora duvidosa.

Creio que a minha explicavel e simples victoria no tratamento das convulsões do menino, e a noticia dos cuidados que eu prestava a esse meu doentinho, me valeram tal ou qual reputação de bom medico, porque tive quasi logo três doentes fugitivos da cidade a confiarem-se a mim: — dois casos de febres intermittentes, que o excellente clima do monte de Santa Thereza curou com immerecidas glorias da minha medicina expectante e toda confiada nelle, e um caso de tísica pulmonar no terceiro periodo, que declarei perdido á familia do infeliz condemnado, que aliás jura não sentir mais do que simples mas teimosa bronchite que o obriga a tossir incommodamente, um misero moribundo a calcular com a vida longa.

O meu doente dos maiores cuidados era sob todos os pontos de vista o queridissimo Lulu.

A frequencia indeclinavel de minhas visitas medicas tornava como obrigada a confidencia plena dos segredos da familia.

O medico é como o padre sacerdote do confessorio da vida intima da familia, em cujo seio entra chamado pelos escrupulos da consciencia, ou pelo grito de soccorro á dôr e a tormentos do coração.

Fui em breve amigo intimo, coração confessorio dos segredos da familia de Adolpho Soares, ou melhor e mais acertadamente, da familia de Angela vilmente abandonada por marido corrupto e perverso.

Adolpho Soares, filho de um amigo do pae de Angela, enamorára-se desta, e conseguira merecer-lhe o amor de menina de quinze annos, que acabava de sair do collegio.

Os paes de um, e de outra, já ligados por estreitos laços de amizade, e ambos ricos, acharam que o casamento era excellente pela igualdade de condições dos noivos e pela mutua sympathia de ambos.

Os dois velhos enganaram-se: havia só igualdade de condições na idade e na riqueza e notavel differença na educação.

João de Mello tinha tres filhos: Evangelino que ia tomar ordens sacras, Angela que acabava de sair do collegio e Ignez, que contava então nove annos, e tomára o lugar da irmã no mesmo internato; procurára instruir muito o filho e déra á filha mais velha educação desveladissima, como preparava igual para a mais nova.

Lopo Soares, com demasiada confiança na sua fortuna, nem procurára instruir bastante, nem dera o amor, ou o habito do trabalho a Adolpho, seu filho unico, a quem idolatrava cegamente.

Viuvos ambos, João de Mello fôra, soubera ser pae e mãe de seus filhos, e Lopo Soares nem prudente pae se mostrára.

Effectuou-se o casamento, quando apenas tinham Adolpho vinte annos, e Angela dezeseis.

Dois meninos em noivado.

Infelizmente, João de Mello morreu no fim de dez meses, recommendando Angela a Lopo Soares, que velou por ella, tendo-a com' o filho em sua companhia.

Dois annos depois, e já Angela lhe tinha dado lindo netinho, Lopo Soares tambem falleceu.

Adolpho perdêra o zêlo de seu pae.

Ficára com fortuna sufficiente para tornar-se, com trabalho activo e economia sem vileza, opulento; em pouco tempo, porém, todos esses fructos do trabalho e da economia desapareceram esbanjados.

Do sogro tivera em legitima da esposa duzentos contos de réis em titulos do Estado; do pae herdára, filho unico, em predios e em titulos eguaes áquelles, mais de quatrocentos contos.

Mas em breve e sem ao menos respeitar o luto pela morte do pae, lançou-se na carreira da perdição.

Começou pelo jogo, e jogou com o phrenesi de no- viço rico.

Em seguida ajuntou ao demonio do jogo o demonio das lascivias venaes.

Aos poucos foi deixando a esposa tão virtuosa como bella.

A principio jurava respeitar a legitima da esposa, que altiva não lhe disputava a venda successiva dos predios que Adolpho herdára de seus paes.

Mas o jogo e a devassidão eram sorvedouros de todos os dias.

Ao cabo de tres annos Adolpho dissipára toda a fortuna do casal, toda, acabando por arrancar de sua esposa os brilhantes e as joias que ella recebera de seu pae em presente de noivado.

Emfim, a casa onde moravam, o ultimo predio que restava, foi tomado por credores.

Angela e seu filhinho estavam reduzidos mais do que á penuria, á miseria.

Felizmente Evangelino, já presbytero desde dois annos, tinha os olhos em sua tão infeliz irmã casada, como era o tutor desvelado de Ignez.

Evangelino comprou, mas em seu proprio nome e deu a Angela a casa que ella foi occupar no monte de Santa Thereza, fez-lhe do seu bolso pensão sufficiente para que ella vivesse livre de privações e com decencia, privou-se da companhia de sua tia, quasi mãe, para que esta consolasse em seu triste retiro a pobre esposa sem marido, e finalmente de dez escravos que em partilha lhe tinham cabido, e que todos por elle libertos não o tinham querido deixar, mandou sob aluguel que lhes pagava, dois para o serviço de Angela.

Evangelino era ainda mais do que optimo irmão, do que pae de sua irmã desgraçada, era, como teem de reconhecer, homem santo, preciosissimo thesouro de angelicas virtudes.

Se a abastança pudesse assegurar a felicidade, se a certeza de que não faltariam a seu filhinho educação e recursos do futuro fosse sufficiente para fazê-la sorrir á vida, Angela não tinha mais que pedir a Deus.

Ella porém, aos vinte e três annos de idade, no mais brilhante fulgor da juventude, formosa a allucinar, educada fina e escrupulosamente para poder encantar a melhor e mais apurada sociedade com o esplendor da sua belleza e com as radiações do seu recato e das suas virtudes, era tristissima proscripta dos gosos innocentes da vida de distincta senhora, flôr celeste condemnada na terra a solitario desterro, esposa em viuvez, vivendo ainda com o marido.

O casamento, nó sagrado e perpetuo de ambos os conjuges em face de Deus, é pelos abusos tyrannicos da sociedade mais injusta e cruel nó **perpetuo** que escravisa, e quasi annulla a esposa, e nó **perpetuo** de que o marido zomba impunemente em relação á fidelidade, exposto apenas a censuras ou reparos, e tolerado

por quasi todos, quando vicioso e desenfreado se deshonra em adulterios, crimes, que aliás a sociedade sómente não perdoa á mulher, a mulher que é mais fraco do que o homem!...

Uma historia como cem, como mil outras de esposa victima que chora, e de marido algoz que ri.

Angela não podia ser feliz. Adolpho desde muito que a abandonára indifferente, no monte de Santa Thereza a esquecia em completo desprezo, em desprezo ella, mil vezes mais formosa do que a mais bonita de suas torpes e venaes Messalinas. Peor, mais revoltante, maior crime de lesa-natureza, o marido perverso era pae sem coração, e nem sequer alguma vez indiciava cuidados e interesse pelo filho, que acabou por fim, mostrando-lhe tambem frieza e indifferença.

Custa a crêr que tão completa mudança se operasse no animo de Adolpho Soares, a principio esposo aditado e amoroso e pae feliz e bem procedido, mas a prática dos vicios estraga ainda o melhor character, e como que muda a natureza humana.

Assim pois Adolpho Soares desligou-se de sua familia, deixou em abandono e em revoltante desprezo a esposa joven e formosa, esqueceu de todo o filhinho e de todo se engolphou nos vicios que já lhe tinham devorado a fortuna e que por ultimo lhe faziam olvidar todos os preceitos do decoro e da honra.

Angela, que amava o marido, não pôde resistir por muito tempo ás provas do seu desamor e da sua crueldade. Sacrificára-lhe tudo, o seu coração e a sua fortuna, e, finalmente desenganada e victima do ruim procedimento, perdendo a estima em que o tivera, temia a sua presença, que raramente lhe era dado vêr, e que só lhe apparecia, como signal de ataque aos seus limitados recursos de irmã protegida; não o recebia como marido; sentia asco ao impudente, aquella podridão de homem vivo, que era esposo e só procurava a esposa

para extorquir-lhe dinheiro, que era pae, e nunca se commovia, pensando em seu filho.

Eu tive da propria Angela, e de D. Flora, sua idosa, muito surda, amorosa e dedicadissima tia estas confidencias de segredo de familia dadas como forçadamente em simples explicação da vida intima do lar, modesta e contractivamente confessadas em poupança como que decorosa do proceder infame do marido, ficando pois por minha conta e responsabilidade moral as ligeiras marcas de condemnação incandescente do mais desmoralizado, escandaloso e perverso homem casado.

Contra minhas previsões de medico novo e inexperiente, depois de algumas semanas de tratamento hygienico e alimenticio adequado, Lulu principiou a melhorar vagarosa, mas sensivelmente.

Quem não ia bem era eu.

A casa de Angela era ao mesmo tempo paraíso e purgatorio para mim.

Sentia-me objecto da mais pura e expansiva estima e plena confiança.

Lulu tomára comigo a mais perfeita liberdade. Quando me annunciavam, corria a receber-me, saltava aos meus braços, apertava-me o pescoço com os seus e chamava-me simplesmente: «amigo — ou meu amigo». Creio que fôra a mãe quem o ensinára a chamar-me assim.

Flora, a tia de Angela, queria, mas não podia ser muito communicativa; era demasiadamente surda, fazia-se necessario falar-lhe ao ouvido e em voz bem alta para que ella entendesse o que se lhe dizia. Mas que agrado natural e que bondade! a minha chegada era rompimento de festa para ella, abraçava-me, tratava-me ora pelo nome de baptismo — Mario, — ora por — meu filho, — e até ás vezes por — menino. Tinha sempre optimo café para trazer-me e dôces delicadissimos, de que a sobrinha era magistral confeiteira.

Angela me exaltava e sem o pensar me atormentava com as expansões de amizade purissima e com extremos de gratidão que me confundiam. Em minha presença, desde que o seu Lulu não apresentava aggravação de symptomas morbidos a alvoroçá-la, sua melancolia de esposa abandonada pelo marido, e de formosa joven obrigada a viver em solitario e não merecido desterro do jardim da vida, parecia suspender-se; ella sorria alegre, franca, feliz. Eu sentia apenas em seus agrados, em seu suavissimo, amplo de confiança e enlevador acolhimento o que quer que fosse de escrupulo quasi imperceptivel em não esquecer a sua idade e a minha e a sua condição excepcional de esposa abandonada pelo marido. Esse **não sei quê** era o santo perfume do seu recato, que eu adivinhava em **nada e em tudo**.

Na casa de Angela eu me tinha encontrado algumas vezes com o padre Evangelino, que vinha vê-la, e visitar o sobrinho.

Augmentando sua confiança em mim, elle me disse uma vez, desculpando ainda o seu não comparecimento ao acto da conferencia sobre o estado do menino.

— Evito sempre a companhia e a presença de meu cunhado. E' um infeliz, que caminha transviado na vida; merece compaixão, coitado; mas repelliu meus conselhos amigos, e offendeu-me profundamente com injurias descommunaes, quando o aconselhava para o bem: essas injurias de todo o meu coração lhe perdoei; mas continua a perder-se, e tem feito tanto mal á minha irmã, e mostra aborrecer-me tanto, que me falta o animo e ainda mais o desejo de me achar em reunião com elle.

Evangelino merece o nome que o pae lhe deu na pia. Tres annos mais velho do que Angela é, como já disse, ainda joven, e em homem o retrato de sua irmã. De estatura regular, verdadeiramente bello de rosto, tem a fronte elevada e majestosa, cabellos negros,

finos, longos e caídos para traz sem faceirice, mas em invejavel opulencia de anneis; olhos rasgados, pretos e de suave radiação; labios um pouco finos, dentes iguaes e lindissimos, dando ao sorriso meigo e piedoso todos os encantamentos da graça sem pretenção.

Animava esse corpo de homem bello muito esclarecido espirito, e além disso o padre Evangelino era o symbolo da modestia e da simplicidade, da paciencia, da humildade, e do amor de Deus e do proximo.

Em nosso primeiro encontro ganhou minha sympathia e meu respeito pela lhaneza e suavidade sem artificios, com que me agradeceu o soccorro que eu prestára a seu sobrinho, e pela approvação muito sensata que lhe mereceram os meus escrupulos sobre o tratamento subsequente, e a minha franqueza em relação ao grave padecimento do menino.

Depois, mais intimo comigo, conversámos um dia sobre sciencias naturaes, em que o achei muito sabido, e passando não sei por que associação de ideias a falar-lhe eu da criação universal, e combatendo certas theorias da philosophia positiva, o padre Evangelino sorriu-me como enlevado, e abraçou-me dizendo:

— E' medico espiritualista, e espiritualista pela sciencia...

— E tambem pela fé.

— Creio, tornou-me elle, e me apertou a mão.

Angela na minha visita seguinte, disse-me:

— Doutor, é muito facil ganhar a affeição do padre Evangelino, mas a sua absoluta confiança é muito difficil.

— E deve sê-lo...

— Pois o doutor conquistou-a toda; elle estima-o como a um irmão.

Respondi com um agradecimento trivial.

As palavras **como a um irmão** tinham-me perturbado, despertando-me nalma uma ideia, ou hypothese impossivel.

Ainda bem que o Lulu veio correndo para mim.

Portanto, naquella casa todos me penhoravam com a mais viva estima, e me cumulavam de agrados e de amabilidades delicadissimas. Todos, os proprios dois servos, me consideram affectuosos como amigo da familia, e talvez a ella addito, pois que me chamavam — **nhônhô doutor.**

Até Pollux me conhecia, me festejava, e traquinas saltava em roda de mim.

E eu?...

Oh!... eu soffria tanto quanto é possivel imaginar. Eu amava Angela, e devia dissimular e suffocar o meu amor; e o dissimulava e o suffocava; mas que indizivel martyrio!...

X

O AMOR SECRETO

O orgulho é no homem potente elemento de força.

Eu me sentia orgulhoso do poder que exercia sobre mim proprio, abafando o meu amor invencivel, mas illicito.

A consciencia do dever, ainda mais forte do que o orgulho, condemnava esse amor, e o esmagava justamente reprovado no fundo secreto do meu coração.

Angela era senhora casada e esquecida em desprezo pelo marido; mas zelando honestissima o seu recato, ella tinha dois direitos, o do casamento e o da infelicidade, para obrigar o meu mais escrupuloso respeito.

Eu era medico do filho de Angela, e recebido com todas as expressões da confiança no seio da familia de

Angela, e portanto no exercicio do sacerdocio da medicina, a maior infamia alli ennodoua, se eu abusasse do meu grandioso ministerio, aproveitando a privança em favor de verdadeira, mas criminosa paixão.

Eu não devia amar Angela e todavia amava-a.

Minha unica e dura consolação era o dominio, que chamarei heroico, do meu amor, era, seja-me permitido dizê-lo, a virtude, com que sepultava vivo e ardente nos segredos do coração esse amor que eu proprio condemnava.

Mas nas dissimuladas ancias de meu tormento inexcedivel eram-me perdoaveis observações violentamente obrigadas do meu apaixonado affecto, ou do meu egoismo sentimental.

Eu observava dissimuladamente Angela em suas relações tão frequentes comigo. Como?... de que modo ella me olhava, me falava, me ouvia falar-lhe?...

Ah! sempre a mesma!... dôce, affectuosa, amiga dedicada, mas sublime na simplicidade das purezas do seu recato.

Apenas uma vez ou outra innocente e logo recolhido olhar de curiosa a considerar o rosto e a pessoa do medico de seu filho, e já seu amigo de familia.

Nesse olhar porém, que apenas por menos abandonado, ou por muito fugitivo, pudera indiciar sentimento reservado, nunca a mais leve e passageira flamma de affecto que não fosse puro.

Não me escapára tambem ou a delicadeza ou a generosidade com que Angela nem em leve ou brincadora allusão me lembrasse alguma vez a minha indiscreta posição de observador no gradil que dominava o seu caramanchão e o seu jardim.

Não sei bem se em meu coração agradecia, ou me desgostava aquelle mudo perdão, ou frio esquecimento do meu delicto, não de curioso, mas de enlevado observador.

E um dia, chã, simples, sem artificios, amplamente franca, Angela (não alludindo, mas positivamente, como a obrigar-me a memoria, disse-me com o tom mais innocente:

— Doutor, eu sei que lhe devi um sacrificio, mas lhe fiquei tambem devendo uma hora de privação de raios do sol...

— Minha senhora!... como pude eu ser tão feliz, e tão mau sem o pensar?...

— O doutor tem uma bella mangueira, de sob cuja sombra gozava lindissimo, sublime panorama, não é verdade?

— E', minha senhora.

— E um dia, sabe lá porque razão, que não indago, mandou plantar altos bambus enfileirados, e como trincheira em face do gradil, sacrificando o bellissimo quadro, que apreciava á sombra da mangueira.

— Ah, minha senhora! confesso-o, tive uma ideia de... mau gosto... estou arrependido...

Angela certamente notou que eu me perturbava, e disse-me logo com ingenuidade que chegou a afigurar-se-me estudada ou fingida:

— Se está arrependido, não hesito em fazer-lhe ouvir uma queixa...

— De mim?...

— Do doutor, não, mas dos seus bambus. Elles roubaram com a sua sombra durante a hora melhor da manhã, os raios do sol vivificador que antes resplendiam no pequeno jardim das travessuras de Lulu.

E logo, a impedir que eu lhe respondesse, perguntou-me:

— Mas, doutor, falle-me franco, não me illuda; acha que meu filhinho continua a melhorar?...

— Sim, minha senhora, e aos poucos, mas progressivamente, como era mais para desejar, e de modo que me enche de esperanças e de animação.

Eu comprehendí que ella evitava a continuação do assumpto dos bambus, e respeitei a sua reserva innocente ou não.

Deixára-me commovido e com a imaginação accêsa o que ouvira a Angela, indicando o meu sacrificio, e inventando a sua **queixa** sem fundamento.

A posição occupada pelos bambus que eu fizera plantar não podia estorvar o derramamento dos raios do sol no pequeno jardim.

Que sentimento levára a joven e formosa senhora a reprovar então o acto manifesto do arrependimento da indiscreta observação em que eu fôra apanhado, e a melhor prova de que eu queria garantir a mais segura e absoluta liberdade do goso do jardim?...

O homem é o animal escravo das vaidades! pela primeira vez eu, que comprehendia não dever amar, e que em segredo amava Angela, sorri instinctivamente ao que me pareceu, primeiro, obscuro indício de affecto correspondente ao amor que em minha consciencia reputava illicito e criminoso!...

No outro dia, quando o sol rompeu, não havia em pé um unico bambu dos que formavam trincheira em face do gradil.

E' claro que eu não podia, sem indecorosas pretensões de desejado, ir expôr-me ufano, e a impôr-me fatuo no gradil, e a olhar o jardim; mas em doidas vaidades, em contradicção insensata com os nobres e honestos principios de minha consciencia, fui postar-me entre o espinhal e á beira do fundo despenho, donde não visto podia devassar todo o pequeno jardim das travessuras do Lulu.

Uma hora de encanto e de enlevo.

Eu vi o menino a correr e a brincar com o seu bom amigo Pollux, e vi Angela sentada no caramanchão a contemplar o filho e a scismar, melancolica.

Quando entrou no jardim, ella olhou e sorriu de leve ao vêr que não havia mais bambus entrincheirados junto do gradil de cima...

Sorriu porquê?...

Oh!... não foi por sentimento amoroso, não foi!...

Angela passou longa hora a seguir com os olhos a correr e o brincar do filho, ou a cair immergeida em sua melancolia.

E no fim dessa hora levantou-se, tomou pela mão o filho, e retirou-se com elle, e desapareceu sem levantar nem uma vez sequer os olhos para o gradil, onde já livre de trincheira de bambus poderia estar a contemplá-la o homem que a adorava.

Senti-me como enregelado pela indiferença da mulher amada, como justamente castigado nas desillusões da minha insensata vaidade.

Angela não me procurára com os seus bellos olhos uma unica vez, nem como em descuidos de recato, nem como em momentos de innocente abstracção.

Angela não suspeitava do meu amor, e menos ainda sentia por mim o mais leve pendor de affeição terna; se o sentisse, teria adivinhado... o meu segredo.

XI

AGGRAVAÇÃO DE SENTIMENTO

Amar uma senhora honestissima, bella, mas casada... que martyrio para um homem que tem na alma o dever em luz ardente, e no coração altar da honra!...

Ah! o amor, o sentimento involuntario, nasce, rompe, avulta, perdura independente da razão, impõe-se implacavel, indestructivel, e sómente quando o dever o condemna, quando a honra o reprova, o dever e a honra

podem apenas torturá-lo, abafando-o, escondendo-o em contracções dolorosas de segredo atormentador.

E as minhas ideias, e os meus assentados principios sobre a religião do casamento?... eu os conservava indeleveis.

Desde que dissimulava, escondia o meu amor invencível, desde que não procurava indicá-lo, deixá-lo perceber por Angela, que mais se poderia exigir do meu dever e da minha honra?...

Angela era para mim indizível encanto em secreto sacrario da alma; meu culto ella o não sentia, era flamma que ardia no templo cerrado da minha alma, peccado embora, mas só de sentimento, e com a attenuancia da reprovação da consciencia...

Era tudo, eu não podia mais; deixar de amar Angela, meu Deus!... era impossivel.

Eu não tinha procurado aproximar-me della, vira-a de longe, adorára-a de longe, como se admira a belleza de uma flôr, a luz da aurora, o esplendor do sol...

Mais alguns mezes e não a teria visto mais... guardaria talvez, provavelmente, a lembrança de Angela, a sua imagem impressa na minha alma, como se guarda a memoria do primeiro beijo de amor das poesias, da vida em sonhos de adolescencia...

Oh! não fui eu quem foi, não, foi sómente angustiado grito de soccorro, que me levou a casa de Angela. Não foi o homem que já amava, foi o medico, que não podia negar-se, quem correu para o lado do menino a morrer, e da mãe em desolação.

Depois quiz retirar-me, empenhei-me em ver-me substituido por outro medico, procurei fugir, e foi ella que me reteve, que me prendeu chorando por amor de seu filho.

Oh!... e lá vão já três mezes, em que, pelo menos três vezes por semana reclamado, exigido, vou examinar

o menino e estudar a marcha felizmente retrograda e já muito cedente de sua grave enfermidade.

Três mezes, e depois de um de sinistras apprehensões do medico, dois de nascentes e de animadoras expansões de esperanças.

E em todo esse tempo eu tantas vezes ao pé de Angela, e, quizesse-o ou não, sujeito á influencia do seu espirito educado e subtil, do seu olhar enfeitiçador, da sua voz suave como o canto da saudade, do seu sorrir cheio de magias, da belleza do seu rosto, da pureza, da fórmula do seu corpo, e da graça do seu andar!

E ainda mil circumstancias e successos insignificantes, sem valor, sem interesse, e que na situação do meu animo aticavam minha imaginação, dobrando o meu martyrio. Um dia era Angela, para não fazer-me esperar, acudindo á minha chegada em simples penteador e com os seus annelados e finos cabellos em alluvião caídos pelas costas até baixo da cintura; em outro, era por favor de um descuido que eu lhe via pequeno, delgado, mimoso um pé que se arriscava, escapando de sob as dobras do vestido; em outro, era, a proposito ou de acontecimento noticiado pela imprensa diaria, ou de assumpto litterario em nossa conversação, conceitos que lhe rompiam da alma repassados de sentimento e de ternura; em outro e em outros, emfim, era, após melancolico silencio, um suspiro que do seio exhalava; uma flôr que ella com instinctivo prazer colhia no jardim e pouco depois, deixava cair no chão, e se afastava; certas perguntas subitas, estranhas ao objecto de entretenimento conversador, e, recebidas as respostas, o immediato abandono da sua ideia inopinada.

Um dia, por exemplo, falavamos da litteratura italiana: Angela conhecia Dante, Ariosto, Tasso, Manzoni, Petrarca, além de outros poetas; admirava o Dante, mas Tasso e Petrarca eram de sua predilecção; eu a ouvia com dissimulado arrebatamento apreciar com

esclarecida intelligencia e sentimento profundo os dois poetas.

De repente, interrompendo a sua doce e amabilissima critica, perguntou-me:

— Doutor, deixemos em paz o Tasso e Petrarca; foram ambos poetas sublimes, mas ambos justamente infelizes.

— Justamente porquê, minha senhora?...

— Porque amaram a quem não deviam e não podiam amar.

— Mas porventura dependia da vontade delles vencer esse amor, que os tinha escravizado?...

Angela corou levemente, e, hesitante, respondeu-me logo depois:

— Não sei... doutor, tratemos de outro assumpto; que pensa do magnetismo animal?... acredita em seus verdadeiros ou falsos prodigios?... fale-me sobre o magnetismo animal, doutor!

Angela era assim, quasi um mytho, e eu amava-a perdidamente no escondido sacrario do meu coração.

Respeitava nella a senhora casada, e de sublime recato.

Mas todos alli concorriam sem o pensar para o meu intimo padecer, até a propria Flora, a senhora surda.

Uma tarde queixava-se ella de Adolpho, o marido perverso que ainda na manhã desse dia viera exigir da esposa uma parte da pensão, que Evangelino lhe dava, e a maltratára com palavras asperas e desrespeitosas por não conseguir o que pretendia.

Angela, falando ao ouvido da tia, pediu-lhe que não continuasse a affligil-a com a lembrança do que se passára.

Flora levantou-se, mas, antes de sahir, poz a mão direita sobre o meu hombro, e exclamou:

— Ah, meu filho!... esta menina merecia muito melhor sorte! devia ser casada com um homem bom e honesto, como você.

E saiu.

Angela tinha corado até á raiz dos cabellos, e fôra para uma janella.

Eu, confundido tambem, puz-me a fazer perguntas banaes ao menino.

A bella senhora pouco depois voltou-se para mim e disse:

— Adolpho menospreza-me, não o posso negar, mas é meu marido.

Tinha dito tudo.

XII

UM INDICIO DE AMOR

Angela tinha dito tudo quanto lhe cumpria dizer, nessas simples palavras que me dirigira.

Era casada: tinha dito tudo.

Flora commettêra innocentemente uma imprudencia, lançando a toda a luz uma ideia, que transportára minha imaginação.

Eu me sentira perturbado, ouvindo a indicação dessa ideia, e Angela não menos se abalára, indo disfarçá-la á janella a que se soccorrêra.

Porque essa perturbação de ambos nós, e porque emfim, deixando a janella, Angela me fizera lembrar que era casada?...

Essa lembrança era uma defesa, aliás desnecessaria, contra meus sentimentos amorosamente affectuosos, ou seria uma explicação dos seus para comigo?...

Não sei; recordo-me apenas que Angela, ao pronunciar aquellas prudentes palavras, olhou-me com certo

ardor, que logo corrigiu desviando de mim seus bellos olhos.

Mas sei que eu não fiquei em mim. Confundido e transportado, apenas contive a minha paixão por inspirações de virtude, e vinguei-me da minha obrigada reserva, tomando nos meus braços o Lulu e beijando-o ardentemente na fronte e nas faces, imaginando beijar nellas a face e a fronte de sua formosa mãe.

Reparei que Angela notava o ardor com que eu lhe beijava o filho querido, e, ainda mais aturdido por isso, depuz o Lulu nos braços della e, despedindo-me, me retirei.

Angela despediu-se de mim suave, e quasi querençosa, dando-me o filho, para que de novo eu o beijasse.

Saindo daquella casa cheia de doces perigos para mim, fui acompanhado pela formosa joven que levava o filho nos braços, até á porta de saída, e ao começo do seu jardim.

Retirei-me commovidissimo, e a poucos passos voltei o rosto, e vi Angela a beijar as faces e a fronte do filho que eu tinha acabado de cobrir com os meus beijos, e com os olhos fitos em mim.

Ella largou logo o Lulu no chão, e o conduziu a brincar.

Eu me recolhi a minha casa com a cabeça em fogo e com o coração de todo perdido.

Acaso Angela amava-me?...

XIII

VISITA INOPINADA

No dia seguinte fui surprehendido por inopinada visita de Adolpho Soares.

Eu tinha mais do que em desprezo esse homem;

causava-me tédio, mas não me era possível recebê-lo mal.

Adolpho abundou em agradecimentos aos cuidados que eu prestava a seu filho, exagerou com elogios hyperbolicos a minha **inexcedivel** capacidade medica, e passando em seguida a lamentar muito sua ruim cabeça e a protestar que ia regenerar-se, entrou a tecer mil encomios e a exaltar, não as virtudes, mas despropositadamente a belleza, os encantos da esposa.

Eu o interrompi, dizendo-lhe:

— Sei que a sr.^a D. Angela é formosa, é porém ainda mais admiravel como mãe estremecida, e como virtuosissima esposa.

— Certamente, respondeu-me elle sem confundir-se. Guardei silencio.

Adolpho queixou-se de embaraços que difficultavam a sua regeneração moral, e concluiu, pedindo-me de emprestimo trezentos mil réis.

O meu primeiro impulso foi negar-me a satisfazer o seu pedido, lembrei porém logo as palavras de Angela na vespera: «**mas é meu marido**».

Entrei para a minha sala de estudo, e voltando no fim de poucos minutos, entreguei a quantia pedida a Adolpho Soares, que, sem demorar-se mais, fez-me o favor de retirar-se.

Meu espirito não se occuparia deste incidente, e do certissimo, mas insignificante sacrificio pecuniario, que não podia incommodar-me, se o infame marido não me tivesse deixado a impressão mais repugnante.

O fim unico da visita de Adolpho fôra estorquir-me trezentos mil réis, que não pudera arrancar da pensão de Angela em sua casa na manhã antecedente.

Mas o miseravel porque antes de pedir-me dinheiro, de tentar a extorsão, abundava tanto, e tão ou ridicula ou escandalosamente, em elogios como que re-

commendadores dos merecimentos physicos de sua aliás recatadissima esposa?...

Houvera nesses encomios demasia parva se não fosse petulante especulação de interesseiro calculo, allusões lascivas de leve insinuadas, que eu não ousaria já-mais denunciar interpretadas por mim, mas que, eu estou disso convencido, tendiam a atizar a imaginação e a inspirar empenhos inconfessaveis.

Pobre Angela! se eu a não conhecesse, se eu a não adorasse martyr santa em seu radioso altar de recato e de pureza de costumes, poderia, antes de repulsado e desmoralizado em pretensões affrontadoras do seu pudor, julgá-la socia da corrupção a mais torpe do seu depravado marido, ou, pelo menos, sacrificada embora, vil connivente a afundar-se em extrema abjecção.

Adolpho Soares era o mais miseravel dos homens miseraveis, chegára ao fundo do abysmo dos vicios, era-lhe impossivel descer, afundar-se mais.

Por amor de Angela passei amarga hora depois da retirada do marido corrupto e escandaloso, e eis que de subito sou chamado com urgencia a casa da mais desgraçada esposa.

O chamado não trazia explicação, mas de natureza era, que cheguei a pensar em inesperada, subíta e extraordinaria aggravação da molestia do Lulu, a quem aliás eu deixára na vespera em optimas condições.

Fui, acudi quasi a correr.

Achei o interessante Lulu brincando alegre e feliz, mas a velha tia Flora muito contrariada, e Angela tristemente commovida.

— Que ha de novo?... perguntei, chegando apprehensivo.

— Doutor, socegue, disse-me Angela docemente, meu filho vae sempre a melhor...

— Mas... então?...

Angela fez-me tomar uma cadeira a seu lado, e disse-me logo:

— Exijo franqueza e lealdade de amigo da familia... promette-a?...

— Creio que nem preciso assegurar-las, minha senhora!

— Jura não occultar-me a verdade?...

— Oh!... juro-o.

Eu não podia nem imaginar, e menos adivinhar do que se tratava.

— Meu marido procurou-o, foi visitá-lo... nós vi-mo-lo ir...

— E' verdade, minha senhora.

— E pediu-lhe e tomou-lhe de emprestimo a quantia de duzentos mil réis, que hontem não pôde arrancar-me...

Adolpho Soares elevára o assalto a mais cem mil réis além dos duzentos que pretendêra tirar da pensão da infeliz esposa.

— Minha senhora...

— Não o pôde negar...

— A visita do sr. Adolpho Soares deixou-me um ponto confidencial que eu não tenho o direito de revelar.

Angela tornou-me, dizendo abatida:

— Eu contava com a sua generosa negativa, mas, meu Deus, nunca imaginei que meu marido chegasse a ir incommodar o doutor, a quem tanto devemos...

— Minha senhora, v. ex.^a está-se affligindo sem razão alguma...

— Sem razão alguma!... ah! comprehende perfeitamente que a menor das inconveniencias do abuso de meu marido está no esquecimento de que o doutor negasse teimoso a receber nossa modesta retribuição do tratamento...

Interrompi-a:

— V. ex.^a me prometteu não voltar a um assumpto que me constrange...

Ella respondeu-me gravemente:

— Eu quiz apenas significar que essa era a menor das inconveniencias... Creia que me acho muito contrariada, e só voltarei ao socego, se o doutor me der sua palavra de honra, de que não tornará mais a emprestar dinheiro a meu marido...

— Dou-lh'a, minha senhora, respondi sem reflectir; que assim confessava o que procurára negar.

— Ainda bem, disse Angela.

E tirando do bolso um pequeno masso de bilhetes, apresentou-m'o:

— Aqui estão os duzentos mil réis...

Córei sem duvida, porque senti vivo fogo em meu rosto.

— Doutor!...

— V. ex.^a não me deve quantia alguma, e eu não posso...

— Perdão, tornou Angela, este caso é para mim muito serio.

— Mas, minha senhora, quem disse a v. ex.^a que eu emprestei duzentos mil réis ao sr. Adolpho Soares?

— Foi essa a quantia que elle hontem exigiu de mim. Tenha a bondade de recebê-la.

— V. ex.^a perdoará minha primeira desobediencia ás suas ordens.

Angela, vendo que insistia em vão, tornou-se muito pallida, como em intimo tormento, que lhe fizesse refluir o sangue para o coração, e disse-me em tom doloroso e perturbado:

— Doutor, devo-lhe a vida de meu filho, devo-lhe o que se não pagaria com todos os thesouros da terra, mas... escute, veja bem, não me tenha por ingrata, oh! não!... deixe que eu lhe diga... tudo!...

— Sim, minha senhora, respondi ancioso.

— Doutor... sou casada, mas meu marido abandona-me... desdenha-me... e possesso de dois vícios perversores... é capaz de tudo para alimentá-los...

E Angela chorava.

— Que quer dizer?...

— Quero dizer, doutor, que eu reconheço, estimo, admiro sua honestidade sem jaça, mas que preciso muito, triste senhora casada pauperrima, desprezada pelo marido, ainda joven porém, preciso muito que o perfeito e nobilissimo cavalheiro, que obsequiosa, caridosamente frequenta como medico e amigo dedicado a minha casa, não empreste, isto é, não dê dinheiro a meu desmoralizado marido...

Ella acabou de fallar, soluçando.

Por unica resposta, estendi o braço, e com a mão que convulsa tremia recebi o dinheiro que Angela me apresentava.

Ella em forte commoção sorriu no meio de suas lagrimas, e com suas doces e pequeninas mãos apertou fervorosa a minha, que recebêra o pequeno maço de bilhetes.

— Obrigada!... agradecida!... exclamou. Oh, meu amigo!... não fica mal comigo?...

Eu me sentia magoado, resentido da violencia embora commovente, e quasi suspeito de mau juizo condemnador do meu proceder com Adolpho Soares, por isso respondi com sensível frieza:

— Ah, não, minha senhora!... v. ex.^a póde sempre dispôr de mim... mas em todo o caso... este dinheiro... não é meu!

— Doutor! meu bom amigo!... estou vendo que se suppõe offendido... oh, não!...

Angela foi interrompida pela velha Flora, e pelo Lulu.

Flora, que era surda, ao contrario de quasi todos

os surdos fallava bastante alto, e o Lulu, ainda anjo da innocencia, desconhecia as conveniencias do segredo.

Era nada mais e nada menos do que a apresentação ou chegada de uma pobre velha de nome **Felicia**, cuja unica **felicidade** em septuagenarios annos consistia em absoluta penuria, e em dois netinhos sem pae nem mãe.

Eu conhecia **Felicia** e seus netinhos, e não menos a pobreza em que viviam; ignorava porém que me era irmã de caridade a bella e virtuosa Angela, que da pensão que lhe dava o padre Evangelino tirava dez mil réis mensaes, para a velha Felicia.

Oh!... gosei, saboreei doce vingança.

Flora e o Lulu annunciaram a velha Felicia a receber os seus dez mil réis mensaes.

Angela em transes, e em dissimulação quasi impossivel de apuros a querer explicar-se com Flora, a tia surda, e com o Lulu, o anjo sem segredos.

Soube tudo.

Angela me fizera receber em duzentos mil réis tudo quanto lhe restava da pensão mensal, que seu irmão lhe proporcionava.

Não tinha então nem os dez mil réis que de costume dava á velha Felicia.

Sorri-me aos embarços e aos santos vexames daquella familia de tres anjos, o da velhice santa, o da juventude pudica e o da infancia innocente.

Angela dizia a Flora e ao Lulu:

— A velha Felicia que venha cá depois de amanhã, hoje é impossivel.

— Não Lulu, disse eu ao menino, venha cá...

O menino veio de um salto para mim.

Angela olhou-me sem me interrogar.

Eu entreguei ao Lulu o maço de bilhetes, que tinha acabado de receber de Angela, e disse ao menino:

— Diga á velha Felicia que é você quem lh'o dá.

Angela, commovida, e como aditada, exclamou:

— Não, Lulu, diga á velha Felicia que sou eu quem lh'o dá.

Angela recebia pois de mim a esmola, que eu mandava a Felicia.

XIV

AINDA ADOLPHO SOARES

No fim de poucos dias Adolpho Soares voltou a atormentar a esposa com exigencias novas de dinheiro que ella não devia nem podia dar-lhe.

Angela resistiu ás barbaras imposições do marido, que saiu furioso, asseverando que voltaria na manhã seguinte para receber a quantia exigida, e ameaçando-a, se do padre Evangelino não a houvesse para entregar-lh'a.

Tive conhecimento deste facto, porque a infeliz senhora m'o referiu, prevenindo-me de que era muito provavel que seu marido tornasse a procurar-me para obter de mim o que eu deveria ter-lhe recusado logo á primeira vez.

Adolpho Soares apresentou-se, como asseverára, na casa de Angela; não pôde porém conseguir o que esperava, porque encontrou o padre Evangelino ao lado da irmã.

Bom, paciente e doce, o padre exhortou o cunhado a mudar de proceder, fez-lhe ver que, ainda moço, podia, arrependido de seus grandes erros, com' o trabalho hãoesto e constante rehaver, pelo menos parte, do que os vícios o tinham feito perder, que, chegando a convencer-se de que elle regenerado, como homem, como esposo e como pae, cumpria o seu dever para com a sociedade e a familia, não pouparia sua bolsa, quando fosse preciso auxiliá-lo, mas na vida lamentavel em que

o conhecia, não lhe era possível, Deus não lhe permitia alimentar vícios que tão funestos eram.

Adolpho Soares não ousou maltratar Angela deante do irmão, e, sem responder a este, retirou-se, e horas depois veio bater-me á porta.

Recebi-o friamente, mas cortando-lhe a palavra logo no exordio do seu discurso, disse-lhe:

— Sr. Adolpho Soares, eu não posso continuar a attendê-lo.

Em vez de levantar-se resentido, o miseravel observou-me:

— Eu esperava mais condescendencia da sua parte... tinha direito...

— Direito? porquê?...

Naturalmente minha voz se alterára um pouco.

O infame tornou, dizendo-me:

— Não queria offendê-lo... juro.

— Mas falou-me em seu direito ao que chama minha condescendencia...

— Não devia ter dito **direito**, não era a palavra...

— Então? explique-se melhor; é preciso.

— E' que... sendo eu condescendente, e estando prompto a continuar a sê-lo com o senhor doutor...

Contive o impeto da mais justa indignação; eu tinha comprehendido toda a torpeza da insinuação, ou antes da mal disfarçada ideia abjecta e calumniosa, quill-a clara e franca para não deixar ao descarado corrupto o recurso de protestar contra a minha interpretação do sentido de suas palavras.

Na contensão do meu colerico accendimento, não pude dominar o tremor da minha voz.

Perguntei:

— Em que character, ou em que condição suppõe ter sido condescendente comigo, e se offerece prompto a continuar a sê-lo?...

— Eu não venho, nem quero brigar com o senhor doutor...

— Eu igualmente... não brigaria com o sr. Adolpho Soares em caso algum... entendamo-nos bem; tenha a bondade de responder á minha pergunta: em que character ou condição suppõe ter sido e está prompto a ser condescendente comigo?

O miseravel sorriu com fingido vexame, e respondeu-me, abaixando hypocritamente os olhos:

— Como... um pobre diabo... que é marido de Angela...

Dei um salto, indo tomar minha bengala, exclamando:

— Miseravel!... infame!...

Adolpho Soares er ao ultimo dos homens, não lhe faltava nem ao menos nas degradações da infamia a miseria da cobardia.

Quando me voltei para elle ou para onde elle estava sentado, de bengala na mão e imprudentemente resolvido a espancá-lo, achei-me só.

Precipitando-me para a porta, vi o devasso, o homem apodrecido nos vicios a fugir, correndo acelerado pela ladeira abaixo.

Não pensei em persegui-lo; perseguia-o o meu mais profundo desprezo, o nôjo do miseravel, que se propunha a vender-me a posse e a honra de sua esposa.

Pobre, desventurada Angela!... tão virtuosa e recatada e já victima das calumnias do marido perverso e escandaloso!

Gastei talvez uma hora a refrear minha indignação em colera.

Depois, sentindo-me mais calmo, puz-me a reflectir sobre o que me cumpria fazer.

Medico encarregado do tratamento do filho de Angela, eu frequentava por dever a casa da esposa abandonada pelo marido.

Este, o marido mais que infame, ou por calculo de aleivoso malvado, ou por simples e aleivosissima suspeita, já me suppunha amante feliz de sua esposa...

A honradez de Angela atirada aos botes da calumnia...

A minha reputação de homem honesto, e a de medico exigente de confiança para ser admittido no seio das familias, lançada como suspeitosa do mais revoltante abuso aos receios excitados por conjecturas desacreditadoras...

Reflecti e resolvi.

Em consciencia posso dizê-lo: minha resolução foi muito mais determinada pelo culto que eu prestava ás virtudes e á honestidade de Angela, do que pelo zelo do meu proprio credito.

Escrevi respeitosa e commovida carta a Angela, annunciando-lhe que me via forçado a despedir-me de medico de seu filho por motivos ponderosissimos, que não me era licito esclarecer, e lamentando a necessidade de sacrificar muito dolorosamente ao mais escrupuloso dever de honra as relações de optima e santa amizade, que me prendiam a ella, e á sua adoravel familia.

A carta custou-me angustias e lagrimas; mandei-a porém, vencendo forte opposição do coração, e a resistencia dos mais ternos sentimentos.

Que resto de dia e que noite passei!

Eu reflectia e desarrasoava consecutivamente.

Ora pensava que, embora fosse privação crudelissima para mim não vêr de perto Angela, não ouvir a sua voz, não sentir o perfume dos seus cabellos, devia ter por afortunado esse sacrificio, que me libertára de indiziveis constrangimentos para esconder o amor que eu votava a uma senhora casada.

Depois, e como a illudir minha propria consciencia, dizia a mim mesmo: quem sabe se fiz mal?... sou medico, tomára a responsabilidade do tratamento do filho

de Angela, e abandonando-o de subito, e quando mais auspicioso me parecia o seu estado, mais proximo de restabelecimento, se o innocente doentinho por qualquer motivo peorar, a pobre mãe não terá razão de mal-dizer do medico?...

Depois eu me accusava de falha imperdoavel em minha dedicação de amigo.

Depois eu me revoltava, lembrando a esqualida proposição de Adolpho Soares.

Em seguida fazia conjecturas sobre as impressões que minha carta teria produzido no animo de Angela. Despedir-me do tratamento de seu filho, cortar minhas relações de amizade, guardando em reserva a causa determinante de proceder tão insolito... oh! mas Angela adivinharia tudo...

Não era licito, não era possivel que eu confiasse, dissesse na minha carta á senhora tão honesta o que me propuzera seu marido.

Entretanto... não a Angela, mas a seu irmão, deveria eu ter dirigido a minha carta.

E a cogitar, e a desvariar em desassocego, em pungimentos de saudade, em amargor de tristezas, em ancia do coração, só me ficou no espirito uma unica ideia assentada: — ir no dia seguinte communicar ao padre Evangelino quanto se passára comigo e com Adolpho Soares.

XV

A INTERVENÇÃO DO PADRE EVANGELINO

No outro dia pela manhã eu, já vestido para descer á cidade, tinha apenas tomado uma taça de café, quando o creado me annunciou o padre Evangelino.

Não me surpreendeu a sua visita; elle vinha ao que eu ia. A questão era a minha carta de despedida.

Abracei o virtuoso sacerdote, levei-o para o meu gabinete de trabalho, que elle já conhecia.

Ficamos em completa liberdade.

— Eu ia agora mesmo a sua casa, disse-lhe.

— Ainda bem que não nos desencontramos. Recebi hontem á tarde um bilhete de minha irmã, e dentro d'elle a sua desconsoladora carta.

— Hora depois arrependi-me de havê-la escripto a D. Angela; era ao meu amigo que eu devía tê-la dirigido.

— Era; Angela tem chorado muito.

— Oh!... exclamei estremecendo; fazê-la soffrer... chorar!... mas eu ia confiar-lhe tudo, meu padre...

— Sim, escute porém antes. Despedir-se, como medico, e, ainda mais, despedir-se da nossa amizade, teria sido o extremo da crueldade, se nós não fizessemos justiça ao seu character e ao seu coração. Compreendemos tudo; meu cunhado esteve aqui hontem... é um desgraçado capaz de todas as ingratidões. Foi elle, com certeza, foi elle...

— Foi elle, sim, meu padre; mas perdoe-me... é preciso que eu lh'o diga... seu cunhado... esse... Adolpho Soares não é um desgraçado, não, é o mais abjecto dos homens... um miseravel...

Voltára-me a indignação com a lembrança da infamia, e com o sacrificio de referi-la.

O padre Evangelino tomou-me uma das mãos, e disse com suavidade:

— Doutor, a ira é sempre ruim conselheira, e no nosso caso...

— Nunca sentiu a ira, padre?

Elle me respondeu:

— Noutro tempo, não sei bem, não me lembra; mas desde que comecei a reflectir, nunca me senti dominado pela ira.

Eu disse com intenção:

— Ve-lo-emos!

O padre guardou silencio, esperando ouvir-me.

— Padre, acabou de condemnar-me a colera, como ruim conselheira, mas eu lhe confesso que não estou arrependido do que hontem ia fazer aconselhado por ella...

— Doutor... era por força acto condemnavel...

— Agarrei em uma bengala, e quebra-la-ia sobre a cabeça e no rosto de Adolpho Soares, se elle não tivesse fugido a correr...

— Oh!... um homem da sua educação!...

— E' verdade; agora ouça.

Comecei, dando conta da primeira visita de Adolpho Soares, do dinheiro que eu lhe dera (dissimulei a quantia), do chamado immediato que eu recebêra de Angela, e do pagamento que me fôra imposto da supposta dívida.

— Sei tudo isso, disse o padre; aprovei o procedimento e não menos louvei a sua caridosa, santa vingança em favor e proveito da velhinha pobre.

Vi bem que Evangelino me queria indicar que Angela não tinha segredos a occultar-lhe.

Tanto melhor.

Encetei a narração do objecto da segunda visita de Adolpho Soares e não dissimulei circumstancia alguma, nem mesmo a minha calculada provocação para que o infame não tivesse defesa em posteriores subterfugios...

O padre Evangelino já me ouvia com as faces ardentes em fogo de vergonha a olhar-me espantado...

Não tive piedade... sem exagerar, mas sem attenuar a torpissima degradação do homem apodrecido nos vicios, cheguei e repeti convulso e indignado as palavras que continham a calumnia infame, e a proposição mais infame ainda, a delação do — estar sendo condescendente e achar-se prompto a continuar a sê-lo comigo,

em minhas condições de amante e em seu caracter de esqualido marido infamissimo de Angela que me vinha pedir dinheiro!...

O padre Evangelino escondêra o rosto com as mãos espalmadas a cobri-lo, as mãos porém tremiam-lhe e elle se agitava em fortissima commoção.

Exaltado, reclamando a calumnia atroz e a mais torpe ignominia a injuriar-me, convidando-me a contracto vil, infame, revoltantissimo, eu perguntei ao irmão de Angela:

— Padre, padre!... diga-o!... não sente em si a ira!

Evangelino retirou as mãos do rosto, que estava em lagrimas, e com voz commovidissima me disse:

— E' horrivel o que me diz... é o ultimo escandalo dos vicios... mas eu não sinto em mim a ira, doutor! o que eu sinto é só compaixão da mais baixa degradação humana; oh, doutor, oh, meu illustrado amigo, ao senhor que é homem de fé, que crê na eternidade e em Deus, eu digo: é pelos maiores peccadores, pelos maiores perversos e escandalosos, como meu cunhado que mais se deve pedir a misericordia de Deus nosso Senhor!...

Após breves momentos em que admirei a paciencia e a virtude do padre Evangelino, disse-lhe:

— Eis aí, meu amigo, o caso de verdadeira força maior que me obrigou a escrever a carta, que tambem me custou amarga tristeza, mas eu não podia proceder de outro modo.

— Porquê, doutor?...

— Pois pergunta-o?... e a ideia calumniosa que negrejou nas palavras de Adolpho Soares?...

— Que tem isso?... a columnia despreza-se.

— Fosse eu a unica victima e poderia desprezá-la.

— Sim, entendo, e agradeço o seu generoso sentimento.

— Seu cunhado é o peor dos homens, e o credito, a honra de D. Angela...

— Doutor, quando a consciencia está tranquilla, e a sua está, é, deixe-me dizê-lo, é fraqueza o receio da calumnia.

— Não é por mim que receio; é que Adolpho Soares, perdida a esperança de extorquir dinheiro da esposa e de mim, vingar-se-ha, propalando atrozes aleives.

— Meu cunhado não póde desacreditar pessoa alguma.

— Padre, o mundo é mau.

— Nem tanto assim; o mundo tem olhos e ouvidos e tambem sua consciencia engana-se muitas vezes, quando indiscrições e apparencias, do que não existe realmente, transviam ou perturbam o seu juizo; quando porém observa vidas transparentes e de exemplar honestidade, o mundo annulla a calumnia, desprezando o calumniador.

— E todavia quantas victimas innocentes, padre!

— Em martyrio temporario, convenho, mas a verdade acaba sempre por brilhar.

— Que seja assim; eu não quero o injustissimo martyrio de sua virtuosa irmã nem um dia.

O padre Evangelino, sorrindo com brandura, perguntou-me sem a mais leve alteração de voz:

— Então persiste na resolução que tomou e que foi communicada a Angela pela sua carta de hontem?...

— Persisto... a pesar meu. Vou deixar esta casa, mudar-me-hei para cidade.

— Tudo isso, bem o vejo, por amor e zelo do credito... da reputação de minha irmã...

— Sim, meu bom amigo... juro-lhe que é um sacrificio, cumpre-me porém fazê-lo.

— Bem, doutor, permite-me porém uma observação?...

— Oh! mil... todas, sabe como o estimo e venero.

O padre apertou-me entre as suas uma das minhas mãos, e disse:

— Doutor, aqui em Santa Thereza, e já fóra d'aqui no circulo de parentes e amigos meus, é geral o conhecimento da sua desinteressada dedicação ao tratamento de meu sobrinho, e das relações de reciproca e intima amizade que o ligam a minha tia, e a mim... todos applaudem o escrupuloso exercicio do sacerdocio do medico, todos honorificam a pureza das relações do perfeito cavalheiro com a familia que frequenta, e particularmente com Angela, a agradecida e doce mãe do seu doentinho, com a senhora casada com um homem ruim, e cujo recato, e cuja castidade merecem e gozam culto até hoje nem por ligeira sombra embaciado.

— Que quer indicar-me?...

— Eu quero simplesmente dizer, doutor, que a sua despedida subita do tratamento de meu sobrinho, que a sua retirada absoluta e repentina da casa de minha irmã farão imaginar explicações talvez suspeitosas de... nem sei mesmo de quê...

— Oh!...

— Eu vivo longe... lá na cidade, em casa, retiro que amo assim; aqui minha pobre tia surda e velha não póde ser objecto de suspeitosas conjecturas... o Lulu tem por si o seu escudo de infancia e de innocencia; mas a infeliz Angela, esposa menosprezada pelo marido, mulher joven e formosa, é exclusivamente a unica pessoa a quem o **mundo**, de que ha pouco me fallou, tornarà obrigada a responder pela sua despedida de medico, e pela sua absoluta retirada de amigo.

— Ah!... padre Evangelino... tem razão, mas depois do que me disse, e do que escandalosamente me propôz Adolpho Soares...

— Doutor, meu cunhado não é um homem que se tome a serio, é uma degradação humana, uma cousa ruim, de que ninguem faz caso, e que só tem direito

ás orações de caridade para que Deus lhe minore o justo castigo dos seus desenfreados vícios; Angela porém...

— E' anjo de virtudes...

— Anjo, não, mas senhora de costumes irreprehen- siveis e de recatada vida, a quem o doutor, sem o ter pensado, vae expôr a juizos temerarios e a con- jecturas inconvenientes.

— Eu?!!!

— Pois então? imagine, se póde, explicação inno- cente para a sua despedida de medico, e retirada de amigo!... privado de explicação acceitavel, o mundo de que fallou, e que na verdade é curioso, não pergun- tará: «porque foi?...» e em falta de resposta que o satisfaça, não inventará explicações?... doutor, até onde irão ellas?...

Vacillei confundido, antes de responder.

O padre continuou, dizendo:

— Não o esqueça, doutor. Angela tem apenas vinte e três annos, é bonita, e vive abandonada pelo marido; o senhor é pouco mais velho que ella, e mancebo por certo amabilissimo...

— Supponhamos que eu o seja... na hypothese da minha amabilidade e no reconhecimento evidente da bel- leza de sua irmã, Adolpho Soares terá...

— Perdão! antes de meu cunhado, que todos teem em reprovação e desprezo, lembre as famílias e os vi- sinhos que, felizmente, providencialmente, desde o ata- que de convulsões do menino teem concorrido e frequen- tam a casa de Angela. Doutor! vou fazer-lhe uma con- fissão, não se enfade...

— Ao trazer para aqui minha irmã, eu a aconselhei a viver em isolamento e a esquivar-se a relações com visinhos, mas depois...

— Depois...

— Dei-lhe conselho absolutamente opposto; recomendei-lhe que animasse e excitasse a frequencia de familias estimaveis em sua casa, que com agrados e franqueza angariasse assidua companhia de senhoras honestas.

— Porquê, reverendissimo?... perguntei um pouco suspeitoso de alguma prevenção menos digna de mim.

O padre me respondeu com a sua simplicidade captivadora:

— Porque eu queria testemunhas irrecusaveis do proceder, dos modos, das fallas, da como que obrigada intimidade amiga do homem honradissimo e pudico, medico preclaro e consciencioso, mas elegante e bello joven, e da pobre mãe doente, muito moça e um pouco linda, e casada sem marido.

— Ah!...

— E quer saber o que colhi dessa minha sementeira de cuidados e de zelo de irmão, deixe-me tambem dizê-lo, e de amigo que o aprecia?... colhi-o que talvez não saiba...

— O quê, padre?...

— Colhi o justissimo gozo do credito de honestissimo sacerdote-medico em sacrario de familia, de que o doutor é objecto nos juizos e nos elogios de quantas familias e principalmente de quantas senhoras frequentam a casa de minha irmã, e o teem acompanhado e observado em suas relações de amizade com Angela.

— Ainda bem, padre!... agradeço-lhe de todo coração sua doce e não sentida policia secreta.

O padre sorriu, e disse:

— Agradeça-m'a, doutor, porque hoje ella é dupla egide, a egide da castidade de Angela, e da honra e do santo respeito do joven medico do filho de Angela.

Ouvindo as palavras do padre Evangelino, eu sentia como vivo pungir da consciencia do meu amor condemnavel, do amor ardentissimo, em que me abrasava.

por Angela; em doido, passageiro momento tive impeto de ajoelhar-me aos pés daquelle padre sabio e piedoso e de confessar-lhe minha paixão amorosa indigna de mim, ou conscienciosa reconhecedora de dissimulado e escondido sentimento criminoso.

Era melhor tê-lo feito: o padre Evangelino dobraria a frente, respeitaria minha resolução honorificadora de Angela e de mim, e provavelmente me diria: «fuja! abenço o sacrificio do seu amor... fuja!»

Não tive animo de o fazer... não confessei o meu amor inconfessavel...

Porquê?... tolheu-me acaso o vexame, ou, aspirando voltar ao lado, aos pés de Angela, guardei dissimulado o meu segredo.

Preciso dizê-lo? o padre Evangelino convenceu-me de que me cumpria retirar a minha carta da vespera, e ir implorar o meu perdão por tê-la escripto.

Logo, porém, esbarrei com uma difficuldade pratica.

Eu não podia apparecer a Angela em indicar-lhe os motivos que me tinham coagido a despedir-me bruscamente de sua casa.

Não me era possivel confiar a Angela a calumnia do presente e a infame proposição do futuro, que eu cuvira a seu marido.

O padre Evangelino aconselhou-me a prescindir de explicações com sua irmã.

— O que lhe seria muito difficil, a mim será facil, disse-me elle.

E o padre levou-me comsigo a pedir o meu perdão a Angela.

Fui recebido em commoção e festa.

Angela ria alegre com os olhos em lagrimas.

O Lulu abraçava-me as pernas enquanto a boa senhora surda me apertava pelo pescoço, chamando-me ingrato.

O padre Evangelino aproveitou os abraços da tia para, a alguns passos, fallar baixinho á irmã.

Sem acompanhá-lo com os olhos, acompanhei-o com o meu ouvido de joven.

Elle recommendava a Angela que não me pedisse explicação alguma, e que simplesmente me entregasse a carta que eu escrevera.

No entanto Flora repetia dez vezes:

— Sou capaz de jurar que foi por causa de alguma perversidade daquelle diabol!

O padre Evangelino tratou de aquietar a tia, enquanto eu tomava nos braços o Lulu, e o acariciava.

Pollux saltava em torno de mim, interrompendo os saltos para lamber-me os pés.

Angela tinha saído da sala; voltou porém logo, e apresentando-me a minha carta, disse:

— Este papel nos fez mal... não o posso guardar... encerra magoas que desejo esquecer.

Depuz no chão o menino, e tomei a carta que estava aberta... oh! o papel tinha vestigios de lagrimas, bem quizera conservá-lo!...

Não devia fazê-lo.

Eu tenho o vicio de fumar cigarros; tirei a minha caixa de phosphoros, inflamei um, dizendo:

— Tambem não posso levar comigo um remorso... queimo-o.

E puz logo fogo á carta, que ardeu, retorcendo-se entre meus dedos o papel que se ia queimando.

Pollux tomou a si espalhar com o focinho e com as mãos a cinza.

Minha carta ficou sendo segredo da familia. Os proprios servos o ignoraram, conjecturando apenas subito e grande desgosto determinado por Adolpho Soares em suas costumadas e violentas exigencias de dinheiro.

Chegaram duas senhoras de optima sociedade e moradoras na visinhança.

Abraçaram e procuraram consolar Angela, pois que já eram sabidas e justamente condemnadas a nova tentativa de extorsão de dinheiro, e as revoltantes ameaças de Adolpho Soares.

Angela confrangeu-se...

Uma das senhoras disse:

— Porque se afflige?... é seu proprio ruim marido que propala, o que mais lhe convinha esconder...

— Oh! como?...

— Hoje elle retirou-se d'aqui, jurando em voz alta, e proferindo ameaças contra a senhora e contra o senhor padre...

— Deus lhe perdoe, como eu lhe perdôo, disse Evangelino.

E a outra senhora accrescentou ao que dissera a irmã:

— E horas depois o sr. Adolpho Soares voltou, e devo crêr, todos ao menos crêem, que foi ter com o senhor doutor, que naturalmente negou-se a dar-lhe o que elle quiz obter.

— Porquê? perguntei eu provalmente agitado.

— Porque apressado e colerico proferia injurias e tambem ameaças contra o senhor doutor...

— E' a minha desgraça, murmurou Angela.

— Mas desgraça em que deve achar a mais doce consolação; sem desaccordo de uma unica voz, todos, D. Angela, a chamam aqui em Santa Thereza — o anjo do martyrio.

O padre Evangelino interveio, e fez mudar o assumpto da conversação.

Angela em breve se tornou alegre.

Eu fiquei reflectindo, procurando embora dissimular a apprehensão das torpes calumnias de Adolpho Soares.

O padre Evangelino leu na minha alma, chegou-se a mim, e perguntou-me em voz baixa:

— Pois não sentiu a egide, doutor?... creia-o, o mundo é muito melhor do que diz d'elle.

XVI

ANGELA SUSPEITA

Continuei a occupar-me desvelado do tratamento do Lulu, cujas melhoras eram tão progressivas e francas; que eu bem pudera, sem inconveniente, espaçar minhas visitas de medico assistente.

E não as espaçava.

Meu Deus! porque o não confessarei?... eu tinha em empenho, desejo invencivel de ir ao lado de Angela, respirar o ar que ella respirava, ouvir sua dôce voz, adorá-la sem que ella disso se apercebesse.

Eu amava a senhora casada, parecia-me porém que esse amor, que eu condemnava tanto, guardava em si o quer que seja de angelica pureza pela continencia respeitosa dos orgãos dos sentidos que fallam eloquentes sem ter voz, pelas dominações do olhar em impetos de flammæ, pela naturalidade serena da minha mão que apenas brandamente apertava a mão de Angela, pelos modos contidos com que eu sabia tratá-la em intimidade amiga, mas respeitosa.

Entretanto, ao fim de alguns dias comecei a conceber suspeitas de dissimuladissima alteração nas relações suaves e puras de Angela comigo.

O mesmo agrado sempre, a mesma alegria ao receber-me, o mesmo trato ameno e dôce, as mesmas indicações de amizade e de gratidão, mas ao mesmo tempo certo **quê** de novo, que lhe contrahia um pouco as expansões de confiança.

Parecia-me que Angela não me olhava como d'an-

tes com o amplo e não medido olhar, de animo absolutamente seguro e sem prevenções.

Nos dias e horas em que eu de costume chegava a visitar o meu doente, era infallivel achá-la acompanhada de alguma das senhoras que a frequentavam.

A's vezes, quando a conversação se animava e eu tinha de ouvir e de responder sobre algum assumpto, a outrem que não ella, em mais de um caso disfarçando subtil observação, eu a apanhava a olhar-me curiosa; em outros, se era a ella que eu fallava, via-a com os olhos no tapete da sala, mas de subito levantava suas palpebras, e fitava-me por momentos com indagadoras, penetrantes vistas.

Não mais discreta, muito mais contrahida porém, evitava nas conversações assumptos que poderiam obrigá-la a apreciações de sentimentos amorosos ou de ternura commovente.

Tudo isso, porém, se passava tão delicadamente e com tantas apparencias de naturalidade, que eu nem tinha o direito de parecer senti-lo.

Mas essa mudança, embora de longas nuanças, que significava?... de que provinha?...

O padre Evangelino teria confiado a Angela as torpezas que Adolpho Soares me dissera e me propuzera? parecia verosimil, e nessa hypothese a companhia infallivel de alguma senhora amiga nos dias e horas de minhas visitas era defesa calculada contra as calumnias provaveis do marido infame.

Porque, porém, Angela me olhava, e me observava disfarçadamente?... entrára em seu espirito alguma desconfiança do meu amor, que eu guardava tão no fundo do coração?...

Oh!... se Angela tinha arrazado ou procurava descobrir o meu segredo, com que intuito o fizera ou fazia-o?... seria gozo de vaidade?...

Ardia em mim o mais vivo desejo de esclarecer minhas duvidas, de dar luz ás minhas suspeitas.

Muito de plano uma vez fui ver o Lulu em dois dias successivos.

No primeiro, em que era esperado, estava com Angela D. Lucinda, que mais assidua a acampanhava; era joven, solteira, e morava perto com uma irmã casada.

No segundo, Angela estava só com sua tia e o menino.

Recebeu-me perfeitamente; notei porém que trazia as faces mais coradas que de costume.

— Que felicidade foi esta?... não o esperavamos hoje, disse-me Flora.

Eu tinha preparada a minha explicação:

— Não as quiz prevenir da minha visita de hoje para não suscitar apprehensões, mas hontem notei no Lulu phenomeno, que não pude bem apreciar, e que poderia ser, e espero que não seja, symptoma de ligeira aggravação da sua molestia. Quero examiná-lo.

Olhei para Angela, e vi que não se alvoroçara. Evidentemente não tinha acreditado no que eu dissera.

Procedi ao desnecessario exame do menino, prolongando-o um pouco para salvar as apparencias do meu receio, e por fim levantando o Lulu que eu deitára no sophá, disse-lhe alegre:

— Corre, Lulu!... salta com o Pollux!

Angela, querendo tambem salvar as apparencias, perguntou-me sorrindo, mas ainda corada:

— Então, doutor?...

— Minha senhora, não só me sobresaltei vã e enganadamente hontem, como me felicito pela mais alegre das noticias, que eu poderia dar a v. ex.^a

— Qual?...

— Antes de quinze dias o medico de seu lindo e interessante filho terá de despedir-se de v. ex.^a, deixando-o completamente restabelecido.

— Oh! exclamou Angela apertando-me com ardor a mão, bendito seja Deus, e abençoado o doutor!..

Immediatamente depois largou-me a apertada mão, e, recuando um passo, accrescentou com os olhos baixos:

— Conto, **nós contamos**, que felizmente o medico despedindo-se, deixar-nos-ha tambem felizmente o amigo sem despedida.

Curvei-me agradecendo, e fui tomar o meu chapéu.

Flora disse admirada:

— Então já?... é mesmo visita de medico?...

Respondi muito alto ao ouvido da senhora que era surda:

— Sim, porque foi extraordinaria e em dia não costumado...

E inclinando-me outra vez deante de Angela, disse em tom baixo:

— E nem me é licito prolongá-la mais.

Ella não me respondeu, convidando-me a demorar-me, como d'antes fazia, mas offereceu-me com dôce agrado a mão, que beijei respeitoso, indo tambem beijar a de Flora, que me disse:

— Menino! eu cá tenho meus direitos de velha.

E abraçou-me.

— Adeus, doutor! e até sempre! disse-me Angela, offerecendo-me pela segunda vez a mão.

XVII

UMA PROVA

Porque estava eu empenhado em dissipar sombras de duvidas, e em aclarar conjecturas sobre a leve, mas já sensível modificação das relações amigas e talvez dos sentimentos de Angela para comigo?...

Ah!... eu não pensei, não reflecti na contradição

manifesta dos meus sabios principios de veneração á senhora casada, que não deve e portanto não póde ser objecto do amor do homem, que não é o seu marido, com a falsa curiosidade sem malicia, mas verdadeiro, embora inconsciente, resvalar escorregadio de amor doido e perdido pelo despenhadeiro da paixão!...

Pobre de mim!... com todas as vaidades da minha razão moralizada e moralista, eu ia aos poucos e talvez já precipitado caindo nas aberrações do dever, que eram por mim proprio condemnadas.

Meu juizo perturbára-se, minha consciencia de homem de bem e de sãos principios devia estar gemendo abafada.

Eu tinha feito, estudado a primeira experiencia, a do plano assentado de Angela e sem duvida aconselhado pelo padre Evangelino, de receber-me ella as minhas vistias de medico sempre acompanhada de amiga testemunha.

Em summa, não havia nessa pratica offensa aos meus brios; era prudente cuidado para confundir em suas torpes ameaças o marido de Angela, corrompido e calumniador.

Todavia era triste para mim esse recurso de testemunha, zelando meu proceder de medico de família e de homem de honra.

Sujeitei-me; porque me sujeitei?... oh!... ninguem m'ó pergunte; o homem que ama é misero escravo, nem reflecte nas fraquezas e nos sacrificios moraes a que se submette.

Mas, desorientado, fugindo em desenfreios da razão fria e sã, tomado de amoroso influxo, e a julgá-lo simples curiosidade atizada, eu quiz descortinar, saber, inteirar-me dos sentimentos que levavam Angela a observar-me, a estudar dissimulada, arteira e disfarçadamente minha pessoa, meus modos, meu olhar, enfim o meu

coração, nas revelações mudas, mas de sublime eloquencia, que porventura lhe escapassem.

Eu começava a delinquir, mas não o sentia.

Que me importava verificar o que Angela queria descobrir e lêr no livro secreto da minha alma?...

Oh! isto é lição que deve aproveitar áquelles que, reputando-se mais fortes, mais dominadores de si mesmos, pensam que lhes é possível sem perigo de sua honra e do seu dever embalar escondido no coração o amor que a honra e o dever justamente reprovam.

Esse amor que se guarda encerrado no berço, onde nascêra, é sentimento que se impõe, que despedaça suas cadeias, que perturba a razão, faz dormir ou illude a consciencia, e é milagre quando não acaba fazendo o homem ou a mulher mentir ao dever e sacrificar a honra.

Eu já ia transviado... já.

O que eu fiz foi experiencia indecorosa, indigna de mim.

D. Lucinda era aos vinte annos de idade joven senhora bonita, sem que fosse bella, e tão agradável como discreta.

Na minha seguinte visita encontrei-a, com a irmã casada, ao lado de Angela.

Olhei apenas com attenção para o Lulu, e beijando-lhe a fronte, disse:

— Ah!... elle apressa a dispensa do medico...

Angela respondeu-me com lisonjeiro cumprimento, encarecendo a minha capacidade scientifica.

• D. Lucinda disse:

— Senhor doutor, eu acompanhei desde o principio o tratamento do Lulu, e admirei como o senhor adivinhava o que o doentinho ia apresentar e as melhoras que pouco a pouco foi sentindo.

— Ah! observei eu, quem sabe se v. ex.^a concorreu para o restabelecimento do Lulu!

— Como?...

— Assidua junto delle e a fixá-lo com os seus bellos olhos, é acceitavel a hypothese de poderoso influxo magnetico.

A irmã de Lucinda sorriu-se.

Angela ficára em silencio.

Voltei-me para ella e perguntei:

— Não pensa como eu?

— Penso, quanto á belleza dos olhos de D. Lucinda, mas relativamente ao restabelecimento de meu filho, não posso senão dizer que o devo primeiro a Deus, e depois ao doutor.

A resposta me pareceu demasiado séria para o caso.

Chegaram mais duas senhoras, mãe e filha, esta da idade de Lucinda ou pouco menos.

Angela eclypsando todas.

Eu porém durante a conversação, que se tornou geral, rendi como pude preito de cavalheiro a todas as senhoras, deixando todavia perceber de leve certo pendor para a menina Lucinda.

Fiz-lhe a côrte licita que não compromette a isenção do cavalheiro, e que apenas lisonjeia a senhora, de que é objecto.

Mas... não me enganei, não; vi, notei que Angela me observava com habeis dissimulos, que ás vezes me olhava turbada, que mudava frequente de cadeira, sentando-se agora bem em face de mim, depois dando-me as costas. Afigurou-se-me successivamente abatida e radiosa, absorta e expansiva, triste e a rir, mas a rir um pouco mais do que costumava ainda nas horas de consolação.

Com certeza estava muito pallida e por vezes contrahia os labios após riso artificial e tremente.

Creio que Angela arreceu-se de que eu pudesse surprehender e estudar sua physionomia, ou sua comção, que aliás a todos escapava; talvez me tivesse

apanhado a olhá-la nas projecções rapidas de minhas vistas calculada e indecorosamente perscrutadoras, talvez, porque de repente ella se levantou, e pretextando o cuidado, que seu travesso filho exigia, pediu breves momentos de ausencia da sala, e foi para dentro da casa...

Mas o Lulu saíra a brincar e a correr pelo jardim...

Como dissimular o meu enlevado encantamento?...

A minha alegria não chegava á exaltação, porque o respeito me impunha reservas, mas eu me sentia transportado pela convicção de que Angela me amava!...

O homem de bem, o cavalheiro zeloso do dever e da honra, que não permittem amar a senhora casada e que não perdôa á senhora casada o amor criminoso que a rebaixa e nodôa, exultava, sentindo-se amado por Angela, senhora casada, a quem apaixonadamente amava!...

Que era feito da razão fria, sã, e orgulhosamente dominadora das fraquezas do coração?... que era feito das santas noções do dever e dos dictames da honra?...

Eu não tinha escusa, mas por desculpa única teria o meu amor em insomniã.

Mas Angela não tardou em voltar á sala; em cinco ou dez minutos appareceu a meus olhos outra, simples, calma, suave enfeitiçadora, apenas ao invéz da pallidez do seu rosto coloração anormal das faces.

Quasi logo as duas senhoras, mãe e filha, retiraram-se, lembrando a hora da chegada do marido e pae, que voltava da cidade.

Quando ellas saíram a menina Lucinda foi para o jardim a brincar com o Lulu ou por impulso proprio, ou por insinuação de que desconfiei.

Ficámos na sala a irmã de Lucinda (chamava-se ou chama-se Rosa) Angela e eu.

Passados breves minutos de conversação banal, Angela me perguntou de repente:

— Doutor, que pensa do casamento?...

— Perdão, minha senhora, mas não compreendo o sentido da pergunta.

— E' clarissimo que eu não podia alludir á infelicidade do meu. Em these: pensa que o homem deve casar?

— Ah, minha senhora, que seria da sociedade sem o casamento?... eu sustento que todo o homem deve casar. O celibatario me parece o mais inconveniente dos egoistas.

— Em tal caso, doutor, é tempo de ir cuidando de cumprir o seu dever social.

Olhei-a, ella sorria.

— Espero só que a hora me seja marcada pelo coração.

— Isso poderia ser uma evasiva...

— Mas não é. Desejo casar-me por affeição.

— O seu desejo é bem justo, eu porém me aditára muito se o doutor já amasse, e amasse aqui... em Santa Thereza...

— Ah! porquê, minha senhora?...

— Teriamos a esperança de conservar perto de nós o mais dedicado amigo.

— V. ex.^a me confunde.

— Fallo seriamente.

— Mas eu não tenho ainda em mutua inclinação o duplo penhor do casamento.

— E' facil tê-lo. Ha meninas tão lindas e honestas no nosso bairro... aqui mesmo em nossa casa já tem encontrado algumas...

— Por certo...

— Agora, por exemplo, lá está no jardim a brincar com o Lulu a irmã de D. Rosinha...

— Oh, D. Angela!

— Pois então?... a menina Lucinda não é doce,

candida e formosa?... e o doutor não seria digno della?...

— Mas digno certamente de noiva de muito maior merecimento, nem por isso se trata agora...

— Eu apenas offereci D. Lucinda, como exemplo... não ha nisto indiscrição alguma...

Eu estava meio confuso, mas respondi:

— E offereceu o mais feliz dos exemplos, minha senhora. D. Lucinda é na verdade encantadora e destinada a dar na terra bemaventurança ao homem que merecer desposá-la; eu porém a tenho contemplado sómente com a mais respeitosa admiração.

— E como o cavalheiro mais perfeito e melindroso que é, disse D. Rosa.

Percebi que Angela, tomando a mão da amiga, e a olhá-la com vistas fugitivas, mas de insinuação, procurava chamá-la á intelligencia condescendente com ella.

Angela disse-me logo:

— Doutor, a sua explicavel e abençoada contemplação respeitosa dos encantos de D. Lucinda é já meio caminho andado... e, se permittisse...

Angela tomára attitudo e pretensões inconsideradas, quasi abusivas, um pouco ou muito impertinentes; interrompi-a e disse:

— Perdão, minha senhora, eu já não posso dispôr de mim... não posso...

— Ah!... murmurou Angela, estremecendo.

D. Rosa não pronunciou palavra; fitou porém os olhos no meu rosto.

Eu hesitei...

Vi Angela a olhar-me como apprehensiva, curiosa, anhelante e contristada.

Eu tinha o coração em cratera aberta, mas dominei a erupção, e disse com simplicidade mentirosa e triste:

— Não posso dispôr de mim... dependo em tudo

da vontade de meu pae, que em breve chegará da provincia...

A minha resposta enregeladora abateu a conversação.

Pouco depois, despedi-me e saí.

XVIII

REFLEXÕES

Eu tinha praticado acção ruim, ousando uma experiencia que não devia tentar, e por meu justo castigo fiquei em aturdimento.

A côrte que eu fizera a Lucinda produzira o effeito, que maliciosa e indignamente premeditára. Angela se commovêra agitada e em perturbação que não me escapou, e logo depois o repentino e inopportuno empenho que sem duvida artificiou em dispôr-me ou inclinar-me para o casamento com Lucinda áinda mais fortaleceu minha conjectura.

Oh!... tudo me fez crêr que Angela me ama.

Que felicidade indizível e que ameaças de tenebroso futuro!...

Oh!... para que desejei lêr indiscreto, incasto, no coração de Angela!... o demonio das paixões arrastou-me já até ás bordas do abysmo.

Amo ardentemente, e agora chego a pensar que sou amado.

Caindo no maligno laço que lhe armei, Angela atraiçoou seu doce e triste segredo, e não póde acreditar que eu ficasse ignorando a muda confissão de seus sentimentos em alvoroço.

Quanto ao meu segredo... ha que tempo talvez ella o conhece! que homem o mais sagaz e dissimulado

jámais pôde esconder o seu amor aos olhos penetrantes, e á instinctiva violencia da mulher que o ama?

E agora, depois desta immensa felicidade que é immenso infortunio, como poderei apresentar-me a Angela, fallar-lhe, olhá-la?...

De que me serviram a minha razão esclarecida, e os meus principios de moral severa?... e de que serviram a Angela sua santa virtude e seu inexcedível recato?... de que?...

Nella e em mim já ha duas consciencias que flagellam, porque ella e eu já sabemos que nos amamos, embora nenhum de nós se atrevesse a dizê-lo com palavras ao outro. Já o sabemos, e portanto eu transgredi os preceitos do mais imperscriptível dever, e ella incorreu em fraqueza que a confunde e a obriga a corar.

Não ha sophisma que nos aproveite.

O amor inconfessavel, reprovação, mas sentido involuntaria, violenta e forçadamente é sempre lamentavel revolta contra a razão e os principios do bem, mas pôde não ser delicto emquanto se acha sepultado no seio, como o veneno da raiz de vegetal sinistro, que se esconde enterrada.

Desde porém que a senhora casada e um homem que não é seu marido se amam, e, embora não se declarassem com impudica palavra, se saibam conhecedores de seu mutuo amor, o **delicto está** commettido, a aberração do dever manifesta, a affronta ao marido e á sociedade pronunciada, a deshonra marcada em nodoa.

Que o mundo não veja, não sinta o delicto, que os dois delinquentes o entranhem em escuro fundo do coração, que ambos se evitem, e que se respeitem, pouco importa, ambos o sabem, a aberração do dever, a affronta ao marido e á sociedade, a nodoa da deshonra está na consciencia de ambos, o delicto é positivo, in-negavel.

Para o opprobrio extremo falta só o sacrificio de

todo o brio, em que a mulher casada cede o beijo sensual ao homem que não é seu marido.

Oh!... eu sei: nunca, absolutamente nunca eu seria tão perverso que pedisse a Angela esse beijo e frui-lo em ancias infernaes, e que o pedisse, ainda mais o sei, Angela com o seu pé de senhora pudica me empurrára resentida para o golphão do ultimo desprezō.

Que importa isso?... não quero dissimular a verdade, que me confrange, não quero.

Tenho ideia clara e precisa do que é o adulterio, no codigo criminal das nações civilizadas: é o adulterio puramente material; mas no codigo das consciencias, no sagrado codigo de Deus eu vejo, sinto, reconheço marcado, condemnado o **adulterio moral**, isto é, o conhecimento mutuo, o gozo reciproco do amor espiritual cheio de enlevos, que se disfarçam, de ternuras que embora negadas se tomam, e de sophismas de pureza que são em realidade concepções de sacrificios incastos em sonhos de platonismo poetico a dissimular lascivia.

Esse delicio, esse crime, o **adulterio moral** atormentava-me, aturdia-me.

Na situação delicadissima, quasi compromettedora em que nos achavamos, como era possivel que eu mantivesse com Angela minhas relações de amigo innocentes e puras?...

Nós nos amavamos, e nos sabiamos amados... eu o supponho, tenho quasi a certeza...

Se apertando a mão de Angela a minha estremece...

Se a olhá-la, eu não pudesse dominar o fogo dos meus olhos, ou a dominá-lo, ella abaixasse commovida e medrosa os seus...

Se em innocente falla uma ideia, uma palavra de dubio sentido obrigasse leve queixa... perturbação... protesto...

Oh!... nós nos amavamos, e eu tinha medo do amor, que em mim era incendio a devorar-me.

Eu adorava Angela, mas, se é possível, adorava ainda mais a glorificação de suas virtudes.

Que fazer?...

Pobre homem a regular futuros! Resolvi dar em ultima visita por terminado o tratamento do interessante e bello filho de Angela, que em verdade se podia considerar de todo restabelecido, e aproveitando minha liberdade de medico despedido, fugir do meu maior perigo, evitando aos poucos minhas relações com a formosa e muito amada senhora, que era objecto de minha desatinada, vulcanica paixão.

Seria eu capaz de realizar a resolução prudente, o sacrificio heroico, o empenho quasi impossivel que emfim reflectido me impunha?... Acreditava que sim.

Vãos calculos humanos!...

XIX

ACONTECIMENTO IMPREVISTO

Na tarde do mesmo dia ouvi de repente gritos afflictivos que partiam da casa de Angela; reconheci a sua voz, e corri em seu soccorro.

Quando cheguei á porta da casa, chegavam tambem outros visinhos, alguns homens e senhoras... Dentro continuavam brados de angustia.

Entramos. Adolpho Soares, que lá se achava, lançou-se para o interior da casa.

Vimos uma scena horrivel. O Lulu estava sem sentidos e ensanguentado no collo de sua mãe em pranto, em desespero e em furia...

Arranquei-lhe o menino do collo, e tratei de examiná-lo.

Angela veio logo a mim, e pela primeira vez fulminando com violentas palavras o marido, exclamou:

— Homem infame! esposo perverso! pae amaldiçoado!

E ajoelhou-se ao pé do filho que eu deitára no sophá.

O menino fôra ferido nos cabeça: pedi um prato com agua, e que o creado fosse buscar o meu estojo.

No entanto fui-me empenhando em vencer o que me parecia syncope do pobre Lulu.

Angela estava incapaz de esclarecer-me sobre o que houvera.

Flora fallou por ella, mas ainda toda tremula e como espantada. Eis o que referiu:

Adolpho Soares viera ainda uma vez exigir dinheiro, e á primeira negativa de Angela puzera-se a arrombar gavetas e caixas. Perdendo a esperança de achar o que procurava, injuriára e ameaçára com tão desabriada colera a misera esposa, que esta, medrosa e aterrada, soltára o primeiro grito de soccorro. Então a fera atirára-se furioso a Angela, com' a mão esquerda apertou-lhe a garganta, como para suffocar-lhe os gritos de soccorro, e com' a direita despedaçára-lhe o corpinho do vestido, e devassára-lhe o seio, dizendo a rugir:

— Quero as chaves... as chaves!

Flora lançára-se em auxilio da sobrinha, querendo arrancá-la das garras do malvado, que, mais raivoso ainda, enquanto com os dedos de ferro da mão esquerda quasi estrangulava Angela, com a outra mão puxava-lhe os cabellos para traz, dobrando-lhe a cabeça. O menino, que estava no jardim, ouvindo os brados de Flora, viera correndo, e, querendo acudir á mãe, abraçára-se a chorar a uma das pernas do monstro que era seu pae, gritando:

— Papae!... papae!... largue mamãe!...

E Adolpho Soares, o scelerado, com horrivel golpe

de seu pé, pata de tigre, arrojára para longe o innocente menino, seu filho, que, repulsando com a violencia brutal, fôra bater com a cabeça contra um portal, ficando ferido e sem sentidos.

Só então a féra largára a victima a temer-se do brado desesperado de Flora, a que logo se ajuntára o de Angela, já de todo esquecida de si, e em ancias desesperadas pelo filho.

Tal fôra o caso inverosimil tão atroz que a todos nós revoltou.

As senhoras occuparam-se de Angela, quizeram levá-la a mudar de vestido que estava rasgado e cheio de sangue, ella porém resistiu, defendeu o seio pregando com alfinetes os retalhos do corpinho do vestido e ficou desgrehada, como o perverso marido a puzera, na sua posição de mãe consternada de joelhos junto do filho.

Eu começava a obumbrar-me com apprehensões sinistras. Examinando o ferimento do infeliz menino, foi-me facil reconhecer uma fractura do craneo, e além della, no que a principio se me afigurára simples syncope produzida pelo terror, ou pela perda de sangue, effeito de grave e pronunciada commoção cerebral.

Havia já uma hora que eu trabalhava em vão para arrancar o pobre Lulu não á syncope com que me enganára á primeira e accelerada inspecção, mas á mordorra e perda de movimentos e da falla.

Eu me arreceava ainda mais de compressão de cerebro ou por esquirolas ou por sangue.

O caso era muito serio.

Recommendo áquella mãe-anjo, ou mãe-martyr applicações que imaginei para occupá-la e deixar-me livre de suas estremecidas e consternadoras suspeitas, em angustiosa e febril observação de minhas impressões, do meu olhar, dos meus modos, e enganando assim o seu amor maternal deixado em apuros de solitudine na applicação de recursos aliás de effeito nullo,

dirigi-me aos amigos e bons vizinhos presentes, e pedi que um delles fosse prompto e prestes annunciar ao padre Evangelino as tristissimas occorrencias, o crime de Adolpho Soares, que tinham posto em desolação e em escandalo publico a casa de sua virtuosa irmã, e a pedir-lhe instantes e immediatas a sua 'presença' e o concurso de medicos, que viessem partilhar minha responsabilidade no tratamento de seu sobrinho, que eu reputava ameaçado de morte.

Um dos amigos da familia partiu immediatamente para a cidade.

O quadro que observamos era para despedaçar nossos corações.

Os amigos presentes, comprehendendo já que a situação do menino era ameaçadora de morte, experimentavam, como eu, a mais afflicta pena, contemplando aquella extremosa mãe chorando consternada deante do filho sem voz, sem movimento e caído em modorra.

E para commover-nos ainda mais e ainda mais augmentar as amarguras e redobrar o pranto de Angela, Pollux uivava afflicto, pondo as mãos na beira do sofá, e a chorar o seu amigo, como a sentir nelle o cheiro da morte.

Eu consegui que Flora tomasse Pollux ao collo e que o levasse para dentro.

Eu tinha pedido debalde a Angela que me deixasse prestar-lhe alguns cuidados. Ella apresentava o pescoço fortemente contundido, e muito arroxeadado em dois pontos lateraes na parte superior, as faces um pouco rubras e os labios seccos. Negara-se ao mais ligeiro exame.

Passado algum tempo, insisti e quiz tomar-lhe o pulso.

Ella recuou um passo e disse-me:

— Não pense em mim.

E apontando para o menino, accrescentou com accento lamentoso:

— Desperte-o.

Eu abaixei a cabeça.

Angela foi para o filho, e de joelhos poz-se a abraçar-lhe e a beijar-lhe os pés.

Eu tinha mandado applicar sinapismos aos pés do menino, e receoso de que a pobre mãe desatinada soffresse nos labios a influencia daquella applicação, pedi ás senhoras que retirassem Angela daquella posição.

Angela cedeu aos esforços das senhoras; dirigiu-se porém logo a mim, e perguntou-me:

— Doutor, que é que tem meu filho?...

Eu esperava a repetição dessa pergunta feita já dez vezes em todos os tons, mas por ultimo entendera que eu não devia disfarçar o que me parecia imminente.

Respondi grave et riste:

— Uma commoção cerebral.

— Acha-o em perigo... de morte...

— Minha senhora, já mandei pedir immediato concurso de medicos, e talvez que elles vejam melhor do que eu.

— Mas o doutor... o doutor... exclamou ella de mãos postas.

Não pude responder-lhe, não soube ser medico; eu chorei.

Angela desmaiou nos braços das amigas que a estavam cercando.

XX

A VICTIMA

Chegaram o padre Evangelino o dois medicos em sua companhia, e de seu confiança.

O exame da victima não se prolongou muito.

A commoção cerebral foi reconhecida, o meu tratamento approved, e o prognostico fatal.

O padre Evangelino, ouvindo o funebre desengano, foi ajoelhar-se junto do sophá, cruzou as mãos e poz-se a rezar.

Angela estava em seu leito livre da syncope, mas abatidissima; as senhoras tinham podido contê-la.

O padre Evangelino, acabando a sua oração, levantou-se, beijou a fronte do sobrinho, e veio commovido, com os olhos humidos mas resignado, apertar-me a mão.

— Paciencia, padre! disse-lhe eu tristemente.

— Tenho-a, respondeu-me; pois eu havia de impacientar-me, porque um anjo vae subir ao céu?... muita pena do que soffreu e ainda soffre na terra, isso sim.

O padre chegara já perfeitamente informado de quanto se passara.

Uma ideia me preocupava, e apressei-me a indicarlh'a, como era do meu dever.

— Padre, quando eu e estes senhores aqui chegamos, acudindo a gritos de soccorro, ainda encontramos Adolpho Soares que ao vêr-nos fugiu precipitado.

— Já o sei.

— Não fui testemunha ocular do crime; como medico, porém, tenho de dar testemunho de contusões que a senhora sua irmã recebeu, e do ferimento que determinou, por circumstancias que serão averiguadas, á auctoridade publica, a quem...

O padre me interrompeu, dizendo:

— Perdão, doutor! penso que nenhum dever de consciencia o obriga a ir denunciar á auctoridade factos escandalosos e horriveis, mas passados no seio da familia de que é medico de confiança. Eu e minha irmã não daremos o mais pequeno passo para arrastar ao banco dos reus, e talvez á infamante condemnação judiciaria, o marido de quem ella obrigadamente carrega com o nome, e o pae da victima de atroz brutalidade.

— Padre!

A auctoridade publica deve ter, e tem, olhos para vêr onde ha crime perpetrado, e obrigação de procurar o crimnoiso. Se a auctoridade vier a nós, dir-lhe-hemos a verdade sem odio nem anhelos de vingança; dir-lh'a-hemos em respeito e obediencia á lei da trra.

— Padre!... é demais!

— Não é demais, doutor; é simples e me parece bem considerado. Houve nos revoltantes actos praticados hoje por Adolpho Soares duas grandes perversões humanas: uma consistia em injurias e calumnias despreziveis e em offensas physicas da parte do marido corrupto contra a esposa recatada e virtuosa; a familia de Angela, esta por si, eu por minha irmã, trataremos prudentemente, sem ruido, e sem escandalo de cortar legalmente laços que na realidade só existem para a exploração e abusos do mais desgraçado dos homens.

— Padre! padre!...

— Outra a violenta brutalidade, a desnaturada paixão de colera, de sanha selvagem, com que o pae tornado escravo possesso dos vicios arrojou com um golpe de seu pé o filho innocentinho que foi bater com a cabeça no portal, e fracturar o craneo...

— E' quasi a defesa da féra!...

— Eu não defendo, exponho o facto. Irmão de Angela, tio e quasi pae do innocentinho que vai morrer, digo que Adolpho Soares é um miseravel, é a que chamam réo de policia, marido perverso, pae desnaturado, mas em minha consciencia não posso dizer, não creio, que elle brutal e indigno arrojasse para longe de si com a impulsão feroz do seu pé o filhinho adoravel com a ideia intencional de fracturar-lhe o craneo, e de fazê-lo victima de compressão cerebral assassina. Isso eu não posso dizer, e nem creio.

Não respondi, olhei sómente admirado para aquelle

homem de razão serena e estupenda ainda na mais dolorosa provação de sua familia.

O padre Evangelino continuou dizendo-me:

— Doutor, não chame, não provoque a intervenção da auctoridade publica, que não nos póde trazer nem consolação nem beneficio algum; se ella quizer vir, que venha, por sua conta, e no cumprimento do seu dever correrá tudo; mas minha irmã, ainda morto seu filho, a vida de sua vida, minha irmã não apparecerá nos tribunaes, como accusadora de seu marido.

— E portanto...

— Acima da justiça dos homens está a justiça de Deus, e essa não dorme nem é susceptivel de engano. Doutor! não chore pelo Lulu que morre: é anjo, vae entrar no céu; não chore por Angela, que é a martyr e terá seu premio celestial; chore e reze por Adolpho Soares, o miseravel, o reprobado, o condemnado por Deus.

E o padre Evangelino, voltando-se, afastava-se de mim; mas parou logo, e de novo virando as costas para olhar-me de face, disse:

— Doutor, quem mais precisa de nós dois, do medico que é amigo e do padre que é irmão, é a pobre mãe e desventurada Angela. Seremos dois a medicar a mãe-doente. Deixe-me ir adiante, vou prepará-la para assistir á agonia e á morte de seu filho.

E, apertando-me outra vez a mão, disse-me com voz abalada:

— O transe é doloroso, doutor, eu lhe rogo não nos deixe, que sacrifique á nossa amizade todo o resto deste dia, e talvez a noite da morte do filho, a consternar, a endoidecer, a ameaçar a vida da pobre mãe, que vivia só por seu filho.

O padre Evangelino foi ter com Angela.

Eu fiquei mudo e superdominado pelos raciocinios simples e frios e pela unção da virtude daquelle padre optimo e sem eiva de hypocrisia.

O anjinho martyr padeceu mais dois dias e três noites.

Ainda uma vez voltaram os medicos a tornar menos pesada a minha responsabilidade de assistente.

Tenho consciencia de que embora sem esperanças esgotei todos os recursos da sciencia medica; tenho-a.

Um dos meus collegas conferentes levou sua bondade ao ponto de dizer-me deante do padre Evangelino e de Angela:

— Doutor, é impossivel fazer mais!...

— Nada porém tenho conseguido, respondi com profunda tristeza.

O padre Evangelino murmurou:

— Só o poder de Deus é illimitado.

E a desventurada mãe torcia as mãos, olhava-me com febril acendimento dos olhos que ainda luziam sob as palpebras inflammadas, olhava-me sempre, mas não dizia mais nada...

Aquelle olhar de Angela era para mim indizivel martyrio...

Ao anoitecer os medicos despediram-se tristes.

O padre Evangelino, disse:

— Agora só nos cabe rogar a Deus que poupe ao seu anjo mais horas de tormento, e que lhe desate as asas para que elle vôle para o céu...

A mãe afflictissima, soltou gritos de protesto, que fizeram estremecer a todos:

— Não!... não quero que meu filho morra!... não quero!...

E avançando para mim, e em desatinos, bradou-me a apertar-me e a beijar-me as mãos, como em delirio:

— Salve meu filho!... o senhor póde salvá-lo!... salve-o!... olhe... olhe... salve-o!...

Eu tive medo daquelle fallar doido de mãe em desespero.

Felizmente, o padre Evangelino tomou-a nos braços, e arredou-a de mim.

Além do dia do crime, mais dois e a terceira e lugubre noite em começo.

Em todo esse tempo só duas pessoas que não dormiram um instante: a mãe e o medico; Angela e eu.

Angela tomava caldos, alimentação fraca sob imposição minha, e temendo-se de ameaças de minha retirada.

Eu partilhára mal e naturalmente fastiento as refeições do padre Evangelino na casa de sua irmã.

Nem meu habitual banho diario, nem mudança de roupa, nem uma só vez volta rapida a minha casa. Fiquei dois dias e três noites junto de Lulu que ia morrer, e de Angela que em extrema e dilacerante dôr enchia a todos de apprehensões sinistras.

Dos amigos e das senhoras que cercavam piedosas a mãe miserrima, uns e outros se iam e voltavam após necessarias horas de descanso e de somno.

O padre Evangelino adormecia sentado á cabeceira do sobrinho moribundo.

Flora, cedendo á fadiga, dormia aos pés do innocente que ia morrer.

Na segunda e na terceira noite só havia três vigílias assoberbando extraordinario cansaço.

A vigilia da mãe a contemplar seu filhinho ás portas da morte...

A vigilia do medico a multiplicar applicações desesperadas...

E a vigilia de Pollux que uivava dolorosamente, arranhando a porta da sala que lhe fôra fechada.

Os uivos de Pollux, o cãesinho amigo do Lulu, me commoviam fortemente, e eram consternadores.

O amor daquelle cão só tinha alli um a igualá-lo: o de Anegla, a mãe do moribundo.

A's duas horas da madrugada Pollux uivou mais desesperado ainda...

Eu despertei o padre Evangelino, e disse-lhe ao ouvido duas palavras...

O padre foi logo abraçar a irmã...

Era o lindo e interessante Lulu que estava expirando.

.....
Ha scenas que não se descrevem.

XXI

A ROSA E O LENÇO

Angela teve de guardar o leito.

Apoz reacção fortissima, a que não faltou o delirio, ficou-lhe febre pouco intensa, mas insistente, acompanhada de phenomenos nervosos.

Foi-me preciso tratar da mãe depois de não ter podido salvar-lhe o filho.

Custava-me a ir vê-la. Todos os medicos sabem com que desconsolação é recebido por amargurada mãe aquelle sob cujo tratamento lhe morreu o filhinho amado.

Eu ia pois suspeito da má impressão da minha presença.

O padre Evangelino esperava-me sempre sentado junto á cabeceira do leito de sua irmã, e animava-me com' o seu olhar de amigo e com palavras de gratidão.

No primerio dia, depois de vencida a reacção violenta, Angela não me fallou; entregou-me o pulso, olhou-me tristemente, mas sem indicação alguma de desagrado, e chorou muito.

No segundo dia offereceu-me sua mão de amiga, e disse ao irmão:

— Mano, o que elle fez por Lulu!...

E poz-se a chorar.

— Eu sei, respondeu o padre, e não o esqueceremos nunca!

— Não sabe tudo, não! ás vezes, você que é fraco, adormecia ao pé do Lulu... elle nunca dormiu... três noites, e dois dias... ou quasi três... e então...

Eu a interrompi, dizendo-lhe:

— Não deve fallar muito... eu lh'o prohibo, minha senhora.

E ella desfazendo-se em lagrimas:

— Lulu... está no céu... e do céu lhe sorri agradecido... o Lulu... tão seu amigo...

O padre, Flora e eu protestamos, e obrigámo-la a calar-se.

Angela estava abatidissima, e apenas mostrava certa animação anormal e como traiçoeira devida á febre.

No outro dia me pareceu melhor, mas ainda conservava o pulso febril; pediu-me licença para levantar-se e ir na manhã seguinte visitar a sepultura do filho.

Neguei-lhe absolutamente a licença pedida.

Ella não reclamou; sabia que depois da minha expressa prohibição o padre Evangelino não consentiria em condescender com o seu empenho.

No quarto dia encontrei-a fóra do leito e sentada junto do irmão; achava-se fraca, com a alteração do pulso ainda sensível, menos angustiada. Não me renovou o seu pedido da vespera.

Eu disse ao padre Evangelino:

— A nossa doente vae bem, padre.

Conversamos.

Pouco depois Angela levantou-se da cadeira, e deu voltas em redor da sala do seu dormitorio.

— Estou mais forte do que pensava.

E logo perguntou-me:

— Doutor, posso amanhã passear pelo meu pequeno jardim?

Não percebi o ardil feminino da pergunta.

— No seu jardim, não... é muito pequeno... não se presta a passeio...

— Entendo bem, murmurou ella.

— Mas acompanhada de seu irmão, convem-lhe passear um pouco... não ao romper da aurora... mas aos raios do sol ainda não severo... ainda docemente vivificante...

— Obrigada, respondeu-me.

Deixando Angela com o irmão e a tia, não pensei mais no passeio que permittira, julgando-o conveniente.

Preciso agora dizê-lo. Quando morreu o pobre Lulu, foi que reconheci quanto o amava.

Em tratamento um pouco longo de grave molestia que por fortuna não esperada consegui vencer, o interessante menino me enfeitiçara tanto com os seus agrados, com o seu amôr, com as suas graças infantis, que, vendo-o morrer, senti um vacuo no meu coração.

Eu amava o Lulu quasi tanto como Pullux o amava... chorei-o morto, como se chora o irmãosinho mais querido...

Isto explica um segredo innocente que a mãe do Lulu adivinhou.

A's dez horas da manhã do dia que se seguiu ao da permissão do passeio, achei Angela um pouco mais febril, nervosa e agitada.

O padre Evangelino, confuso e arrependido, confessou-me o erro que commettêra.

A pretexto da permissão do passeio não pudera resistir ás instancias chorosas, e exigentes da irmã; descêra com ella o monte, e levára-a de carro a visitar no cemiterio a sepultura do menino adorado, trazendo-a de volta no carro até á porta da casa.

— Oh!... não fez bem, meu amigo! disse eu.

— Elle fez bem! muito bem! exclamou Angela, deu-me consolação com que não podia contar, e nem eu imaginar. Agradecida de todo o coração, doutor!

— Minha senhora... não sei...

— Sabe-o. Antes de nós o doutor foi esta manhã visitar a sepultura do meu Lulu, e espalhou sobre ella rosas que colheu no seu jardim... esta prova do amor que lhe merecia meu filho não me fica só e para sempre na alma, fica-me tambem nesta rosa que tirei do meio das outras e que guardei em lembrança da sua visita piedosa ao meu Lulu...

E Angela mostrou-me a rosa, que de novo guardou.

Desde o dia sinistro do attentado de Adolpho Soares o meu coração absorvera-se todo no respeito á dôr immensa de Angela, e não pude vêr nella senão a desgraçada mãe da victima.

E foi a propria Angela que, sem intenção, sem calculo, veio despertar em mim o sentimento que parecia adormecido, e que não devera acordar.

Nada mais simples do que a minha visita á sepultura de um menino que eu amara e que morrera quasi nos meus braços.

Como adivinhara. Angela que fôra eu quem espalhou rosas sobre a sepultura de seu filho? e porque colhera ella e guardara uma dessas rosas?

Acaso a gratidão maternal não se estava illudindo, acaso não se disfarçava um pouco nella outro sentimento, que ás vezes chega a sair do coração sem reparo da consciencia?...

Ah!... voltavam as minhas inconsequentes reflexões e intimas lutas.

Porque minha razão, a honra, o conhecimento perfeito do dever não teem força para arrancar-me do seio este amor, planta venenosa que ali aprofundou suas raizes?...

E ainda mais, Angela doente e eu obrigado a prestar-lhe meus officios de medico!

Tive de ir vê-la no dia seguinte ao da visita ao cemiterio.

A febre tinha finalmente cedido, mas Angela chorava.

Encontrei a familia na sala, onde, a despeito dos conselhos e da opposição do padre Evangelino, ajuntara a roupa que fôra de seu filho, e a chorar a estava perpassando peça por peça, a beijá-las uma por uma, e a enxugar as lagrimas com ellas.

Não se interrompeu com a minha presença.

— Minha senhora, disse-lhe, isto lhe pode ser nocivo...

— Ao contrario, nestas roupinhas estou sentindo o cheiro do meu Lulu vivo e restituído á saude, graças ao doutor.

— Mas agora tenho o direito de fallar com a minha auctoridade de medico, e peço-lhe...

— Espere, respondeu-me ella.

E revolvendo as roupas, tomou um lencinho que em um dos angulos tinha uma rosa de perfeitissimo bordado, e offerecendo-m'o disse:

— Tome-o e guarde-o, doutor, em lembrança do nosso infeliz Lulu... o lencinho foi elle... a rosa que o enfeita bordei-a para meu filhinho... tome-o...

Eu recebi e beijei commovido o lenço.

Angela ergueu-se exaltada, e murmurou com os dentes cerrados:

— O meu filhinho... que o pae assassinou!...

— Angela! minha irmã! disse o padre, levantando-se tambem, em nome de Deus, fecha tua alma ao odio, e abre-a ao perdão, porque de perdão não ha um só que não precise, e aquelle que o nega aos outros, não o terá de Deus para si.

Pareceu-me que Angela se turbara de leve, mas quasi logo ella disse:

— Pois sim... pois sim, mano, mas eu exijo que se trate do meu divorcio com aquelle homem...

Dei um passo indicando que ia retirar-me.

— Doutor, disse-me o padre, o senhor é de nossa familia, é nosso irmão.

E falando a Angela, continuou:

— Minha irmã, teu marido foi por certo o causador da morte, mas não o assassino intencional do Lulu, elle porém levantou a mão sobre ti, sua esposa honestissima, com suas mãos quasi que te estrangulou, feriu com as unhas teu seio puro, não póde, não deve portanto conservar o direito...

— E' isso... e basta.

— Mas, minha irmã, é preciso que o saibas; é impossivel agora tratar do teu desquite.

— Porquê?...

— O desgraçado Adolpho Soares, tendo conhecimento das fataes consequencias da sua brutalidade feroz, a medo da perseguição da justiça fugiu, desapareceu da cidade...

— E a justiça?... perguntou Angela.

O padre Evangelino respondeu docemente:

— Que te importa a justiça, minha irmã? fica por sua conta o seu dever, a ti só cumpre o perdão da offensa perante Deus; perdoa, Angela, porque tu és santa, e algum dia terás tambem de pedir perdão a Deus...

Notei que Angela se perturbára outra vez a menos que não fosse mudo protesto de odienta aversão ao marido perverso certa commoção que a agitou.

— D. Angela não será santa, meu padre e amigo, mas com certeza ha um santo aqui...

— Quem?...

— O sacerdote interprete da misericordia divina, o anjo do perdão, o tio do menino victimã do selvagem malvado, o irmão da esposa infeliz e angustiada...

— Ah, doutor!... que sou eu?... apenas um rudíssimo padre, cuja sciencia se resume toda na luz esplendida da fé e que só e exclusivamente na lei de Jesus Christo vê a verdade eterna, e na lei de Jesus Christo o primeiro artigo é o da caridade, e o primeiro paragrapho de mandamentos desse artigo é — a esmola do perdão do mal que outros nos fazem.

XXII

ANGELA DOENTE

Porque escolheria Angela para dar-me aquelle lenço que fôra de seu filho e no qual ha uma rosa bordada por suas mãos?...

Qualquer outro objecto que tivesse pertencido ao menino fôra penhor egual de lembrança, mas o lenço que tem a rosa bordada não encerra dois penhores?...

E depois com que fim Angela me declarou que a rosa tinha sido bordada por ella?...

Eis aí duas rosas a alvoroçar-me o coração: uma a da sepultura, outra a do lenço; uma a que fôra minha, a que ella guarda, outra que ella bordou, e que eu guardo.

Na crença de vãos prejuizos dizem alguns que lenço dado de presente é agouro de separação, e um lenço de finado de que separação seria agouro?...

Mas a rosa! oh! como eu a tenho beijado mil vezes!... parece-me estar beijando as mãos que a bordaram.

E' loucura, não posso porém impedir as expansões do meu amor, quando longe de Angela e só estou livre de offendê-la.

Ah! quem sabe? não estarei sendo ludibrio de uma illusão creada pela minha vaidade?... quem sabe

se não tenho com ousada e falsa interpretação inventado indícios, conjecturas de amor em acções innocentes, e em prova de gratidão e de simples interesse amigo?... quem sabe se eu não calumnio os íntimos sentimentos de senhora tão honesta e pudica?

O estado do meu coração já é tal, que hoje eu não sei o que preferiria, se a perfeita isenção, se o amor desgraçado de Angela.

Oh!... esse amor sem direito de revelar-se franco, esse amor sepulto nos seios, para não ser crime fórdelles, esse amor maldito seria crudelissimo padecer de duas victimas.

Já disse que não sei... não sei, mas creio que eu não me queixaria de padecer assim!

Ao meio dia fui vêr Angela.

O padre Evangelino me esperava.

— Angela está dormindo, disse-me elle.

Senti como sombra de um desgosto, ao saber que ella dormia á hora em que eu tinha de chegar, mas respondi logo:

— O somno convem-lhe muito. Como passou a noite e esta manhã?

— Bem, no entanto ainda chora...

Angela entrou na sala, dizendo:

— Sim, é incrível, mas ainda tenho lagrimas.

E offereceu-me a mão.

Estava sem febre.

— Pois não dormias?... perguntou-lhe o padre.

— Não; os infelizes teem o direito de fugir que dormem, quando querem ficar a sós com a dôr.

Oh, ella não dormira!

O padre dirigiu-se a mim.

— Doutor, eu amo a vida solitaria mais apropriada aos meus estudos, e ao meu estado, as circumstancias porém em que se acha minha irmã levaram-me a convidá-la para ir viver em minha companhia; ella não o

quer... vê aqui por toda a parte seu filhinho, e teima em não ir comigo; creio que, conhecendo os meus costumes, se exime a perturbá-los.

— Também isso é verdade, acudiu Angela, interrompendo o irmão.

O padre continuou:

— Infelizmente, eu não posso permanecer aqui, tenho lá em baixo a cumprir deveres de sacerdote e de professor; hei de vir todos os dias vêr minha irmã... é quanto posso fazer.

— Obrigado, Evangelino, mas nem tanto... debes poupar-te. Pense que a minha tristeza não acabará nunca; já porém estou livre da febre, e me acho boa.

E ella tossiu fracamente.

O padre continuou a falar.

— E' claro, doutor, que não devo deixar Angela sómente com a nossa boa tia, pois tão surda como a conhece, fôra o mesmo que deixar a coitadinha sem ter com quem trocar palavras e abandonada á sua afflicção.

— Ah!... o que mais desejava era a solidão, murmurou Angela, a companhia da minha boa tia sempre me bastou.

— Porque muito te sobrava o que hoje te falta de todo, respondeu-lhe o irmão.

Angela desfez-se em lagrimas e quasi logo tornou a tossir.

O meu ouvido de medico resentiu-se um pouco; olhei instinctivamente para Angela e vi que levara o lenço á face, comprehendendo a bocca:

— Escarrou, minha senhora? perguntei.

— Não, enxuguei lagrimas; porquê?...

— Perdão... ouvi-a tossir, nada é...

O padre Evangelino fitara no meu rosto olhar perscrutador; vendo-o tranquillo e sereno, proseguiu dizendo:

— Durante os quatro ou cinco seguintes dias An-

gela terá aqui constantemente por companheira cuidadosa e desvelada a digna senhora D. Rosa, ou na ausência d'ella sua filha, a menina Lucinda.

Eu estava ouvindo o padre sem ainda ter ideia do fim das suas communicações um pouco de familia.

Angela parecia indifferente ao que dizia o irmão.

— No fim desses dias de grande pavor, continuou a dizer o padre, hei de trazer para junto de Angela, e para conviver com ella, nossa irmã Ignez, menina de dezeseis annos que eu calculava deixar ainda um ou dois no santo internato, onde se educou; mas é preciso que Ignez venha... eu a retirarei do seu collegio...

— Ignez, sim! Ignez, sim, Evangelino, disse Angela.

— Mas, doutor, eu lhe confiei estes cuidados de familia para inteirá-lo da razão delles, que é a necessidade reconhecida, e demonstrada pelo seu proprio conselho, de não deixar só, e entregue á mais justa dôr minha infeliz irmã, e para concluir declarando-lhe, que com a plena e illimitada confiança que deposito no amigo mais dedicado, no homem de probidade sem jaça, e no medico provadamente esclarecido e sabio, eu recomendo mais que a todos, e precisamente ao dr. Fabio, minha triste e pobre irmã.

— Oh!... meu padre! meu amigo!...

— Doutor, vele por Angela!... esta casa lhe fica por mim aberta a toda a hora!... doutor, seja mais do que o medico, seja irmão de Angela!

E o padre Evangelino abraçou-me, chorando.

Logo depois desenlaçando-se de mim, e dirigindo-se á irmã, disse-lhe:

— Homem de honra, capaz de sacrificios, e de abnegação sublimes, Angela! confia no dr. Fabio!

— Oh!... sei bem quanto merece a nossa confiança e...

Ella interrompeu-se tossindo pela terceira vez.

O timbre da tosse impressionou-me ainda mais.

O padre ou reparou na impressão que eu recebera, ou perguntou-me naturalmente:

— Agora, doutor, diga-me: posso retirar-me perfeitamente tranquillo em relação ao estado de saúde de minha irmã?...

Hesitei em responder.

— Eu já não tenho febre... estou boa, disse Angela.

— Que diz, doutor?...

— Digo que a minha resposta não pode ser dada de subito... depende de exame e de observação...

— Porquê?... eu não estou mais doente...

— Não penso que soffra padecimento serio, mas...

— Diga, doutor!

Voltei-me para Angela.

— Minha senhora; hoje a tenho ouvido tossir por três vezes; hontem já tossiu assim?

— Já, é como effeito de um embaraço na garganta... attribuo a inflammação procedente do...

Interrompi-a.

— Não, minha senhora, a causa deve ser outra...

O padre Evangelino comprehendeu que eu tinha apprehensões de molestia grave.

— Em tal caso, disse, se o doutor se presta, o exame poderia ser immediato...

— Não haveria inconveniente em adiá-lo para amanhã de manhã; se porém a senhora não se incommoda... e como o padre deseja retirar-se hoje...

— Mas que exame? perguntou Angela.

Eu lh'o expliquei; ella corou com ligeiro vexame.

— E' melhor... amanhã.

— Não, Angela; prefiro que seja hoje... sabes que me é necessario deixar-te... quero ir com o conhecimento pleno do teu estado.

Angela hesitando, murmurou:

— Se eu não sinto nada...

E tossiu outra vez.

— Está vendo, mana?...

Eu disse:

— E' provavel que o exame do peito tenha de repetir-se mais vezes, e talvez que a senhora prefira confiar-se a outro medico... não me offenderia por isso.

— Não! exclamou Angela, prefiro a todos o medico de meu filho.

Ella saiu da sala.

O padre Evangelino perguntou-me baixinho:

— Que receia?

— Padre, não sei o que receie, sei apenas que a tosse me parece de character a inspirar desconfianças... ruins... veremos.

— Ah! meu Deus!...

A tia Flora veio dizer que Angela estava prompta a receber-me para examiná-la.

Fomos para a sua sala de dormitorio.

A emagrecida, mas lindissima senhora tinha tomado um penteador, e deitada em seu leito cerrara os olhos como em abandono de adormecida.

Procedi com ampla e detida observação de medico: pela apalpação das diversas visceras, reconheci que só o figado se achava congesto, mas sem excitar cuidado serio; passei a estudar o som respondente ao toque de meus dedos na parede do thorax e depois pela auscultação a esclarecer-me, quanto me era possivel, sobre o estado do coração e dos pulmões. O coração apresentou-me batimentos e rumores que poderiam ter-me assustado, se eu não estivesse calculando com os commovidos vexames da formosa paciente, mas nos pulmões achei infelizmente fundamento para as minhas apprehensões.

Ah!... minha face e meus ouvidos impunes e autorizados resvalaram pelo seio pudico de Angela e tiveram forçosamente de tocar de lado suas tetas de quasi virginal dureza; eu zelo como sacerdocio o exercicio

da medicina; não abusei, não procurei sentir e apreciar aquelles thesouros physicos; mas ainda assim o dôce contacto obrigado, e os leves e passageiros estremecimentos daquelle corpo admiravel teriam feito experimentar involuntaria commoção ao homem que amava a formosa senhora, se o medico não se estivesse alvroçando e todo se absorvendo triste em suas observações.

Emfim puz termo ao meu exame, e calmo e com voz segura disse a Angela, que me olhava meio confusa, e muito curiosa:

— E' o que eu pensava; sensível fraqueza nos pulmões, o que todavia exige cuidados para prevenir affecção, que poderia tornar-se grave.

Angela cerrou os olhos outra vez, indiciando antes sentimento de confusão, do que de temor.

Eu sahi com o padre Evangelino, e, chegando á sala de recepção, disse-lhe em voz baixa:

— Meu amigo, desgraçadamente minhas suspeitas se verificaram, se é que meu ouvido não se enganou.

— Então?... perguntou-me o padre com accento doloroso.

— Sua irmã D. Angela se acha affectada de tísica pulmonar em primeiro periodo já manifesto.

A perturbação afflictiva do medico quasi atraçoava a anciedade tormentosa do amante dissimulado.

O extremoso irmão estremeceu.

— Oh, doutor!... e não tem esperanças de salvá-la?...

— E' muito duvidoso... nas circumstancias confrangentes em que se acha... ah!... sua irmã é de conformation thoraxica robusta, admiravel... não ha causa physica, ha só padecimentos moraes a determinar a molestia quasi sempre fatal que rompe ameaçadora...

— Ah! doutor!... eu confio ainda na sua sciencia...

— Ah! meu amigo!... meu padre!... por favor, e

por piedade, escolha, designe outro medico para tratar de sua irmã!...

O padre Evangelino me pareceu turbar-se; concentrou-se, reflectiu, e depois de breves reflexões, disse-me triste e grave:

— Sei bem que o medico, ainda reconhecendo provavel, quasi certo, o termo fatal de uma molestia, nem por isso nega seus cudiados, seus soccorros ao doente condemnado embora...

— Ah! padre!... eu receio muito; mas ainda não condemnei...

— E se eu chamasse outro medico, meu bom amigo? que pensaria Angela?... que effeito produziria em seus soffrimentos a retirada do medico da sua e minha plena confiança?

Eu nem pude responder. Angela acabava de entrar na sala.

Como de concerto, o padre e eu mudamos de aspecto, simulando animo tranquillo.

— Doutor, perguntou-me ella, pois que me declarou doente, vou entrar em tratamento?

— E' preciso, minha senhora.

Ella sorriu pela primeira vez depois da perda de seu filho; mas sorriu á morte.

— Se tenho molestia grave, disse, deixe-me morrer: alguns hão-de chorar-me; eu o sei; será porém melhor para todos e muito melhor para mim.

— Não fales assim, Angela; é quasi ingratição, observou-lhe sentidamente o irmão.

Ella desviou os olhos que fitara no meu rosto, provavelmente a querer descobrir n'elle o segredo do seu estado que eu lhe escondia; voltou-se para o padre Evangelino, apertou-lhe muito as mãos, e disse-lhe com viveza.

— Padre!... meu irmão... convém que eu morra.

— Convém, e mais do que convém, deves ter paciência, e resignar-te á vontade de Deus; exclamou o padre:

— Sim! sim... mas Deus tambem sabe que eu... devo morrer.

E retirou-se, chorando.

XXIII

O MEDICO AMANTE

Recolhi-me á minha triste casa perseguido por novas afflicções.

Já não era um, eram dois tormentos secretos, que eu não sabia mais como dissimular o primeiro, e desde então conter em disfarce o segundo, o que acaba de impôr-se.

O primeiro era o meu amor que se exaltava com ainda mais vivas conjecturas de terna affeição que eu inspirava a Angela.

Já não me falavam á imaginação sómente as duas eloquentes **rosas**, a da sepultura, e a do lencinho do menino finado, além desses encobertos testemunhos **funebres** do amor desgraçado, porque era illicito, eu tinha, examinando Angela, como consciencioso medico, sentido as commoções, os estremecimentos do seu pudor em revoltas de quem se sabia amada, e via alguns dos seus encantos á mercê do contacto, e da apreciação da face e do ouvido do homem a quem ella sem **dever** amar, amava tambem em segredo e a pesar seu.

Estas indicações, estes signaes não se demonstram, sentem-se; sua eloquencia, sua luz de evidencia rompem da sua propria, natural **penumbra**, da negativa de claridade ampla, que são as grandiosas e sublimes resistencias da virtude.

Mas depois aquella manifestação de desejo da morte, que seria melhor para todos, e **muito melhor para ella?**...

E logo em resposta ao conselho da paciencia e da resignação á vontade de Deus, aquelle brado da consciencia, que o padre Evangelino todo com a alma no céu não comprehendeu que era filho do sentimento pertencente á vida na terra, aquelle brado:

— Sim! sim!

Isto é, eu tenho paciencia e me resigno á vontade de Deus.

E immediatamente depois:

— Mas Deus tambem sabe que **eu devo morrer...**

Deve morrer, porquê?...

Oh!... eu me abraso na luz, no fogo ardente que me vem da **penumbra** que a virtude impõe.

Oh!... eu amo e sou amado, embora com amor que se devora em silencio, com o remorso dum crime, mas além desse tormento... outro agora, e esse... horrivel.

Eu o senti, reconheci-o: Angela está affectada de molestia fatal; não me consola, não me illude a convicção de que no primeiro periodo a tísica pôde muitas vezes ser vencida, conseguindo-se impedir o seu desenvolvimento; mas este resultado feliz depende menos da habilidade do medico, do que das causas da affecção a tempo e promptamente removidas, e da propria natureza da pessoa doente.

A natureza, a organização physica de Angela excluia a ideia dessa molestia pulmonar: sua caixa thoraxica é ampla, sua conformação admiravel, por isso mesmo seria licito esperar menos difficil dominação do mal em seu rompimento.

Mas, ah! a natureeza moral de Angela apaga todas as minhas esperanças! ella é de mais melindrosa, exquisita susceptibilidade; sensivel até o extremo tem a sua imagem na sensitiva, filha de severa educação es-

clarecida e religiosa, respeita o **dever** como lei divina, e como luz suprema da vida; annos de infortunio e de immerecido, barbaro rigor, crudelissimos desencantos a sonegaram da sociedade, amarguram-lhe o coração; tinha a mais doce corrente prendendo-a ao mundo, consolando-a com lisonjeiros sonhos do futuro, o seu adorado filhinho; por amor delle viveu, assoberbando os maus traços e as infamias do marido; por fim este perverso no furor de sua brutalidade quebrou-lhe o ultimo laço que a adunava á terra, involuntariamente ou não, matou-lhe o seu queridissimo Lulu.

Tanto soffrer de três ou quatro annos inteiros bem podia abalar a aliás pujante organização physica da muito sensivel senhora; o ultimo e profundo golpe a despedaçar-lhe o coração em três dias e noites de quasi agonia de seu filho, a dôr inexcedivel pela morte deste a tinham consummido, como em polé de torturas; com certeza cinco dias e cinco noites sem um minuto de somno reparador de forças e sem alimentação alguma, e sem ao menos um caldo por tolerancia tomado, deviam tê-la prostrado.

Taes privações, tão acerba afflicção, podiam explicar-me a congestão do figado e ainda fraqueza dos pulmões, se fraqueza delles sómente eu notasse; não me explicavam porém o subito rompimento da tísica, de que aliás foram sem a menor duvida para mim não a causa, mas a facil occasião dada, o elemento aproveitado para o apparecimento da molestia gravissima.

E a causa?... qual podia ser?... a conformação physica de Angela era de positiva negação; o clima do monte de Santa Thereza, perfeitamente isempto de humidade e dotado de optimas condições de salubridade, pretestava, exaltando sua innocencia e seu favor hygienico; apesar dos seus infortunios a bella senhora sempre em fulgores de saude, e sem indicio algum de elemento morbido hereditario ou devido ao esposo depravado.

A causa portanto era outra; era grande e invencível sofrimento moral que actuara sobre a disposição occasional dos pulmões, determinando o rompimento da tísica.

E esse sofrimento moral deixara de parecer-me o que produzira a morte de seu filho; porque Angela declara ter paciencia e resignação. Não sendo esse, qual poderia ser?... sem duvida, algum tom sinistro e desesperador que ella tinha dito ao irmão: «Deus sabe que eu devo morrer.»

Uma ideia horrivel me passava pela mente...

Oh!... seria eu?!?! seria o meu amor involuntariamente atroz o causador da tísica e da morte mais que provavel de Angela?...

Deus sabe que ella deve morrer!... deve morrer porque ama-me sem que lhe seja licito amar-me; deve morrer, porque o seu amor já é delicto pelo conhecimento conjectural que tenho d'elle, e ha de morrer, porque não podendo dominá-lo, extingui-lo e ainda menos aditá-lo em delirios de paixão, esse amor mata-a.

Meu Deus! meu Deus!... se este pensar não é illusão de meus sentidos, erro devido á minha imaginação exaltada e desvanecida, meu Deus!... que tremendo castigo me espera?

E não devo ser medico de Angela; negando-me porém a sê-lo, que pensará o padre Evangelino, e a minha recusa que influencia terá sobre o estado morbido da infeliz senhora?...

Não tenho esperanças de salvá-la; a tísica de Angela era evidentemente de poucos dias, pois que até o ferimento fatal e a morte do filho ella gozára saude perfeitissima, e em poucos dias o desenvolvimento de tuberculos avançara tanto, que me fazia arrepear do character chamado galopante da molestia irremissivelmente mortal.

Ah!... se em minhas criminosas fraquezas, se em minhas aberrações do dever, eu não tivesse deixado

sem duvida atraiçoar o meu ardentissimo e respeitoso, comprimido, ou mal comprimido amor, Angela muito provavelmente minha simples e doce amiga, não sentindo as commoções do meu terno affecto, ter-se-hia conservado isempta do sentimento, que provoquei aliás sem provocação intencional.

Errei, delinqui, fui immoral, menti ao dever e á honra...

E agora?...

Eis-me soffrendo o castigo das paixões reprovadas.

Eu não devia amar Angela, senhora casada, e ameia, e não fiz quanto ao principio podia para esmagar esse amor.

Em sophismas de sensualismo inconfessavel, pois que condemno o sensualista, illudi, enganei, ou melhor, abafei minha consciencia, dando ao meu amor poetico as seguranças de absoluta e secreta concentração.

Era como simples peccado mental, como um crime da imaginação escondido nas santas reservas do respeito á amada, que não tinha o direito, a liberdade de amar.

O fogo se aticou... o fogo despede flamas, eu inconscio incendiario pensei, louco, que me era possivel impedir o radiar das flamas... e uma, ou talvez muitas destas, feriam os olhos e o coração da mulher formosa e sensivel, que eu amava em segredo realmente impossivel de dissimular por muito tempo...

E' agora o castigo!...

Angela amava-me e vae morrer pelo amor, que eu excitei, e que o dever e a virtude, que são leis irrevogaveis e santas para ella, lhe prohibem como imperdoavel crime, concedendo-lhe apenas em commutação de pena o recurso da morte em passividade suicida.

Eis o horror a que me arrastou a paixão.

XXIV

ANGELA VAE MAL

Angela vae mal.

A menina Lucinda a acompanha desde três dias, e o padre Evangelino vem diariamente á hora da minha visita, a instancias minhas.

Confesso: eu começava a ter medo de achar-me a sós com Angela; no estado em que a via, tinha medo de mim e della.

Não me engano: a mil vezes infeliz senhora observa-me a perto, mas cuidadosa, quando Lucinda está conosco ou me falla. Eu me limito á mais simples cortezia com a innocente menina, que em uma hora de insidiosa ousadia me atrevera a cortejar com lisonjeiros modos.

Ah! todos os martyrios de Angela foram preparados por mim.

Não me é licito duvidar das suas desconfianças de intelligencias amorosas entre mim e Lucinda; o seu olhar perscrutador m'as denuncia apesar de todo esforço que ella emprega para disfarçá-los.

No entanto posso e devo dizê-lo— em suas relações comigo Angela mantém-se perfeitamente recatada, digna de sua educação e de sua pureza de costumes; mas se ella ama-me como não me é possível duvidar, que esforço, que violencia sobre si mesma, não lhe é preciso empregar, e por consequencia que elemento de aggravação da sua molestia!

A situação não era toleravel. O medico tinha obrigação absoluta e imperscriptivel de separar de Angela o homem que a amava, e que era amado.

Uma ideia me acudiu: era de optimo conselho medico, e de recurso de consciencia de homem de bem: resolvi propôr como urgentemente necessario alguns mê-

ses de residencia de Angela em Nova Friburgo ou em Theresopolis.

Ah!... no meu egoismo de apaixonado adorador da bella senhora esse conselho era doloroso sacrificio e quasi sem esperança alguma de salvação para Angela.

Bella senhora!... pobre anjo tão rico de virtudes, e tão envenenada de amor!...

Angela ia em progressivo quebramento, e morridão, perdendo a formosura physica; seu corpo emmagrecia cada dia mais, seu rosto abatido se estava tornando de brancura como transparente; seus bellos olhos iam-se encovando, seus labios perdiam a rosea côr... a ruina d'aquella maravilha de encantos adeantava-se...

Oh!... mas contemplando-a assim a descaír do seu esplendor, a desbotar avançando para a morte, eu amava ainda mais apaixonado e delirantemente essa mulher, anjo-martyr do amor condemnado, mas sublime pela sua virtude; amava-a, como... não sei como, amava-a ainda mais perdidamente assim.

E todavia tive animo e força.

Ao fim da primeira semana de tratamento improficuo de Angela, e após terceiro exame do estado dos seus pulmões, declarei particularmente ao padre Evangelino que sua irmã ia a peor e ameaçando-nos com accelerada marcha da molestia fatal.

O padre confrangeu-se.

A irmã apresentou-se logo diante de nós, e a seu lado Lucinda.

— Então, doutor?... perguntou-me ella com o seu riso funebre, que era o riso que lhe ficara depois da morte do filho; então?...

Eu respondi com algumas palavras de falsa confiança e de consolação, e fortalecido pela religião do dever. propuz, aconselhei como indispensavel a sua residencia e tratamento temporarios em nova Friburgo ou em Theresopolis.

Angela estremeceu toda e sentiu-se quasi em desmaio.

O padre Evangelino disse-lhe:

— Minha irmã, eu pedirei uma licença de dois ou três meses, e com a tia Flora e a mana Ignez te faremos companhia.

Ella recobrou as forças; levantou-se, e olhando-me com fixidade e ardor, perguntou-me:

— Nega-me a consolação dos cuidados que prestou a meu filho?...

— Minha senhora!...

— Não sairei d'aqui: quero morrer aqui: abandone-me, se quizer: é seu direito...

— Mas ninguem pensa em abandoná-la... ha de viver...

— Sei que estou tísica, disse Angela com frieza; tenho molestia incuravel... e de breve terminação... é favor de Deus; porque... **eu devo morrer.**

Cairam-lhe dos olhos duas grossas lagrimas que ella não enxugou.

O padre Evangelino e eu não sabiamos que dizer... provavelmente elle tinha, e com certeza eu tinha necessidade de chorar...

O cãosinho Pollux interveio, entrando na sala, indo lambe os pés e festejar a mãe do seu finado amigo, o menino Lulu.

Angela acariciou Pollux, que depois da morte do filho era objecto muito explicavel do seu amor.

Pô-lo ao collo, abraçou-o, beijou-o, e depois disse:

— Padre, meu irmão; sei que brevemente morrerei. E' favor de Deus... e não farei testamento, porque não tenho que legar...

— Angela!... que ideias!...

— Mas, padre!... Pollux foi de meu filho, e agora é meu; declaro que por minha morte deixarei Pollux em legado ao sr. dr. Mario.

E voltando-se para mim:

— Doutor, quando eu morrer, tome conta de Pollux... eu lhe deixo em legado Pollux, que lhe poderá lembrar Lulu e Angela.

Lucinda, commovida, procurou distrahir a senhora de quem era amiga e poz-se a dizer-lhe mil coisas, todas ou quasi todas banaes; mas a olhar muito para mim, sem duvida como a pedir a approvação do medico.

Pareceu-me que Angela disfarçava apenas a impaciencia e o desgosto que lhe causava o interesse amigo da bonita 'menina, que então me procurava tanto com os seus bellos olhos.

Quando me despedi de Angela, ella disse ao irmão:

— Padre, eu preciso da companhia de Ignez; traga-me minha irmã.

O padre Evangelino seguiu-me até á porta, que abria para a rua.

Alli, apertando-lhe a mão, eu lhe disse:

— Padre, traga-lhe sua irmã: é preciso ou pelo menos será consolador...

XXV

CONFISSÃO DE AMOR

Acabo de voltar da casa de Angela, e chego á minha afflictissimo.

Havia três dias que eu poupava a misera doente aos meus exames do seu peito; hoje entendi que não podia dispensar-me de observá-la.

Ah! caminha rapida a molestia: a affecção tuberculosa que se pronunciára sómente no pulmão esquerdo

já se manifesta no outro, e os tuberculos do primeiro já são expellidos pela tosse.

E Angela castiga severa o crime do meu amor, que lhe está apagando a vida.

Propuz ao padre Evangelino uma conferencia com dois ou três medicos especialistas.

O padre conveio immediatamente em satisfazer o meu pedido; Angela porém respondeu descisivamente:

— Não quero; o que o doutor não póde conseguir, nenhum outro conseguirá.

O irmão disse-lhe pacientemente:

— O que o doutor se limita a pedir, é um direito que elle póde impôr...

— Mas eu nego-me a prestar-me ao seu pedido, como a sujeitar-me á imposição do seu direito de medico; só não lhe disputo o direito de despedir-se... para esquivar-se ao desgosto de acompanhar-me até á porta do cemiterio...

Que dizer-lhe?...

Ah!... rompiam-lhe dos olhos encovados flammias como lavas anormaes e subitas escapadas de funda e comprimida cratera; havia na sua voz uns tons novos, umas como desafinadas notas da santa harmonia de sua vida que me rasgavam o coração.

Eu não sabia mais reflectir, estava em desespero de medico, e no apuro da maior tortura de homem que ama, na tortura da consternação, que não póde chorar, nem gritar, na consternação muda e horrivel do consternado incoffessavel por delinquente.

Oh! foi tão violenta, tão excessiva a minha dôr que cedi ao impeto dum recurso extraordinario, e ou insensato ou o mais nobre e magnanimo.

Sahi, tornei a ir a casa de Angela para fallar em confidencia ao padre Evangelino, e declarar-lhe que eu amava sua irmã, e não podia...

Meu Deus!... eu nem atinava com o que me cum-

pria dizer-lhe; mas fui como um cego que avança apressado por vereda que mal conhece, como um doido que vae arrebatado fazer, o que não sabe de que modo, e até que ponto fará...

E fui, e cheguei...

Estava na sala a velha Flora sósinha; era santa, veneravel senhora.

— Oh! disse-me, voltou? ha novidade?

Levei minha bocca ao seu ouvido:

— Preciso muito fallar ao padre.

A pobre surda me respondeu baixinho:

— Elle está no quarto de Angela, que o chamou agora mesmo para ouvi-la... não sei que é... talvez alguns escrupulos de consciencia... coitadinha!... ella pensa que vae morrer...

Estremeci...

Uma ideia ou de apaixonado em insomnia, ou de... não sei quê... de arrebatado... ou de abusivo quebrantador do dever... de louco... ou de perverso curioso... não sei... não sei...

Eu conhecia bem a casa; o quarto de Angela abria para o jardim duas janellas com venezianas...

Fingindo esperar sem impaciencia o termo da conferencia dos dois irmãos, conduzi Flora a passear comigo no jardim, e lá...

As janellas do quarto de Angela estavam abertas, mas as venezianas cerradas.

Eu quasi que me encostei ás janellas, fingindo contemplar as flores...

Flora era muito surda; eu tinha e tenho optimo ouvido...

Ah!... eu ouvi!... e quasi que me fulminou de gloria inexcedivel e de inexcedivel dôr o que ouvi.

Não sei o que motivára a convenção confidencial dos dois irmãos, não sei.

Ou o padre interrogára Angela sobre o seu teimoso

devo morrer, que se afigurava envolvendo segredo que lhe perturbava a consciencia, e a opprimia...

Ou, quem sabe?... talvez a prevêr muito proxima sua morte, Angela abria seu coração a Evangelino, que era padre e podia fallar-lhe em nome de Deus...

Não sei...

Quando os meus ouvidos indiscretos... sacrilegos começaram a surprehender as confidencias, que deveriam aliás respeitar como vedados mysterios de um sacrario, Angela fallava chorando em confusão e confrangimentos que se sentiam em sua voz tremula, e commovidissima:

— Sim, padre! sim, meu irmão!... eu amo o dr. Mario!...

— Oh! minha irmã!... mas tu és casada... e esse amor...

— E' isso mesmo... crime horrivel...

— Angela, pobre Angela!... eu te darei um confessor de minha escolha...

— Oh! não!... o confessor mais tarde... quando... tiver de ungir-me... depois de absolver-me... poder fazê-lo...

— Angela!

— Mas tu és padre, e és meu irmão... falla-me, preciso ouvir-te!...

— Minha irmã, o doutor sabe que o amas?... tu lh'o disseste?...

— Oh! não!... não!...

— E elle?... ama-te?...

— Não sei... desconfio...

— Pois nunca t'o indicou em fallaz cortezia... em signaes... em palavras emfim?...

— Nunca, juro-o.

— Então como desconfias?... porque desconfias?...

— Tambem não sei explicar, Evangelino; respeitou-me sempre até hoje como um irmão a sua irmã, como um pae a sua filha...

— Mas a tua desconfiança, de que provém?...

— Oh! padre!... pergunta a Deus... a mim não!... juro que nunca indiquei, que sinto; mas penso que elle já adivinhou que eu o amo... e protesto e juro que elle nunca me indicou, que nunca me ultrajou, confessando-me o seu amor; mas eu creio que o dr. Mario me ama... ou... me amou!... porque eu penso que elle sabe, e porque eu creio que eu sei...; padre!... não sei, não se explica... é um saber vago... doido... innocente, criminoso... uma revelação de **nadas**, mas que dizem mil segredos... tudo... padre!... padre... é um peccado que me tortura a consciencia... padre!... a verdade é esta... eu tenho amado, eu amo um homem que não é meu marido!... Evangelino, eu devo morrer!...

— Oh!... exclamou sem severidade e com a mais dolorosa commoção o padre Evangelino; minha irmã devias ter fallado mais cedo!... mas... o doutor Mario... era quem tinha razão e prudencia...

— Como?... em quê?...

— Elle empenhou-se, como homem honesto, em distanciar-se de nós... reclamando outro medico para encarregar-se do teu tratamento...

— Tão tarde!... oh! tão tarde!... padre, meu irmão... digo tudo... se elle me abandonasse, eu morreria quasi logo, porque, peccadora imperdoavel ou não deante de Deus, eu amo Mario!... amo-o! meu desgraçado e criminoso amor se esconderá em breve nas dobras da minha mortalha; mas, padre, eu amo ainda, e a ultima, a extrema consolação da minha desgraçada vida consiste em um sacrificio, e no zelo de um delegado; o sacrificio é do dr. Mario que eu desejei que me feche os olhos, o legado é esse pobre Pollux, que lhe deixo re-commendado em lembrança de meu filho.

O padre Evangelino começava a fallar sem duvida, contrariando e censurando os sentimentos que a irmã confessa, escrupulosa, e ainda apaixonada expandia, eu

porém não quiz ouvir mais, afastei-me; puz-me a andar ás tontas pelo jardim no dilacerante desespero do medico amante e amado que sabia ferido de morte e não podia salvar o objecto do seu amor.

Oh!... o mais desgraçado dos homens é o medico nos dias dos lugubres tormentos da alma; quanto mais sciencia, mais polé de torturas! esposo, pae, amante apaixonado, irmão, amigo, muito antes dos outros, muito antes da queridissima victima da molestia incuravel e fatal esse sente na pessoa amada, na esposa, no filho, na senhora idolo do coração, no irmão, no amigo os gelos da morte; quando ainda arde o calor da vida, reconhece, acompanha, mede os passos que avança, a marcha progressiva, sinistra, irresistivel do assassino que pôde desarmar, da affecção inexoravel que a seus olhos, a seus ouvidos vae indo, aggravando-se, destruindo, matando aos poucos... prevê a approximação do transe, agonisa-lhe o amôr na vespera, dias antes da agonia da victima é medico, e desespera com a convicção angustiosa da inefficacia, da inutilidade dos recursos medicos... ama e não pôde valer a quem ama!... lê, consulta com livros de sciencias, pede-lhes a esmola de uma esperança, e esbarra com o impossivel... com a nullidade da pretenciosa sciencia.

Oh!... é horrivel!... é como escreve Shakspeare, **horrible! horrible! most horrible!...**

E como agora, principalmente agora, hei de eu ter o necessario imperio sobre mim proprio, e acompanhar com a indispensavel, simulada e piedosa calma a minha adorada Angela em suas ultimas semanas, ou em seus ultimos dias de vida?...

Meu Deus?... eu mereci o castigo que estou sofrendo; mas é muito doloroso, muito!...

No meio de minhas acerbissimas reflexões... não, quasi consternação sim, veio Pollux fazer-me chorar, fes-

tejando-me amigo, e como a querer subir ao meu seio com suas mãos a abraçar-me os tornozelos.

Oh!... Pollux!... a minha próxima herança de amor!... tomei-o em minhas mãos, beijei-o a chorar... e convulsei de subito, como surpreendido em commettimento de delicto.

Vi ao pé de mim o padre Evangelino.

Quasi confundido depuz no chão o innocente Pollux.

O padre e amoroso irmão trazia os olhos magoados e levemente rubros; tinha chorado dolorosamente.

— Ameigue Pollux... ameigue-o... brevemente será seu esse cãosinho...

— Oh!... padre!... creia que estou soffrendo muito... poupe-me!...

— Sei, mais do que pensa, o que soffre!... quizera beijar-lhe suas mãos de homem honestissimo, honrado, e capaz de sacrificios sublimes... não lhe peço as mãos para beijá-las, porque sei que m'as negaria...

— Padre, que está dizendo?...

— Estou indicando que sei mais do que imagina...

— E então?...

— Hontem o doutor propoz que algum outro medico por ventura mais feliz viesse substitui-lo no tratamento de Angela, ou que ao menos medicos especialistas de molestias pulmonares fossem chamados em conferencia, como por vezes exigira...

— E exijo...

— Inutilmente. Angela sabe que vae morrer, e não admite outro medico a seu lado... não quer... eu tambem não quero penalizá-la mais infructiferamente...

— E eu, padre?... e eu?... o medico infeliz?...

— Doutor, disse o padre Evangelino commovidissimo, o extremo... sacrificio!... submetta-se... venha assiduo vêr a pobre moribunda... sabe, bem sabe, que lhe dará consolação... vendo-a... até cerrar-lhe os

olhos... eu por mim sei e bem sei, que isso lhe será indizível tormento... não importa... soffra-o!... doutor... eu lhe digo que deve soffrer esse tormento...

Quiz pôr-me de joelhos...

O padre Evangelino adivinhou minha intenção, e voltou-se, afastando-se a chorar.

Eu tambem me afastei d'elle, chorando.

Tudo estava dito entre nós dois... tudo... a toda a luz...

Eu amava Angela...

Angela amava-me, amava-me e ia em breve morrer...

XXVI

CONSOLAÇÃO E QUASI MORTE

Ignéz chegou trazida pelo irmão para acompanhar a pobre Angela em seus ultimos dias de soffrimento.

E' menina de dezesseis annos de idade, alta, ainda esguia, muito bem feita porém; apresenta os traços de familia que a fazem parecer bastante com os irmãos: é Angela com a tez um pouco branca, com os cabellos e os olhos negros, com as fórmãs ainda não de todo desenvolvidas e completas; sua graça natural não tem o enlevo indizível que encanta em sua irmã. Ignéz é mais da terra: seu temperamento é marcadamente sanguineo, e ella por certo teria muita vivacidade e expansões de genio brincão e de faceirice, a não ser a educação demasiado severa que a continha em vexames e em confusões de modestia. Não é hypocrita; mas logo á primeira vista adivinhava-se nella a crença de austeros principios.

Ignéz acabava de sair do internato da escolha do padre Evangelino, e viera de animo bem preparado por elle para poupar a irmã a commoções confrangentes.

Foi o padre quem me apresentou Ignez, dizendo-lhe:

— E' o nosso bom amigo dr. Mario, mana; apertalhe a mão.

A menina offereceu-me sua mimosa mão, abaixando os olhos.

Angela estava em dia de consolação: convidou a irmã a sentar-se defronte de mim, e depois disse-me:

— Repare, doutor, como Ignez se parece comigo...

E corrigindo-se a sorrir, mas sem duvida com occultada magoa, accrescentou:

— Comigo... no outro tempo...

Jantei nesse dia com o padre Evangelino e suas irmãs e tia, e com a menina Lucinda.

Reinou no jantar o mais suave agrado da familia; mas sem verdadeira alegria, que era impossivel haver.

Sómente Angela estava contente.

Todavia não me escapou a insistencia disfarçada com que Angela vigiava os olhos de Lucinda, que de facto ás vezes me procuravam.

A misera condemnada!...

Aquella esposa tão infeliz, mas sempre zelosa de sua virtude, amava-me a despeito de sua consciencia e de sua vontade; nunca porém se aviltára fazendo-me ouvir a mais leve e passageira phrase de amor, nem tivera de confundida corar, ou de revoltar-se offendida, recebendo de mim a declaração de igual sentimento.

E então Angela já sem belleza, com o seu corpo de ricas e encantadoras fórmulas reduzido á extrema magreza, com o seu formoso rosto de todo desbotado mostrando os ossos apenas sob o véo da pelle, amava-me ainda com a flamma do mais terno e santo coração; pisando já o umbral da sepultura, soffria por minha causa, e pelo seu amor secreto, mas funestissimo, sentindo ciume involuntario, perseguidor cruel, que não ti-

nha o direito de experimentar, e que não ousaria jámais confessar.

Oh!... como é que o demonio das paixões póde tanto, que chega a perturbar e encher de venenoso sentimento a alma da senhora tão honesta, como as que mais o são?...

Será isto castigo de Deus?

Pobre Angela!... disse-o, e é verdade: ella já perdeu toda a sua belleza physica, a sua belleza **do outro tempo**; mas, creiam ou não os positivistas do realismo todo material, eu amo ainda mais Angela agora! adoro-a quasi esqueleto! adoro-a, como a mais extremosa mãe adora seu filho agonisante.

Triste martyr!... o seu estado explica-me o aggravado sentimento do abafado ciume: com o systema nervoso em excitabilidade excessiva, a impaciencia, a susceptibilidade exagerada, impertinente, morbida, apparecem muitas vezes ou após crise feliz, ou na molestia, em vespas de termo fatal.

Eu notei que a misera tísica resentia-se, dominava estremecimento nervoso de cada vez que surprehendia os olhos de Lucinda a fixarem-se em mim!...

Oh!... e o peor era que a suspeita de Angela podia alimentar-se em indicios, muito embora vagos e sem consequencia.

E' verdade: desde o dia em que, ousando experiencia adoudada, e indigna de mim, simulei côrte affectuosa á menina Lucinda, esta me estudava teimosa, olhava-me, como em querença, procurava emfim o seu cortejador de alguns minutos em inexplicavel isenção nos dias seguintes.

Lucinda era jovem e solteira; naturalmente desejava casar; não tenho a vaidade de lhe ter inspirado amôr, mas por breves momentos lisonjeada docemente por mim, indicava desejar a repetição, e certamente o

condigno empenho do sentimento, que me inspirava a respeitosa, mas affectuosa côrte que eu lhe prestara.

Erros sobre 'erros de amor illegitimo' e condemnado; desatinos sobre desatinos de paixão em insomnia.

Ah!... eu creio que durante o jantar Lucinda olhou-me mais vezes, do que porventura devia; eu creio, supponho, julgo certo que, acompanhando lisonjeiro brinde que padre Evangelino me dirigiu, Lucinda beijando a taça me indicou com os olhos, e com esquivo sorrir brando, terno sentimento... não sei... talvez... podia ser illusão...

Eu não tenho verdadeira consciencia do que Lucinda fizera... não vi bem, não sei ao certo; mas vi Angela cerrar os olhos, e deixar largada de suas mãos a taça que levava aos labios, e que se fez em pedaços cahindo no chão.

Logo em seguida um accesso de tosse...

— Minha senhora!... exclamei, dirigindo-me a Angela, que em ancias parecia ir desfallecer...

— Não é nada, murmurou ella; é talvez... o fim!...

— Minha irmã!... disse o padre Evangelino, chegando-se para junto de Angela.

— Padre! respondeu ella, nesta vida o fim de uns... é o principio de outros.

E immediatamente a pobre martyr, Angela, foi atacada por forte, abundante e ameaçadora hemoptyse...

Pensei vê-la morrer. Angela foi levada para seu leito, e eu ora em pé a receitar e a presidir a applicações, ora ajoelhado a seus pés a chorar desesperado, esperava vê-la expirar ou enfim voltar á vida sem esperanças para... agonisar e morrer um pouco mais tarde.

XXVII

PROPOSIÇÃO DE CASAMENTO

Ainda quinze dias desse morrer lento quasi não sentido pelo maior número dos tísicos, mas evidenciado pelo ouvido do medico attento, que reconhece como essa molestia abutre que a devorar os pulmões vae cavando e estendendo cavernas, donde parece romper grave e rouco annuncio da morte.

Angela apenas ao pronunciamento da sua affecção pulmonar duvidara da gravidade do mal; depois convenceu-se de que se achava tísica, de que sua molestia era incuravel, que avançava apressada para o seu passamento, e mais do que resignada, a repetir-nos que **devia morrer** indiciava-se não alegre, mas tomada de consolação melancolica, falando-nos do proximo termo de sua vida.

Tinha perguntas, phrases que nos despedaçavam os corações.

Por exemplo:

— Doutor, quantos dias ainda?... naturalmente convem-me sabê-lo.

Ao irmão:

— Meu santo Evangelino, eu quero que a minha sepultura seja contigua á de meu filho, que sobre a delle faça plantar uma perpetua branca, e sobre a minha... um arbusto qualquer... que tenha porém muitos espinhos...

A mim em dia de mais sinistra anciedade:

— Doutor, não o esqueça... eu lhe deixo em legado Pollux...

E Pollux, que muito lhe lembrava o filho, era o objecto de suas caricias de quasi moribunda.

E Pollux amava-a, festejava-a com affectuoso ardor, adorava-a sem que lhe arrefecesse o amor o aspecto

tristissimo e lamentavel da formosa Angela já sem beleza, e, coitada, misero esqueleto vivo!...

Eu me exaltava, amando, adorando tambem Angela assim, eu me ufanava de igualar Pollux nos extremos do seu amor fidelissimo! Oh!... que vaidade a minha! raro, muito raro é o homem que em fidelidade e em reconhecimento de amor iguala o cão.

Depois da hemoptyse, de que falei, Angela, peorou muito.

Sua voz abateu-se, suas forças alquebraram-se muito, apenas seu animo conservou-se vivaz, e seus olhos afundados duplicaram de ardor, e quasi me desorientava a impressão de sua fixidade de fogo vulcanico...

A' ultima vez que me propuz a escutar seu peito, ella negando-se, me disse:

— E' inutil; sei quanto soffre observando e reconhecendo o que vai indo depressa, e que o doutor não pode obviar... não quero que se afflija mais... não quero... vou morrer... basta-me que se lembre algumas vezes da defunta...

Dizer em resposta coisas vãs, consolações vagas e sem fundamento para a confiança seria facil... mas não chorar, ou ao menos não esconder lagrimas em disfarce improvisado ao acaso, era impossivel para mim...

Ao correr desses ultimos quinze dias da vida de Angela senti-me impressionado pelos modos de Ignez para comigo.

Eu era por dever de medico muito mais frequente na casa de Angela; mais de uma vez tive de passar longas horas e até noites inteiras ao pé de seu leito...

Não era mais recurso da sciencia medica, que os tinha esterilmente esgotado todos, era apenas consoladora presença de medico amigo a inventar chimericas, falsas esperanças, de soccorros novos para não abandonar em extremas angustias e em desespero a infeliz condemnada.

Muitas vezes surprehendi casualmente e sem intenção Ignez a olhar-me curiosa e melancolica, abaixando os olhos e corando logo que encontrava os meus.

A innocente menina ainda não tinha nem arte, nem malicia para indicar ou fingir affectuoso sentimento.

Porque me olhava ella, e confusa abaixava os olhos e corava?

No estado em que via sua irmã, podia Ignez ter coração para outro sentimento que não fosse a dôr?...

Por mim eu não o tinha; só Angela me occupava, parecia-me que o meu coração ia morrer com ella. Oh!... que eu viva longos annos, nenhuma outra mulher será amada por mim.

A menina Ignez não me interessava de modo algum; meu espirito se distanciava della como de todos: naquelles dias já lugubres minha alma estava exclusivamente absorvida em Angela.

Notei cuidadoso o olhar e a confusão de Ignez sómente a medo de que a pobre irmã reparasse nesse vago indicio de inclinação sympathica, e que, coitada, soffresse o que Lucinda a tinha feito soffrer.

Angela porém não manifestava senão dôce amor pela irmã: estou certo de que a via olhar-me e confundir-se em vexames, mas ainda assim era ella que me obrigava a reparar em Ignez.

— Doutor, disse-me Angela uma vez em que eu mais receei de seus reparos; Ignez é a minha consolação, faz-me crêr que realmente fui bonita; olhe, doutor, observe esta menina! não é o retrato do que eu fui?...

E era eu então a concordar com Angela e a tecer o seu elogio, elogiando Ignez de modo e com arte a encarecer a belleza de quem deixara de ser bella.

Angela tomou entre as suas minha mão tremula, e murmurou:

— Doutor! creio no que diz... obrigado!... e ainda bem que morro...

Ella fechou os olhos, mas eu senti uma lagrima cair na minha mão...

A morte vinha chegando.

Angela ia perdendo a voz na rouquidão afflictiva e no abatimento extremo das forças.

A amorosa e estremecida tia surda começava desde alguns dias a envolver-se no tratamento da sobrinha, fazendo applicações no seu dizer milagrosas...

Eu examinava a natureza das applicações e permitia-as. Eram em geral inuteis mas innocentes substancias emollientes, ou rudes combinações de analepticos.

Não podiam fazer mal: eram illusões de esperanças ephemeras...

Presentindo muito proximo o seu passamento, Angela chamou-me para muito perto della.

O padre Evangelino estava presente, muito triste: mas com um certo quê de solemne ou de mysterioso em seu aspecto.

Sentei-me junto á cabeceira do leito, e approximei meu ouvido ancioso, dobrando a cabeça para o rosto, ou para a bocca do anjo-martyr que me queria falar, e cuja voz mal se poderia ouvir a dois passos.

Angela me disse:

— Não lh'o pergunto... eu sei... três, quatro, ou cinco dias... e adeus!...

— Minha senhora, o medico ainda tem recursos... e...

Ella sorriu tristemente e respondeu:

— A moribunda... não pede esmola... de esperanças vãs... vou morrer... já me custa, mas preciso... falar...

Carrei os dentes para conter os soluços; mas o meu rosto se banhava em lagrimas.

Angela tomou ambas as minhas mãos, apertou-as muito, e foi falando a custo e ancoisamente.

— Doutor... meu... amigo... o que lhe devo... não se paga... não... mas... eu queria... desejo... morrer consolada... feliz... muito feliz...

— Oh!... dona Angela!...

— Olhe... falta-me... a voz... devo abreviar...

— O que?... minha senhora... ordene...

E com o ardor que a ocasião absolvía, conclui a phrase, dizendo a beijar-lhe as mãos:

— O escravo... obedecerá...

Ella sorriu docemente, descansou breves momentos e depois continuou quasi murmurante:

— Um... sacrificio... talvez... depois, eu... lh'o juro... o sacrificio... lhe... será... felicidade... na... terra... peço-lh'o... se lhe... fôr possível... fazê-lo... para... vêr-me... morrer... aditada... muito aditada...

— Minha senhora... por V. Ex.^a tudo!... tudo!... tudo!...

Ella sorriu-me outra vez... em movimento de improviso levou-me as mãos a seus labios e beijando-as com viveza, balbuciou, cerrando os olhos:

— Antes... da minha... morte... seja meu irmão...

Não comprehendí logo o que Angela me pedia; olhei attonito para o padre Evangelino, que debulhado em lagrimas me fez com a cabeça signal de assentimento e de approvação ao que a irmã me dissera.

— Mas... então?... perguntei perturbado.

Angela fez doloroso esforço, sentou-se no leito, e sem largar minhas mãos que apertava com ternura, ou com desesperada aspiração, disse:

— Que eu morra... deixando-o casado com Ignez... com a minha dôce... e bella... irmã...

Oh!...

Angela caiu no leito, pousando a cabeça no tra-

vesseiro... a commoção lhe extenuava o resto das esgotadas forças.

O padre Evangelino e eu acudimos á pobre victima.

Ella abriu os olhos, que cerrara abatida, e fixando-me com ardente flamma de amor profundo, reprovado, e em despedida, disse-me:

— Doutor!... case com Ignez... eu lh'o peço...

E logo em seguida:

— Ella é o retrato do que eu fui... case com Ignez... seja... meu irmão...

E tornou a cerrar os olhos não em desmaio, mas extenuada pela fortissima commoção.

Certificado de que Anegla não caíra em deliquio precursor da morte, eu me dirigi ao padre Evangelino e disse-lhe com a serenidade do homem, que se curva abnegado:

— Padre... ouviu?...

— Eu já o tinha ouvido. Doutor, pense até amanhã.

XXVIII

A NOIVA

Saimos do quarto de Angela.

O padre Evangelino acompanhou-me até á porta da casa.

— Doutor, disse-me elle, a sua liberdade não póde ficar á mercê do capricho de uma senhora doente.

— A minha liberdade?... tinha-a eu?... respondi ou perguntei indiscretamente.

— E ha muito mais do que a sua liberdade, trata-se de um sacramento da igreja; sou padre... e...

— Preciso saber, meu amigo, desde quando essa ideia surgiu no animo de D. Angela...

— Dois dias depois da chegada de Ignez.

— E a innocente menina?

— Anegla preparou-lhe o espirito... e... ah! doutor... e propagou a flamma em seu coração. Depois... foi a mim que falou: eu disse o que devia... quasi ralhei... ella se pôz a chorar... não pude mais... minha irmã está a morrer... não pude...

— E' isso... é isso...

— Quantos dias pensa que lhe restam?...

— Só Deus o sabe... talvez quatro ou cinco dias ao muito... e talvez nem um.

— Doutor, entendamo-nos: não é peccado illudir em tão grave assumpto a moribunda para poupar-lhe acerba contrariedade na agonia. Tomo sobre minha consciencia toda a responsabilidade do seu proceder. Simule sujeitar-se á vontade de Angela: eu tenho meios de demorar o casamento... pretextarei demoras de licenças e de dispensas necessarias... e a minha desgraçada irmã com a dôce esperança ou com a crença de que...

Eu o interrompi e disse-lhe:

— Padre, até amanhã.

Que dia e que noite para mim!...

Não foram ao menos de prolongadas reflexões; foram porém de lagrimas e de confrangimentos.

Reflecti pouco e resolvi prompto.

Eu devia a Angela amor immenso, profundo, puro...

Eu sem duvida fui quem provocou, quem accendeu esse amor no coração santo que por mim se tornou coração martyr.

Eu fiz a desgraça de Angela e arrastei-a para a sepultura.

Agora pede-me como extrema consolação em sua agonia, que eu me case com a irmã.

Porque o meu casamento com Ignez a consolará?

Será penitencia que se impõe por amar-me tanto sendo senhora casada?

Será que, deixando-me vivo, e duvidando da constancia do amôr que ella sabe tão ardente em mim, quer, deseja zelosa obstar meu casamento com a menina Lucinda ou com alguma outra senhora de todo estranha a ella?...

Não, e não; boa, religiosa, virtuosissima, sua alma, prestes a entregar-se a Deus, não se turbaria com um sentimento egoista e máo.

Será emfim que em seus maravilhosos e quasi infinitos segredos de sensibilidade o amôr em Angela que se reconhece a morrer, ainda se manifeste nesse empenho do meu casamento com Ignez, porque é sua irmã, e portanto pelo sangue um pouco ella propria?...

Oh!... Angela disse: «Case com Ignez! — e quasi logo accrescentou: «Ella é o retrato do que eu fui!...»

Será isso?...

Mas que me importa a razão, o motivo do seu empenho?

Angela, victima da sua paixão por mim, morre pelo amôr funesto e condemnavel, que lhe inspirei.

Sou eu que mato-a; sou.

Ella amou-me tanto, como no mundo homem algum foi mais amado...

Vae morrer... eu o sinto bem, morrer de amôr por mim...

Pede-me extrema consolação para sua agonia... vêr-me casado com sua irmã, e chamar-me seu irmão.

Casar-me-hei com Ignez...

Não a amo; amarei porém nella a pobre victima do demonio da minha paixão.

Casar-me-hei.

O recurso ardiloso do padre Evangelino poderia ser innocente, muito explicavel em outro qualquer homem; em mim fôra criminoso... até repugnante.

Enganar Angela, illudir aquelle anjo de amor... nunca!

Não dormi. Temia que me viessem annunciar o começo da agonia de Angela...

Eu a chorava moribunda... e pedia a Deus só três ou quatro dias mais, para que ella antes de morrer me chamasse seu irmão, como almejava...

No outro dia fui mais cedo do que era esperado a casa de Angela.

O padre Evangelino veio receber-me.

Eu lhe disse logo:

— Padre, não discutamos, decidamos, porque não ha tempo para mais: approva o meu casamento com a menina Ignez, sua irmã?...

— Doutor, o que eu não approvo nem acceito é o sacrificio, embora o mais generoso.

— Não ha sacrificio, ha plena e absoluta satisfação de minha alma no que faço. Venho pedir-lhe sua irmã D. Ignez em casamento, sob uma condição unica e impresciadivel...

— Qual?... qual?... perguntou-me o padre Evangelino com viveza.

— E' que a innocente menina não seja escrava violentada a olhar-me como noivo imposto contra sua vontade...

O padre Evangelino abriu-me os braços, e apertando-me com elle, disse-me a chorar:

— Meu irmão!... meu irmão!... Angela já ensinou Ignez a amá-lo.

Eu não quiz ser testemunha do effeito que a minha obediencia á sua vontade produziu no animo de Angela.

O amor é tão fertil em contradicções inesperadas!...

E Angela amava-me tanto!...

Quem sabe? talvez ella contasse que eu resistisse, talvez eu devesse resistir ao menos um dia!...

Angela, porém, teria tempo para esperar mais um dia?.. .

Quando algumas horas depois voltei, o padre Evangelino levou-me para junto da infeliz, que me recebeu commovida e com suave melancolia.

— Agradeço... disse quasi sem voz; não se arrependará...

Descansou e pouco depois fez com a mão um signal ao padre.

— Ignez?... perguntou este.

Ella moveu a cabeça para indicar — sim.

Dahi a momentos appareceu Ignez vestida de branco e abysmada em accendido pejo; trazia o rosto voltado para o chão.

Eu olhei-a apenas: não me animei a contemplá-la.

Angela chamou Ignez para bem perto de si, tomou-lhe a mão, apertou-a, fez um movimento para entregar-me a mão que tomara; mas saltou esta logo, caindo-lhe no leito os braços como sem forças...

Logo depois disse a Ignez, mostrando-me:

— Teu... noivo...

E sorriu...

Eu curvei-me diante da menina e beijei-lhe a mão.

E olhando para Angela, vi duas grossas lagrimas rolando por suas faces emmagrecidas, e olhando para o irmão e como a chamá-lo.

O padre foi approximar seu ouvdio aos labios da irmã, e perguntou-lhe:

— Que quer?

Angela respondeu:

— Que... os... abençoe... por mim.

E momentos depois murmurou, perguntando:

— O casamento... quando?...

— Espero conseguir que seja depois d'amanhã...

— Muito tarde...

— Não, minha senhora, disse-lhe eu; não morrerá...

Ella fez enorme esforço, e cravando em mim seu olhar, disse:

— Minha senhora... não! chame-me sua irmã.

— Minha irmã!...

O padre Evangelino e eu saímos. Ficaram com Angela a tia e a irmã.

Chegando á sala de visitas, eu disse:

— Apresse...

— Teme, doutor?...

— Apresse.

— Seja feita a vontade de Deus! disse o padre Evangelino em lagrimas.

Depois:

— Já mandei pedir tudo... apressar tudo.

— Ahi vem sua tia; cumpre dissimular.

Flora entrou:

— Adormeceu; disse.

— E Ignez?... perguntou-lhe o padre ao ouvido para não levantar a voz.

— Foi esconder-se no jardim. Ah!... porque tão grande felicidade tem de ser annunciada pela morte da outra!...

E abraçou-me, chorando.

— Angela póde acordar e ouvir... vamos para o jardim.

Fomos.

Ignez lá se achava; não contava comnosco, e de costas para o lado donde vinhamos, em pé e absorta, esquecia os olhos em um grupo de palmeiras de chacara proxima, e que provavelmente nem via.

Era alta, de formoso talhe, e embora de corpo mais fino e de fórmãs a esperar o ultimo aperfeiçoamento natural, fez-me lembrar Angela na manhã em que a vi pela primeira vez.

Chegamos.

Ella sentiu-se apanhada de surpresa e como o sol embaciado por nuvens, contraiu-se nos acanhamentos do pejo.

O fogo de seus olhos bellos passara todo para suas laces.

O padre Evangelino perguntou-lhe com triste sorriso:

— Ignez!... tu fugiste de nós?... que vieste fazer aqui?...

— Eu estive rezando pela mana, disse Ignez.

— Ella não mente; decerto rezou, observou o padre, dirigindo-se a mim.

E falando á irmã:

— E depois que rezaste?...

— Pensei... sem ideia de pensar...

— Em que?...

— Não sei bem... era... como um rio com as aguas claras... a passar...

— Em teu noivo... em teu casamento?

Ignez, ainda mais constrangida e vexada, murmurou:

— Sim...

— Mas é natural, menina! trata-se de todo o teu futuro, de toda a tua vida...

Durante esse interrogatorio, sem duvida de proposito feito, contemplei interessado a joven que ia ser minha esposa.

Ignez é linda!... por mais que seja cansada, trivial, sediza a comparação, não imagino outra que melhor lhe assente: é o mais perfeito e bello botão de rosa começando a desabrochar.

Contemplei-a, admirando sua lindeza encantadora e ainda a auspiciar mais opulencia de encantos physicos sublimados pela innocencia mais candida; mas por fim eu tive horror de mim mesmo!...

Ah!... eu passara dois minutos esquecido de Angela!... de Angela que estava morrendo por amar-me muito sem dever amar-me!... esses dois minutos de completo esquecimento eram como dois seculos de ingratição e sacrilegio.

Oh!... se Angela o soubesse!... que castigo horrivel da paixão amorosa, embora sepulta viva no coração da senhora casada!... e que remorsos para mim, o inconsciente perverso inspirador dessa paixão desbriosa, e o esquecedor ingrato da victima nas vespervas de sua morte de amor!...

Ai!... já o deixei dito antes, em melindres e extremos de amor fiel não ha homem que valha o cão que ama: Pollux, que eu encontro sempre deitado aos pés do leito de Angela, vale cem vezes mais do que eu!...

Mas o padre Evangelino arrancou-me, piedoso sem intenção, dos meus remordedores tormentos; elle obrigou minha attenção, appellando para meu proprio testemunho, e dizendo á irmã:

— Ignez, o doutor o sabe, Angela desejou o teu casamento com elle; mas sem eu, já t'o repeti mil vezes, nem o doutor admittimos a ideia da mais leve violencia do teu coração...

A menina respondeu tremendo e de olhos baixos:

— Eu sei...

O padre continuou a fallar:

— Eu não te quizera casada tão nova; és muito menina, Ignez; ainda era cedo; mas tua irmã moribunda o desejou como extrema consolação; eu cedi, guardadas as reservas da tua perfeita liberdade; porque o doutor Mario é o melhor dos nossos amigos, verdadeiro e provado homem de bem, é muito digno de ti, e com toda a certeza que é licito depositar nas cousas humanas, te ha de fazer a todos os respeitos feliz.

Ignez cada vez mais vexada, e sem um só ins-

tante levantar para mim seus olhos abaixados, tornou a murmurar baixinho:

— Eu sei...

— Mas, minha irmã, menina!... o casamento deve basear-se em doce e pura afeição mutua, e nunca em sacrificio, embora generoso... e portanto ainda é tempo... se não sentes essa afeição...

A linda e innocente menina interrompeu o irmão, dizendo confusa, muito corada, tremula, mas com instinctivo impulso natural:

— Eu... sinto-a... já não lh'o disse, mano?

Oh! Angela, perdão!... qualquer outro no meu caso e em eguaes circumstancias?

Eu me achava em face de minha noiva, que acabava de declarar doce afeição amorosa que, sem o pensar, eu lhe merecera.

Eu ia casar-me com Ignez, Angela! ia casar-me, Angela, bem o sabes porque!

Oh! Angela, perdoa-me!

Tomei entre as minhas a mão formosa de Ignez, e vencendo pudica resistencia, beijei-a duas vezes e disse-lhe diante do irmão, que podia ouvir e da tia que me comprehendeu:

— E eu amo-a! e juro que dedicarei minha vida toda a fazê-la julgar bem merecida a terna afeição que lhe devo.

Oh! Angela! perdão! perdão! perdão!...

XXIX

O PASSAMENTO

O padre Evangelino soubera apressar todas as dispensas para que se effectuasse logo o casamento.

Elle proprio fôra acelerado conseguir taes indul-

gencias e favores da igreja. Era caso muito especial, e certamente auctorizado por Angela, elle confessou as circumstancias muito particulares em que esta se achava.

O meu casamento era-lhe penitencia: hoje eu o creio.

Mas, ah!... eu tambem penso que, profundamente arrependida do seu amor, Angela amava-me ainda.

Não sei, não posso dizer com segurança o que senti, e quanto senti, na hora solemne e commovente da cerimonia e da benção nupcial.

Sem duvida profanei o acto sagrado e fui ingrato, fui, ao amor sublime, ao espinho pungente da consciencia, e á flor bella e immurchavel do coração de Angela. Profanei, porque, noivo de Ignez, e ao recebê-la esposa, meu espirito estava longe do altar e todo na vida-martyrio da moribunda; e fui ingrato, fui, porque ao espalmar minha mão sobre a de Ignez e sob a estola do sacerdote não tive ideia do sacrificio, não experimentei nem hesitação de animo, nem sentimento de abnegação, experimentei sómente commoção explicavel, e... cumpre confessar tudo, na dôr que eu trazia na alma suave... consolação.

Oh, Angela, perdoa-me!... perdoa-me; porque durante todo o acto religioso em quem eu mais pensei, foi em ti!... perdoa-me, querido anjo!

O meu casamento não podia ser de alegre festa; foi solemnidade repassada de circumstantial tristeza.

Angela apertou... mal pôde apertar a mão de Ignez e a minha.

Não chorára nem se abatera, não sorria nem se mostrava jubilosa; tinha o rosto cadaverico, a expressão viva de melancolia e santa resignação.

No veloz correr da sua molestia e ainda em um dos ultimos dias ella tinha recebido os soccorros da igreja.

A pobre martyr nem fallava mais; tinha ao pé de

si lapis e papel para, escrevendo embora a custo breves palavras, poupar-se aos crueis esforços da voz quasi extincta.

Depois que apertára a mão de Ignez e a minha, Angela, que me fugia com os olhos, tomou o lapis e com difficuldade escreveu no papel que lhe estava á cabeceira.

O padre Evangelino foi vêr e leu a meia voz — «Quero ser ungida».

O sacerdote que pouco antes lançára a benção divina a mim e a Ignez deu solemnemente a extrema unção a Angela.

Terminado esse acto piedoso, santo, mas tristissimo, que aliás o padre Evangelino testemunhára com enlevação religiosa, eu lhe disse ao ouvido:

— E' de mau agouro para os noivos... que contraste de benções!...

Elle me respondeu no mesmo tom:

— E' de bom agouro... porque depois da benção do amor, veio a benção da fé; Deus na vida e na morte.

Angela tornára a escrever.

O irmão foi lêr.

Ella queria ficar um momento com o padre Evangelino e comigo.

Vontade de moribunda é como ordem que impõe o respeito da morte. Não se discute, obedece-se.

Retiraram-se todos.

Eu ficára a tremer.

O padre Evangelino e eu fomos para junto de Angela.

Nella como que reaccendendo toda a energia que restava ás suas quasi completamente esgotadas forças vitaes, disse-me com voz sinistramente mais clara e menos sumida:

— Nada quero em mim, que me possa distrair do meu pensamento em Deus só.

E tirou do seio e entregou-me a rosa que entre outras eu espalhára sobre a sepultura de seu filho e que ella recolhera e guardára.

— Abençoada sejas, minha irmã, disse-me o padre.

Eu recebi a rosa desde muito murcha, mas então mais que humedecida, como tirada de uma corrente d'agua que a tivesse submergido...

Oh!... a rosa do arrependimento de amor trazia-me ao coração uma enchente de lagrimas...

Angela não tornou a fallar.

E nem olhou mais para mim.

Pouco depois a familia, o sacerdote que celebrára o casamento e dois amigos que o tinham testemunhado, cercavam todos em silencio o leito de Angela.

De subito estremei, observando leve contracção nos labios da moribunda.

Apalpei-lhe os pés, estavam enregelados; puz-me de joelhos e abracei-lhe os pés.

O padre Evangelino correu e trouxe do oratorio uma vela accesa e conteve-a entre as mãos da irmã.

Todos se ajoelharam.

Os dois padres começaram a murmurar orações, o irmão a dizer conceitos de religião, e de piedade o outro.

Angela já tinha morrido.

XXX

A NOIVA

Que noite de noivado!

O padre Evangelino, Flora, Ignez e eu ficámos velando perto do cadaver de Angela.

Pollux, conservado preso longe de nós, uivava dolorosamente.

A meia noite pedi a Ignez que se recolhesse e fosse descansar.

Ella, toda em lagrimas, resistiu.

O padre Evangelino interveio e fez que a tia conduzisse a sobrinha para o leito que deveria ter sido nupcial.

Uma hora depois o padre me disse:

— Meu irmão!... tem soffrido tanto!... eu posso velar sósinho.

Eu não respondi, mas fiquei.

Um altar armado...

Dois grandes castiças contendo velas accesas aos lados da cabeceira da defuncta.

Silencio, quebrado sómente pelo murmurio das orações do padre.

Oh! que noite e que acerbias ideias e recordações!...

Com a crença predominante e atormentadora de um maniaco, parecia-me ouvir uma voz que incessante me repetia: «morreu por tua culpa e por tua causa»!

Passei minutos horriveis em que tive medo de enlouquecer.

Em um desses accessos de enorme dôr levantei-me da cadeira, tirei de meu seio a rosa murcha que Angela me restituirá, e, chegando-me ao leito funebre, fiz arder á flamma da vela a innocente flôr tambem já morta.

Depois saí apressado.

Provavelmente o padre Evangelino me julgou precipete a ir vêr Ignez, e de meu coração fez ideia mesquinha.

Não; eu corri a minha casa e, voltando prestes, entrei na sala mortuaria e fui cobrir o rosto de Angela com o lenço que fôra de seu filho e tinha a rosa que ella bordára.

O padre olhava-me attonito.

Eu sentei-me e puz-me a chorar.

Na excitação do meu espirito eu pensava que não deviam ficar em meu poder nem sobre a terra aquellos dois unicos indícios de pendor de coração em vida tão santa e de tanto martyrio.

Quando rompeu o dia Flora entrou para amortilhar a sobrinha.

Eu beijei os pés de minha irmã finada e com o padre Evangelino saí.

Lembrei-me de Ignez; fui ao quarto.

Ella dormia. Depositei-lhe na fronte bella e pura um beijo e retirei-me.

A's quatro horas da tarde o padre Evangelino, um outro sacerdote, eu e alguns amigos da familia acompanhámos os restos mortaes de Angela ao cemiterio, onde deixámos seu corpo recolhido á sepultura contigua da de seu filho.

Uma scena inesperada e compungidora...

Aproveitando descuido facil em dias angustiados, Pollux escapára de casa depois do funebre sahimento e chegou ao cemiterio quando o cadaver de Angela era descido para a cova.

O cãosinho enganára a todos; não uivára nem se fizera presentir e, chegando á beira da sepultura, atirou-se dentro e então latiu, uivou e chorou desesperado.

Foi preciso arrancá-lo d'ali á força.

Pollux era meu por legado de Angela; tomei-o nos meus braços, ameiguei-o, molhei-o com as minhas lagrimas e o conduzi no meu carro de volta para casa.

Depois do enterro tivemos as visitas de pezames, essa obsequiosa condolencia que aliás faz doer tanto...

As oito horas da noite saiu a ultima visita.

O padre Evangelino disse-me:

— Meu irmão, o senhor é agora o chefe desta familia tão reduzida.

E abraçando-me, abraçando Ignez e Flora, despediu-se, promettendo vir jantar connosco d'ahi a dois dias, e retirou-se descendo para a cidade.

Chorámos ainda todos nessa despedida a lembrarmos de Angela.

Em seguida Flora, a excellente senhora, mas demasiado surda para entreter conversação e, ainda mais, então muito fatigada e não menos afflicta pela perda da sobrinha, desculpou-se, dizendo que precisava dormir, deu ordem para nos servirem o chá e, beijando a face de Ignez, foi trancar-se no seu quarto.

Ainda quasi estranhos, mas já com a benção do casamento, ficámos sós, Ignez e eu.

Linda, interessante, commovente Ignez!...

Eu tinha o coração immerso em vivissima dôr, tinha-o...

Ignez, que até poucos momentos era toda lagrimas e angustias, ficando só comigo, misturou com o pranto já muito interrompido, commoção indizivel, vexame confundidor... perturbações de ignorancia receosa... vergonha instinctiva... como medo de mim...

Pouco antes, quando Flora ia saindo, ella tentára segui-la a fugir-me, e fôra a tia que a dizer-lhe ao ouvido não sei que conselho ou prevenção que a obrigára a ficar sentada e com apparencias de tolhida em uma cadeira.

Ignez tinha dezesseis annos...

Acabava de sair de internato de meninas, onde com principios severos de religião a tinham deixado em absoluta ignorancia de quanto poderia perturbar a sua innocencia virginal...

Lições muito incompletas e reservadas do casamento, e o natural instincto feminino em annuviadas e mysteriosas adivinhações, ou antes apprehensões inextricaveis do desconhecido aturdiavam, enleavam, faziam tremmer Ignez deixada a sós comigo.

Eu quasi que duvidava do que meus olhos observavam... em face de mim ou contemplava, ou me enganava, um milagre de innocencia...

Ignез tinha os olhos no chão e anciosa se arreceava de mim.

Cheguei-me a ella e disse-lhe:

— E' minha noiva, bella Ignез; mas verá que o meu respeito é igual ao meu amôr.

Ella não me respondeu; mas, tomando-lhe eu a mão, estremeceu tãda, sentindo que eu me esforçava para fazê-la vir sentar-se a meu lado.

Obedeceu e veio.

Eu fingi poupar-lhe os vexames...

Lisonjei-a... disse-lhe finezas... jurei-lhe amôr... consegui que ella levantasse os olhos...

Oh Angela! do céu perdoa ao teu ingrato amante da terra... eu me esqueci de que tinhas morrido na vespera, e um dia depois da tua morte procurei **seduzir** a linda noiva que me deste!

Serviram-nos o chá.

Tinhamos almoçado e jantado mal: Ignез e eu tomámos com o chá pão de ló e biscoitos a conversar innocentemente, e innocentemente a estabelecer confiança ou doce intelligencia mutua.

Depois...

Oh Angela! do céu perdoa ao pobre animal da terra!... depois eu suffoquei a dôr que me causara tua morte, oh!... não suffoquei-a, não, é mentira!... eu te esqueci, Angela!... eu te esqueci, lembrando, desejando Ignез, a minha noiva!

Quando chegou a hora, o momento estremecido do recolhimento no leito, eu não chamei Ignез nem a arrastei como victima, fingi preocupações, aconselhei-a a ir socegada repousar, beijei-lhe as mãos como em despedida.

E ella, a temerosa corça, e santa innocente, foi...

E um quarto de hora, ou dez, ou cinco minutos depois eu, o noivo seductor de minha noiva... fui.

Oh! Angela, perdoa-me ainda uma vez, eu te esqueci amando outra mulher.

Ignez, mais do que bella, era um abysmo de encantos nos enleios e nos temores, nas surpresas e nos protestos, nas contradicções e nos rogos de sua innocencia e de sua ignorancia.

Na manhã seguinte foi preciso que Flora a arrancasse do leito e a obrigasse a vestir-se.

Ella saiu do quarto nupcial como um criminoso do sitio onde perpetrara o crime; corava ao olhar suave da tia, e ainda mais confundida diante de mim fugia de meus olhos e procurava evitar-me. Depois do almoço, Flora deixou-nos em completa liberdade.

Eu tomei a mão de Ignez e puz-me a beijá-la, falando de meu amor e de sua belleza e candidez.

De olhos baixos e corando vergonhosa, ella comtudo indiciou gostar de ouvir-me e não me fugiu com a mão.

Ah!...

Não havia ainda quarenta e oito horas que Angela tinha morrido...

Os dois servos não choravam mais; conservavam-se porém tristes, magoados.

Flora chorava sem consternar-se, mas quasi de continuo.

E á tarde Ignez já se sorria para mim e me olhava menos confundida; e eu seguia Ignez como a sua sombra e não me fartava de beijar-lhe as mãos e os cabellos.

Sim... repetidas vezes, em despertos de saudade e de dôr, ou ao vermos Flora a chorar, nos lembravamos tristemente de Angela... pensavamos nella suspiravamos com acerbo pesar... mas em poucos minutos, ou eu ou Ignez, um de nós dois murmurava:

— Paciencia.

E eu beijava as mãos e os cabellos de minha formosa e doce noiva, que sorria ainda meio acanhada ás minhas caricias.

XXXI

INGRATIDÃO EXPLICAVEL

Mais três dias assim...

Cada vez mais apaixonado por Ignez, passei esses dias em embriaguez e em extasis de amor.

Cada vez menos tolhida pelos liames da confusão, e mais expansiva em seu terno affecto, Ignez me exaltava com as revelações dos mais delicados e puros sentimentos.

Eramos duas almas em mutua absorpção.

E como era lindíssima essa menina de dezesseis annos, que eu já adorava como idolo no altar do meu coração!...

Que mimosa e admiravel creatura!...

Meus olhos já lhe conheciam; o rosto formoso, o collo, e o peito de contorno e de carnadura opulenta, as mãos e os braços de perfeição de estatuaria; tudo mais lhe escondia santo pudor que eu zelava em enlevado e como em religioso respeito.

Na penultima dessas noites encantadas, eu, depois que Ignez entrara em nosso quarto de abençoado amor de noivos, e tendo-lhe dado tempo para acolher-se ao leito, eu penetrei no meu ceu da terra.

Ignez estava já deitada e envolvida nas telas do leito; tinha os olhos fechados e em pudico dissimulo, fingia dormir meio-risonha.

Um bico de gaz esclarecia o quarto.

Eu me ajoelhei junto do leito que me era dado partilhar, com as mãos cubiçosas apoderei-me dos pés de minha noiva, puxei-os para mim...

Ella deixou... não oppôz resistencia...

Lancei para os lados a tela, o lençol finissimo, puz a descoberto seus pés, contemplei-os entre as minhas mãos e inundei-os de fervidos beijos...

Pés pequeninos, oblongos, de branco marfim, finos ao tacto, roseos ao fim dos calcanhares, suaves, maravilhosos de forma e de lindeza...

Beijei-os... oh!... nem sei ha quanto tempo os beijava... quando Ignez sentou-se no leito, e disse a simular que despertava:

— E' só das santas que se beijam' os pés.

Eu abracei-a com ardor.

Na seguinte noite em gozos de luar pleno, e de suavissimas auras, Ignez e eu passeavamos no jardim, trocando beijos e amorosos conceitos...

Em instante ousado de mais fervido exaltamento eu, que com um dos meus braços quasi dominava Ignez, contornando-lhe a cintura, curvei de subito a frente e beijei-lhe com fervor sobre o roupão um dos seus seios, uma de suas tetas virginaes e duras até então vedadas á minha apaixonada, mas dominada, e respeitosa contida avidez...

A menina, minha noiva, fez rapido movimento de opposição, libertou-se da prisão dos meus braços, artificiozou um momo de enfado, e disse:

— Mau!...

Fugiu-me e foi correndo subir para o caramanchão, em cujo banco se sentou.

Olhei-a, acompanhei-a com olhos de amante apaixonado... contemplei-a fugitiva naquelle caramanchão... quiz, ia segui-la impetuoso, e de subito estaquei.

Oh!... afigurou-se-me vêr Angela sentada no banco do caramanchão:

Estremeci... obumbrei-me... senti remorso de ingratição.

— Que é, Mario?... perguntou-me Ignez.

— Vi Angela; ella costumava sentar-se nesse banco e na mesma posição.

Ignez não me deixou acabar, levantou-se rapida e veio celere para mim.

— Pobre irmã! murmurou.

— Temos sido ingratos, disse eu, amanhã é o sexto dia depois da sua morte, e ainda não fomos uma vez, sequer, visitar sua sepultura, e rezar pela alma de... nossa irmã.

— Vamos amanhã.

Dei ordem para o aluguel de um carro que ao romper do dia seguinte nos levasse ao cemiterio de Catumby.

Convidei Flora para acompanhar-nos á triste visita...

E nesse momento pela primeira vez depois do dia do enterro de Angela me lembrei de Pollux...

Quiz vê-lo, pedi que m'o trouxessem; Angela tinha-o recommendado tanto aos meus cuidados, e eu nem um instante me occupára delle.

Mas, ai, Flora me communicou então que Pollux não quizera comer desde a morte de Angela, e que ha dois dias tinha desaparecido.

Confrangeu-se-me o coração.

Reconheci-me muito, muito indigno daquelle amor sublimado que consumira a vida de Angela.

Revoltei-me contra mim proprio, e, lembrando a causa do meu inqualificavel olvido da santa martyr, senti como raiva aos encantos de Ignez, e resentindo olhei para ella.

Ah!... vi Ignez tão entristecida, que todo me abalei, enterneci-me e fi-la em breve sorrir ao fervor de minhas ternas caricias.

Estavamos na sala, mas sós.

Quando ella me sorriu, ajoelhei-me a seus pés e beijei vinte vezes o setim côr de rosa das palmas de suas mãos.

XXXII

O AMOR DO CÃO

Logo que amanheceu, partimos para o cemiterio. Iamos tristes e silenciosos.

Chegamos; aberto o portão, eu segui adiante, porque sabia... onde era.

No fim de alguns minutos, eu apontei para uma sepultura pouco distante e disse baixo e commovido:

— E' alli... é aquella...

E fui a passos grados... cheguei... e...

Soltei um grito de dôr... abaixei-me...

— Pollux! exclamei.

Pollux estava morto sobre a sepultura de Angela.

.....
Levei para casa ao meu collo Pollux que morrera, ao que me pareceu, ao correr da ultima noite.

Fiz abrir uma cova no meio de um grupo de roseiras no jardim que fôra de Angela, e eu mesmo lancei nella o **fiel** Pollux: eu mesmo enchi de terra a cova e espalhei sobre esta perpetuas, saudades e **amores perfeitos**.

Pollux merecera essas flôres...

Oh! Angela!... bem o sei; isso que eu fiz não me absolve!... foi muito tarde!... eu reconheço que sou o mais ingrato dos homens!...

Mas foste tu, Angela que me obrigaste a desposar tua irmã...

E agora eu amo, adoro perdidamente Ignez, minha doce, minha querida noiva.

Oh! Angela, perdoa-me!...

.....

Volvem-se os dias.

Cada vez mais apaixonado de Ignez, e mais aditado pela sua ternura, pela sua belleza, e por seus thesouros de naturaes virtudes e de educação, ha horas em que, lembrando Angela, eu pergunto commovido a mim' mesmo, se o amor puro e abençoado que voto a Ignez, e Ignez me vota, e a felicidade sem nuvens que ambos gozamos na terra, não estarão sendo nos mysterios da eternidade o tormento — purgatorio da Alma de Angela, que, senhora casada, amára até ao extremo de morrer por amar um homem que não era seu marido?...

E então, ao pensar assim, eu como que bradava dentro de mim: «meu Deus!... creio que Angela, senhora casada, amou-me, nunca porém se aviltou confessando-me o seu amor, nem eu a ultrajei declarando-lhe o meu.»

E logo me parecia que voz profunda e mysteriosa dizia: «coração da senhora casada é como templo santificado... o palpitar illicito, delinquente embora abafado, que o mundo não percebe, é profanação do templo, quebra moral do voto sacramentado... é uma nuvem, onde Deus quer sómente luz...»

Eu a pensar ou a imaginar assim tinha momentos de aterradoras apprehensões a esperar e a temer também o meu castigo de amante apaixonado de senhora a quem não tinha o direito de amar...

Oh!... escrupulos de consciencia, de religião, de virtude em tempos de licenciosidade philosophica, que annulla a honra, condemna o amor, revoga a familia, aniquilla a sociedade e decreta a abolição de Deus.

.....

Entretanto, eu era immensamente feliz...

Ignez formosissima, cada dia mais encantadora...
cada dia mais um anjo de enfeitiçadora dita.

Mas quando eu ia, ainda mesmo inebriado pelo amor de Ignez, a passear pelo jardim que fôra de Angela, eu, olhando para o logar da cova de Pollux, dizia sempre entre mim:

— O cão é sempre em amor mais fiel e mais dedicado do que o homem. Pollux, o cão, foi mil vezes melhor do que eu, o homem.

FIM



5111

